

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS

OSVALDO JEFFERSON DA SILVA

**ANÁLISE SOCIORRETÓRICA DA DEDICATÓRIA COMO UM GÊNERO
TEXTUAL INSTITUCIONALIZADO**

Anápolis-GO

2017

OSVALDO JEFFERSON DA SILVA

**ANÁLISE SOCIORRETÓRICA DA DEDICATÓRIA COMO UM GÊNERO
TEXTUAL INSTITUCIONALIZADO**

Dissertação apresentada como requisito parcial
para obtenção do título de Mestre em
Educação, Linguagem e Tecnologias da
Universidade Estadual de Goiás.

Área de concentração: Processos Educativos,
Linguagem e Tecnologias

Linha de Pesquisa: Linguagem e práticas
sociais.

Orientador: Prof. Dr. Sostenes Cezar de Lima

Anápolis-GO

2017



Universidade
Estadual de Goiás



ESTADO
DE GOIÁS

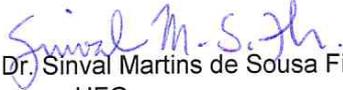
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM
EDUCAÇÃO, LINGUAGEM E TECNOLOGIAS**

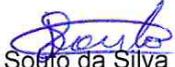
ATA DE SESSÃO DE DEFESA

Aos oito dias do mês de novembro de dois mil e dezessete, às 14 horas, na sala de aula do PPG-IELT, no Campus Anápolis de CSEH – Anápolis-GO realizou-se a sessão de julgamento do trabalho de defesa do mestrando Osvaldo Jefferson da Silva intitulado **Análise sociorretórica da dedicatória como um gênero textual institucionalizado**. A Banca Examinadora foi composta pelos seguintes Professores Doutores: Sostenes Cezar de Lima (orientador) – Câmpus CCSEH/UEG, Barbra do Rosário Sabota Silva – CCSEH/UEG e Sinval Martins de Sousa Filho – UFG. Os membros da banca fizeram suas observações e sugestões, as quais deverão ser consideradas pelo mestrando e seu orientador. Em seguida, a Banca Examinadora reuniu-se, em sessão secreta, para proceder à avaliação da defesa de dissertação. Reaberta a sessão pública, o presidente da banca examinadora, Prof. Dr. Sostenes Cezar de Lima, proclamou o resultado, segundo o qual a dissertação foi aprovado, considerando-se cumprido este requisito para o fim de obtenção do título de **MESTRE EM EDUCAÇÃO, LINGUAGEM E TECNOLOGIAS**, pela Universidade Estadual de Goiás. A conclusão do curso se dará quando da entrega, na secretaria do Programa, da versão definitiva da dissertação com as devidas correções. Cumpridas as formalidades de pauta, às 16h, a presidência da mesa encerrou esta sessão de defesa de dissertação e, para constar eu, Dercilene Souto da Silva Rodrigues, secretária do Programa de Pós-Graduação em Educação, Linguagem e Tecnologias, lavrei a presente ata que, depois de lida e aprovada, será assinada pelos membros da Banca Examinadora em três vias de igual teor.


Prof. Dr. Sostenes Cezar de Lima
CCSEH /UEG


Prof. Dr. Barbra do Rosário Sabota Silva
CCSEH /UEG


Prof. Dr. Sinval Martins de Sousa Filho
UFG


Dercilene Souto da Silva Rodrigues
Secretária do PPG-IELT

Ficha catalográfica

S586a Silva, Osvaldo Jefferson da.
Análise sociorretórica da dedicatória como um gênero textual institucionalizado [manuscrito] / Osvaldo Jefferson da Silva. - 2017.
109f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Sostenes Cezar de Lima.
Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias).
Universidade Estadual de Goiás, Campus de Ciências Socioeconômicas e Humanas, Anápolis, 2017.

Inclui bibliografia.

1.Educação e Linguística. 2.Linguística - Análise de Gênero. 3.Análise linguística - Dedicatórias - Trabalhos científicos. 4. Dissertações - PPG-IELT - UEG. I.Lima, Sostenes Cezar de. II.Título.

CDU 81'42(043.2)

Elaborada por Aparecida Marta de Jesus Fernandes
Bibliotecária/UEG/Anápolis - CCSEH
CRB1/2385

DEDICATÓRIA

Dedico...

A DEUS, porque Ele me amou primeiro.

A minha família, a base de tudo, em especial,



*Ao meu pai,
Oswaldo Pedro,
por sua simplicidade
mantenho meus pés
no chão quando me
lembro da minha
origem ribeirinha.*



*À minha mãe,
Ana Rodrigues,
por respeitar e
apoiar minhas
escolhas, além de
confiar plenamente
em mim.*



*Ao meu esposo,
Fagner Brandão,
por não desistir de
lutar por nós e fazer
com que eu me
lembre todos os dias
que o amor é uma
conquista diária.*



*Aos meus pets:
Pititico, Milly, Angel,
Hope e os peixes,
porque enquanto eu
estudava, eles
esperavam um
carinho com toda a
paciência do mundo.*

Às instituições que me formam todos os dias:



*Aos professores, colegas e amigos,
orientadores e demais servidores da
Universidade Estadual de Goiás, por me
respeitarem e me ajudarem no meu processo
de formação profissional*



*Aos profissionais da educação e colegas de
profissão da Secretaria de Estado de
Educação, Cultura e Esporte de Goiás, por
me ensinarem sobre trabalho em equipe e
por conviverem comigo a maior parte do
meu dia.*

A todos e todas que de alguma forma colaboraram para que esta pesquisa fosse possível ser realizada: autores, pesquisadores, dedicadores e dedicatários.

A mim, um ser humano que tece sua história com fios de orgulhos e linhas de saudades.

Para todo o sempre... Oswaldo Jefferson.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é um ato de respeito, consideração e assumência de que somos sujeitos sociais e necessitamos partilhar nossas experiências com os demais.

Querer agradecer é a tentativa de retribuir às pessoas que, de alguma forma, fizeram parte da nossa vida. Por isso,

ao meu Deus, por me mostrar o momento certo, dá-me as palavras necessárias e me acompanhar durante toda a trajetória da minha vida. *Jefferson (o cristão)*

Aos amantes: “Óvulo e Zóide” que, num encontro sexual fulminante, projetaram meu ser pelos instintos animalescos dos meus progenitores. *Kiko (o filho)*

À minha família, por me respeitarem, mesmo que, às vezes, eu tenha sido o motivo ora de dores, ora de alegrias. *O Jefferson (o mano, o genro, o primo, o cunhado, o tio, o sobrinho)*

A cada um dos professores e professoras que tive em minha vida. Vocês sempre serão estrelas que iluminaram meu caminho, por terem incentivado minha ousadia acadêmica na realização de um “tecer” profissional feito com fios de orgulho e agulhas de saudade. *Oswaldo (o aluno)*

Aos meus “anjos sonhadores” que permitiram meu desenvolvimento intelectual e me ensinaram a compreender a fragilidade e força do ser humano dentro e fora de sala de aula. *Tio J. (o professor)*

Abraços eternos infetados com o vírus da amizade aos que sorriram, choraram, colaram e torceram por mim. *Oswaldo Jefferson (o amigo e colega de trabalho)*

À comunidade de fé inclusiva que orou por mim e me fez lutar suas batalhas. A cada membro do corpo de Cristo, por me ensinar que não devemos ter vergonha de expressar nossa fé. *Paistor Jefferson (o conselheiro)*

À cada vida que foi, um potinho de mel ou de fel, nesses dois anos de formação acadêmica, em busca do título de Mestre. Amei cada experiência doce e aprendi amar as amargas. *O Jeff (o garoto das dedicatórias)*

Ao meu esposo, por não desistir de nós, por me ensinar a amar, a perdoar e entender que é melhor sermos dois do que um. *Paixão (o marido)*

É em esse desdobrar de relações que vivo.

Há grupos que escolho pertencer. Há outros que não, mesmo quando pareço não me encaixar. Todavia, todas essas relações foram e são importantes para que eu me conheça melhor a cada dia.

Saber agradecer é poder dizer a palavra certa para a pessoa certa, procurando declarar, num enunciado, toda explicitude do sentimento de gratidão.

Definir quem merece receber agradecimentos é impossível, pois não somos capazes de nomear, uma a uma, as pessoas que contribuíram para nossa formação, ou seja, os sujeitos que nos fizeram tornar quem somos e produzir os discursos que conseguimos.

RESUMO

A Análise de Gênero (AG) investiga gêneros textuais utilizados em diversos contextos, a partir da interação social dos membros de uma comunidade comunicativa. Tivemos como objetivo analisar dedicatórias institucionalizadas, no ambiente acadêmico, investigando-as como gênero textual, visando compreender como se dá o processo de elaboração e uso de dedicatórias no ambiente acadêmico, a partir de comunidades comunicativas distintas. A discussão partiu da tentativa de responder às seguintes questões de pesquisa: Qual a organização retórica da dedicatória produzida no contexto acadêmico? Quais os processos de identificação dos dedicadores em relação às pessoas homenageadas nas dedicatórias? Quais são as tipologias e categorias de análise da pesquisa, vinculadas à comunidade de pesquisa? A teoria aplicada baseia-se na análise sociorretórica de gênero, na perspectiva de John Swales. Selecionamos textos teóricos sobre os quatro eixos norteadores do estudo: análise de gênero, estudos retóricos dos gêneros, contexto acadêmico e dedicatória. Investigamos as formas utilizadas na composição das dedicatórias, a partir da situação retórica recorrente de conclusão de trabalho científico em nível de mestrado – a produção da dissertação acadêmica. As unidades retóricas selecionadas estão inseridas em dissertações acadêmicas de uma universidade pública goiana. Para isso, foram coletadas 68 dissertações de duas áreas de concentração: Educação e Linguagem (Letras e Linguística). Todavia, desse quantitativo foram encontradas 46 dedicatórias. O período contemplado para a seleção das dissertações acadêmicas foi de janeiro de 2014 a dezembro de 2015, diante disso, o recorte temporal foi fator determinante para seleção das dedicatórias. Na análise das dedicatórias, definimos quatro categorias gerais: a estrutura retórica do gênero, os tipos de dedicatários, os modos de identificação e a estrutura dos movimentos retóricos. Segundo os resultados obtidos, a organização retórica da dedicatória apresenta estruturas composicionais, mecanismos de hibridização, alocação específica e expressões típicas das comunidades comunicativas. Essas características vão definindo certo padrão de composição retórica da dedicatória composto pela identificação do(s) dedicatário(s), o estabelecimento do vínculo relacional existente entre dedicador e dedicatário(s), a descrição da ação retórica que justifica o vínculo e a apresentação das impressões simbólicas do dedicador quanto ao(s) dedicatários. Ao final, constatamos que: os ambientes institucionalizados apresentam situações retóricas habituais; o contexto acadêmico constitui um poder simbólico institucional; os gêneros textuais são a convencionalização da comunicação; a tipificação trata-se das regularidades comuns que elaboram e justificam existência, uso e manutenção dos gêneros textuais que validam o construto genérico e o aporte teórico que os amparam; a dedicatória dentro do hipergênero é uma subunidade retórica dentro do gênero; as dedicatórias podem ser classificadas quanto à construção retórica, tipos de destinatários e modos de identificação, além disso, a dedicatória apresenta um modelo estrutural dos movimentos retóricos.

Palavras-chave: Análise de Gênero. Sociorretórica. Dedicatória. Contexto acadêmico.

ABSTRACT

The Genre Analysis (GA) investigates textual genres used in different contexts, based on the social interaction of the members of a communicative community. We aimed to analyze institutionalized dedications, in the academic environment, he is investigating the dedication as a textual genre, he is aiming to understand how the process of elaboration and use of dedications in the academic environment, in different communicative communities. The discussion started with the attempt to answer the following research questions: What is the rhetorical organization of the dedication produced in the academic context? What are the processes for identifying the dedicators in relation to the persons honored in the dedications? What are the typologies and categories of research analysis, linked to the research community? Applied theory is based on socio-rhetorical analyses of genre, from the perspective of Jhon Swales. In the methodology of the research, this investigation is characterized as deductive, since we start from the theory for the data collected. This is a qualitative research. For that, we selected theoretical texts about the four guiding axes of the study: gender analysis, rhetorical studies of genres, academic context and dedication. In this process, we define authors, texts, construct reference files and prepare catalytic data sheets to identify the selected dedications for the corpus of analysis, which collaborated to define the categories of analysis. After delimiting the research cut, we continue to read the existing literature that collaborated in the definition of the research cut, which allowed us to define the dedications that constituted the corpus of the study. We investigated the forms used in the composition of the dedications, from the recurrent rhetorical situation of conclusion of scientific work at master's level - the production of the academic dissertation. The rhetorical units selected for this study are included in academic dissertations of a public university in Goias. For that, 68 dissertations were collected from two areas of concentration: education and language (Letters and Linguistic). The period contemplated for the selection of the academic dissertations was from January 2014 to December 2015. In the analysis of the dedications, we define four general categories: the rhetorical structure of the genre, the types of dedicators, the modes of identification and the structure of the rhetorical movements. According to the results obtained, the rhetorical organization of the dedication presents compositional structures, mechanisms of hybridization, specific allocation and typical expressions of communicative communities. These characteristics define a certain pattern of rhetorical composition of the dedication composed of the identification of the dedication(s), the establishment of the relational bond between the dedicator and the dedication(s), the description of the rhetorical action that justifies the link and presentation of the of the dedicator(s). In the end, we find that: the institutionalized environments present habitual rhetorical situations; the academic context is an institutional symbolic power; textual genres are the conventionalization of communication; the typification is the common regularities that elaborate and justify the existence, use and maintenance of the textual genres that validate the generic construct and the theoretical support that support them; the dedication within hypergenesis is a rhetorical subunit within the genre; the dedications can be classified as to the rhetorical construction, types of recipients and modes of identification, in addition, the dedication presents a structural model of rhetorical movements.

Key-words: Genre Analysis. Socio-rhetorical. Dedication. Academic context.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Dedicatória não convencional	55
Figura 2 – Dedicatória típica	75
Figura 3 – Dedicatória hibridizada	78
Figura 4 – Dedicatória intertextual	79
Figura 5 – Dedicatória determinada pelo hipergênero (Linguagem)	80
Figura 6 – Dedicatória determinada pelo hipergênero (Educação)	81
Figura 7 – As relações do dedicador e seus dedicatários	84
Figura 8 – Dedicatários da instituição familiar	86
Figura 9 – Dedicatário com vínculo familiar afetivo por adoção	87
Figura 10 – Dedicatória póstuma: primeiro caso	88
Figura 11 – Dedicatória póstuma: segundo caso	89
Figura 12 – Dedicatória póstuma: terceiro caso	89
Figura 13 – Dedicatória pré-natalística	90
Figura 14 – Homenagem à orientadora (Educação)	91
Figura 15 – Homenagem à orientadora (Linguagem)	92
Figura 16 – Homenagem explícita ao orientador (Linguagem)	92
Figura 17 – Homenagem à professora incentivadora da pesquisa	93
Figura 18 – Homenagem aos colegas de área de concentração da pesquisa	94
Figura 19 – Homenagem aos colegas da turma do mestrado	94
Figura 20 – Homenagem à comunidade de pesquisa da EJA	95
Figura 21 – Homenagem à comunidade de pesquisa da Educação Básica	96
Figura 22 – Homenagem à comunicada de pesquisa dos alunos surdos	97
Figura 23 – Dedicatória sem identificação relacional	98

Figura 24 – Dedicatória com modo de identificação relacional	100
Figura 25 – Dedicatória com modo de identificação acional	100
Figura 26 – Dedicatória com modo de identificação representacional	101
Figura 27 – Dedicatória com modos de identificação: versão didática	102

LISTA DE QUADROS, TABELAS E ESQUEMAS

Quadro 1 – Conceituação de Gênero por Miller e Bazerman	26
Quadro 2 – Descrição dos elementos de constituição do gênero textual para Swales	28
Quadro 3 – Elementos de categorização de gênero descritos por Bhatia	31
Quadro 4 – Analogia de elementos dos gêneros textuais entre Swales e Bhatia	32
Quadro 5 – Orientações metodológicas de análise de gênero de Bhatia	32
Quadro 6 – Áreas do Conhecimento	39
Quadro 7 – Descrição das intervenções nos conjuntos e sistemas de gênero na mudança dos critérios de aprovação de disciplinas	45
Quadro 8 – Agrupamento de gêneros por Bezerra (2011)	45
Quadro 9 – Paralelismo teórico entre Genette e Bonini	49
Quadro 10 – Retórica prototípica da dissertação acadêmica	58
Quadro 11 – Retórica prototípica de alocação da dedicatória na dissertação acadêmica..	60
Quadro 12 – Elementos de investigação nas relações da dedicatória e seus usuários.....	62
Esquema 1 – Fluxograma dos programas de pós-graduação <i>stricto sensu em Educação e Letras/Linguística</i>	69
Quadro 13 – Dedicatórias nas dissertações de mestrado das áreas de Educação e Linguagem (Letras/Linguística)	71
Quadro 14 – Vínculos dos dedicatários encontrados nas dedicatórias	83
Quadro 15 – Modelo estrutural dos movimentos retóricos na dedicatória	103
Quadro 16 – Elementos de constituição da identificação do dedicatário	104

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
AD	Análise do Discurso
AG	Análise de Gêneros
ASG	Análise Sociorretórica de Gênero
BDTD	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações
CARS	<i>Create a research space</i>
ERG	Estudos Retóricos de Gêneros
MR	Movimento Retórico
NBR	Norma Brasileira de Referência
PPG-IELT	Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias
UEG	Universidade Estadual de Goiás
UFG	Universidade Federal de Goiás

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
CAPÍTULO 1 – ANÁLISE DE GÊNERO: PERSPECTIVAS TEÓRICAS	20
1.1 Gênero do discurso: implicações teóricas bakhtinianas	20
1.2 O gênero como ação social: aportes teóricos de Miller e Bazerman	23
1.2.1 Tipificação de gênero	25
1.3 As contribuições sociorretóricas de Swales	27
1.4 A constituição do gênero de Bhatia	31
1.4.1 Conhecimento convencionalizado	33
1.4.2 Versatilidade genérica	34
1.4.3 Integridade genérica vs. tendência para a inovação	34
1.5 Análise de gêneros e contexto acadêmico	36
CAPÍTULO 2 – AGRUPAMENTO DE GÊNEROS E CONSTITUIÇÃO DO HIPERGÊNERO	41
2.1 Agrupamento de gêneros	42
2.1.1 Conjunto de gêneros: a perspectiva de Devitt	43
2.1.2 Gêneros disciplinares: a visão bhatiana	43
2.1.3 Conjunto e sistema de gêneros: concepções de Bazerman	44
2.2 Do texto ao paratexto em Genette	46
2.3 A constituição do hipergênero	48
2.3.1 Agrupamento de unidades retóricas	50
2.3.2 Hierarquia composicional do hipergênero	51
2.3.2.1 Colônia retórica: eixo de alocação e de sistematização estrutural do hipergênero	51

2.3.2.2 Seção retórica: componentes complementares de sistematização do hipergênero	52
2.3.2.3 Bloco retórico: componentes peculiares de sistematização do hipergênero	55
2.4 A constituição do gênero dedicatória	61
2.4.1 Dedicatórias: aspectos históricos das dedicatórias registradas na modalidade escrita	62
CAPÍTULO 3 – ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	65
3.1 Natureza da dissertação acadêmica	66
3.2 Procedimentos de coleta de dados	68
3.3 Procedimentos de mensuração de dados	71
3.4 Procedimentos de análise de dados	72
3.5 Categorias de Análise	73
CAPÍTULO 4 – ANÁLISE DE DEDICATÓRIAS: PROCESSOS DE CONSTITUIÇÃO E ORGANIZAÇÃO RETÓRICA	74
4.1 Análise das dedicatórias: quanto à estrutura retórica	74
4.1.1 Dedicatória Típica: estrutura prototípica mais comum	75
4.1.2 Dedicatória hibridizada: confluência de gêneros textuais	76
4.1.3 Dedicatória determinada pelo hipergênero: enquadramento alocacional	80
4.2 Análise das dedicatórias: quanto a designação de dedicatário	82
4.2.1 Dedicatória direcionadas a membros familiares	85
4.2.1.1 Dedicatória póstumas	88
4.2.1.2 Dedicatória pré-natalística	90
4.2.2 Dedicatória direcionada a membros da comunidade de pesquisa	91

4.2.2.1 Dedicatória a orientadores	91
4.2.2.2 Dedicatória aos professores e colegas: membros da comunidade comunicativa acadêmica específica	93
4.2.3 Dedicatória dispersa: direcionadas a membros da comunidade pesquisada	95
4.3 Análise das dedicatórias: quanto aos modos de identificação	98
4.3.1 Modo de identificação relacional	99
4.3.2 Modo de identificação acional	100
4.3.3 Modo de identificação representacional	101
4.4 Organização retórica da dedicatória: estrutura dos movimentos retóricos ...	103
CONSIDERAÇÕES FINAIS	106
REFERÊNCIAS	109

INTRODUÇÃO

Em nossos estudos, percebemos que a Análise de Gênero (AG) tem sido muito utilizada nos programas de pós-graduação na área de estudos linguísticos aplicados a contextos acadêmicos e profissionais. Por isso, buscamos investigar como a dedicatória se constitui como gênero, a partir da interação social dos membros de uma comunidade comunicativa, pois são os membros que definem as “formas tipificadas ou gêneros, e somos levados a tipificar as situações nas quais nos encontramos [...], já que a tipificação dá certa forma e significado às circunstâncias e direciona os tipos de ação que acontecerão.” (Cf. BAZERMAN, 2006, p. 29).

As dedicatórias analisadas foram produzidas em uma situação comunicativa específica de encerramento de cursos de programas de pós-graduação *stricto sensu* – mestrado. Portanto, usamos a expressão *comunidade comunicativa* para nos referirmos ao grupo de autores das dedicatórias que pertencem ao ambiente acadêmico.

Baseamos nosso estudo na linha teórica denominada Análise Sociorretórica de Gênero (ASG), na perspectiva de John Swales (1990, 2004, 2013), teoria desenvolvida a partir da análise de introduções de artigos científicos. Dentre os pressupostos apresentados pelo autor, temos a identificação dos movimentos retóricos mais recorrentes, nesses textos, resultando na proposta do modelo CARS (*Create a Research Space*) que formata a construção dessas introduções.

A dedicatória pode ser definida como gênero textual e o autor possui total liberdade para valorizar os indivíduos que contribuíram na composição de seus escritos: livros literários, pesquisas acadêmicas, obras de diversas áreas do conhecimento.

Os gêneros denominados dedicatórias são categorizados em dois grandes eixos: dedicatórias *formais* impressas em produções, já previstas antes da publicação de um texto científico ou não, e as dedicatórias *informais* registradas em datas e/ou momentos especiais nos cartões, bilhetes ou são acrescentadas no livro após a publicação de forma manuscrita.

Geralmente, o acesso e emprego da dedicatória no contexto acadêmico restringem-se aos limites da biblioteca universitária, nos livros disponíveis no acervo e nos trabalhos científicos produzidos. Por meio desse recorte chegamos ao seguinte tema: Análise sociorretórica de dedicatória como gênero textual institucionalizado.

A análise de gêneros “como estudo do comportamento linguístico em contextos acadêmicos ou profissionais, tem se tornado extremamente popular nos últimos anos,

despertando amplo interesse entre pesquisadores de diversas áreas teóricas e aplicadas.” (BHATIA, 2001, p. 102).

A dissertação acadêmica, por exemplo, é um hipergênero composto por colônias, seções e blocos retóricos (LIMA, 2013). Nela encontramos a dedicatória, instaurada como bloco retórico opcional no texto científico.

Muitos gêneros são formados por outros. Alguns são categorizados como hipergêneros, em virtude da abrangência. Por esse motivo, há agrupamentos internos e espaços de alocação dos gêneros dentro do hipergênero e, pela questão hierárquica, essas unidades retóricas de maior extensão precisam apresentar determinadas estruturas (LIMA, 2013). Neste estudo, temos dedicatória (gênero) inserida dentro da dissertação acadêmica (hipergênero) que circula num espaço institucionalizado gerador de situações retóricas recorrentes. Essa situação comum, de enunciado produzido no encerramento de curso, vai definindo as formas de padronização e regras de uso das estruturas textuais da dedicatória.

Esses textos, dentro do contexto acadêmico, tornam-se documentos oficiais que regem os sistemas e conjuntos de gêneros que circulam numa determinada comunidade comunicativa de usuários.

Aos membros mais experientes de uma comunidade comunicativa compete o papel de manter e transmitir aos novos integrantes as formas adequadas de aplicação dos gêneros. Bawarshi e Jo Reiff (2013, p. 16) evidenciam que

os gêneros são entendidos como formas de conhecimento cultural que emolduram e medeiam conceitualmente a maneira como entendemos e agimos tipicamente em diversas situações. Essa concepção reconhece que os gêneros *tanto* organizam *como* geram espécies de texto e ações sociais numa complexa e dinâmica relação recíproca.

Conforme as autoras, os gêneros são organizados a partir da sistematização das próprias ações sociais, resultante das práticas de linguagem cotidianas. Assim, não somente os gêneros são regulados, mas toda a instituição em que eles circulam.

No que se refere à metodologia da pesquisa, primeiramente, selecionamos as referências bibliográficas relevantes sobre os quatro eixos norteadores do estudo – análise de gênero, estudos retóricos dos gêneros, contexto acadêmico e dedicatória. Após a delimitação do recorte da pesquisa, continuamos realizando a leitura da literatura existente que colaborou na definição do recorte da pesquisa o que nos permitiu definir as dedicatórias que constituíram o corpus do estudo.

Para este estudo, coletamos 68 dissertações de duas áreas de conhecimento: Educação e Linguagem (Letras e Linguística), com o objetivo de conhecer o uso da dedicatória no

ambiente institucionalizado. Por isso, os enunciados escolhidos foram as dedicatórias inseridas em dissertações de mestrado de universidade pública goiana, abrangendo essas duas áreas de conhecimento.

Um aspirante a mestre, membro da comunidade acadêmica, vê a dedicatória na dissertação como um enunciado que marca o término de um trabalho científico de grande densidade teórica. Todavia, há uma expectativa de ascensão de um novo nível acadêmico. Por isso, na dedicatória - esse espaço enunciativo de reconhecimento, o dedicador homenageia àqueles que colaboraram com sua pesquisa ou um produto resultante de um momento de catarse emocional.

Para análise do *corpus*, a revisão teórica foi realizada por meio de um levantamento da literatura publicada sobre a dedicatória. Por isso, acionamos os escritos de Genette (2009), Chartier (1995, 1999), Schawarcz (2002), Delmas (2008), De Nipoti e Pinto (2011) e Moraes (2014) para compreender, de forma breve, o processo de evolução da dedicatória, ao longo da história, mas dando ênfase ao estudo desse gênero quando aplicado no ambiente acadêmico institucionalizado. Para isso, investigamos as formas utilizadas na composição das dedicatórias, a partir da situação retórica recorrente de conclusão de trabalho científico em nível de mestrado – a produção da dissertação acadêmica, conforme as normatizações estabelecidas pela instituição e pela Associação Brasileira de Normas e Técnicas (ABNT).

Nesse processo, definimos autores, textos, construímos fichamentos das referências e elaboramos fichas catalográficas de identificação das dedicatórias selecionadas para o *corpus* de análise, o que colaborou para definição das categorias de análise.

Até o presente momento, constatamos que tanto a Associação Brasileira de Normas e Técnicas (ABNT) quanto a universidade pesquisada ainda não se arriscaram a discutir de maneira mais detalhada as orientações para a elaboração desse gênero nos trabalhos científicos. Isso constitui, em parte, um dos aspectos que justifica a escolha do tema deste estudo.

Na tentativa de traçar um percurso para a pesquisa, estruturamos esta dissertação em quatro capítulos:

No primeiro capítulo, *Análise de gênero: perspectivas teóricas*, apresentamos aspectos gerais de constituição da AG, mencionando suas abordagens. O ponto de partida para as discussões foram os estudos discursivos de Bakhtin e, em seguida, damos ênfase à abordagem sociorretórica de Swales.

Já no segundo capítulo, *Agrupamento de gêneros e constituição do hipergênero*, apontamos as formas gerais de agrupamento externos de gêneros (sistemas, conjuntos e

gêneros disciplinares), bem como as formas internas de agrupamento de gênero dentro do hipergênero dissertação acadêmica (colônia retórica, seção retórica e bloco retórico). Para fundamentar tais discussões, acionamos os estudos de Devitt (1991), Bhatia (2004), Bazerman (2004), Bezerra (2006, 2007, 2011, 2012, 2013), Bonini (2007, 2011) e Lima (2013). Encerramos esse texto a discussão sobre os aspectos conceituais e históricos das dedicatórias, acionando autores como: Genette (2009), Chartier (1995, 1999), Schawarcz (2002), Delmas (2008), De Nipoti e Pinto (2011) e Moraes (2014).

Apresentamos, no terceiro capítulo, *Aspectos metodológicos da pesquisa*, o percurso de construção do estudo, abrangendo desde os critérios de seleção do *corpus* até a forma como esses textos foram catalogados e analisados. Nesta etapa, as contribuições de Lüdke (1986), Minayo (2001), Lakatos e Marconi (2008), Delmas (2008) e Flick (2009) foram significativas para situar a pesquisa e definir critérios de análise das dedicatórias.

No quarto capítulo, *Análise de dedicatórias: processos de constituição e organização retórica* são feitas as descrições das etapas da pesquisa, desde a definição do tema até o momento em que o *corpus* coletado foi analisado, lançando mão dos pressupostos teóricos explicitados nos capítulos anteriores, além de apresentar as categorias de análise e a composição retórica mais recorrente da dedicatória no contexto acadêmico.

Nas *Considerações finais* realizamos uma retrospectiva da pesquisa para retomar linhas gerais do estudo, a fim de apresentar os resultados alcançados e, posteriormente, nas *Referências* apresentamos as fontes de leitura que embasaram as discussões que foram arroladas ao longo deste trabalho.

CAPÍTULO 1 – ANÁLISE DE GÊNERO: PERSPECTIVAS TEÓRICAS

O número de pesquisas em Análise de Gênero (AG) tem aumentado consideravelmente, podendo ser identificadas três abordagens distintas: a *sociossemiótica*, contemplando estudos dos gêneros e a relação com os eventos sociais, conforme Gunther Kress (1989); a *sociodiscursiva*, investigada pelas perspectivas de gênero do discurso de Bakhtin (1999, 2003) e a visão *sociorretórica*, embasada nas análises de introduções de artigos científicos de Swales (1990, 2001, 2004, 2013).

No Brasil, essas abordagens estão presentes numa quantidade expressiva de pesquisas desenvolvidas nos programas de pós-graduação, destacando-se o estudo dos gêneros utilizados em contextos acadêmicos e profissionais. Dentre eles podemos citar: a dimensão crítica do estudo dos gêneros textuais de Meurer e Bonini (2005); as reflexões sobre metodologias de investigação dos gêneros textuais acadêmicos, elaboradas por Araújo (2004); o trabalho com o gênero ofício, de Silveira (2005), que faz a relação entre prática social e gênero textual na pesquisa e no ensino. Além do estudo do hipergênero, de Bonini (2007, 2011).

Neste capítulo, busca-se apresentar um arcabouço teórico-conceitual para investigação de dedicatórias presentes em dissertações de mestrado, por meio da abordagem sociorretórica de gênero, mesmo que se faça necessário encontrar elementos de outras abordagens.

Primeiramente, apontamos algumas contribuições gerais que se tornaram significativas para o estudo de AG, contemplando teóricos como: Bakhtin (1999, 2003), Miller (1984), Bhatia (1993, 1999, 2001, 2002, 2004, 2014), Bazerman (2006, 2011).

Em seguida, apresentamos a análise de gênero no contexto acadêmico, amparados nas pesquisas de Silveira (2005), Ramires (2007), Bazerman (2011), Bezerra (2012), Florek (2015), Motha-Roth (2016), dentre outros.

1.1 Gênero do discurso: implicações teóricas bakhtinianas

O dialogismo de Mikhail Mikhailovich Bakhtin prevê a interação por meio da linguagem. Segundo Barros e Fiorin (2003, p. 3), “o dialogismo decorre da interação verbal que se estabelece entre enunciador e o enunciatário, no espaço do texto.” Além disso, os autores ressaltam que “outro aspecto do dialogismo a ser considerado é o do diálogo entre muitos textos da cultura, que se instala no interior de cada texto e o define.” (BARROS;

FIORIN, 2003, p. 4). Nesse sentido, o texto constitui-se como um arranjo dialógico em que as vozes se dialogam e interagem entre si, ora se completando, ora se contrapondo.

O sujeito dialógico é apresentado como incompleto e resultante da relação do indivíduo com outros, a partir de suas práticas de linguagem em sociedade. Assim, as condições de produção constituem o espaço discursivo para este sujeito que está constantemente em processo de construção.

A visão dialógica bakhtiniana decorre-se da dialética do próprio signo e da ação do sujeito ao fazer uso do signo enquanto fala. Nesse sentido, o sujeito é dialógico e suas relações são estabelecidas em virtude da presença do outro e do lugar de produção.

Bakhtin considera os gêneros enunciados historicamente situados e estruturados, porque “os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros discursivos, são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem” (BAKHTIN, 2003, p. 268). Nesse sentido, os gêneros são constituídos pelo sujeito e pelas condições de produção da comunidade comunicativa que os utilizam em e para um determinado contexto. Isso ocorre por meio de manifestações dialógicas que revelam valores existentes nas estruturas sociais em que estão inseridas.

Na perspectiva bakhtiniana, o gênero desenvolve-se como *gênero do discurso*, resultante das práticas enunciativas do sujeito, em momento de diálogos orais ou escritos, determinado por cada esfera da atividade humana. Para o autor, “a utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana” (BAKHTIN, 2003, p. 261).

O termo *esfera* refere-se aos ambientes sociais em que os gêneros (enunciados) circulam, pois, cada esfera de atividade humana elabora tipos relativamente estáveis de enunciados. Com isso, a noção de gênero baseia-se em toda modalidade enunciativa que pode ser categorizada pelas regularidades de construção composicional, estilo e tema, pois

estes três elementos (conteúdo temático, estilo e estrutura composicional) fundem-se indissolivelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciado, sendo isso denominamos *gêneros do discurso* (BAKHTIN, 2003, p. 280).

Todos esses fatores influenciam na produção de gêneros, pois os enunciados elaborados em situações comunicativas podem ser similares e acabam reproduzindo certos padrões como: a estrutura composicional, o estilo de linguagem e a temática abordada.

Quando se aplicam os elementos de constituição de gênero de Bakhtin (2003), podemos identificar na dedicatória, por exemplo, esses três aspectos: o *conteúdo* corresponde ao propósito de homenagear e/ou reconhecer pares de comunidades comunicativas em que o autor está/esteve inserido. Quanto ao *estilo*, envolve o aspecto da linguagem e a forma como elaborar o enunciado, pois esse gênero pode variar de um nível mais informal até um nível mais formal da língua. Enquanto a *estrutura composicional* pode apresentar flexibilidade em prosa ou versos, conforme o interesse do enunciador, bem como a proporção de cada período ou estrofe.

Os gêneros denominados dedicatórias são categorizados em dois grandes grupos: dedicatórias *formais* impressas em produções, já previstas antes da publicação, e as dedicatórias *informais* registradas em datas e/ou momentos especiais nos cartões, bilhetes ou são acrescentadas no livro após a publicação de forma manuscrita.

Conforme Antunes (2000), o plano discursivo de um texto deve levar em conta

o grau de envolvimento pessoal, afetivo, do locutor em relação ao que diz e em relação ao seu interlocutor; a modalidade de uso da língua (oral ou escrita) em que se realiza o texto, o nível de maior ou menor formalidade da linguagem utilizada e os contextos em que o texto é produzido e em que irá circular (ANTUNES, 2000, p. 17)

Portanto, reconhecendo a importância de todos esses aspectos apontados por Antunes (2000), o grau de formalidade das dedicatórias está ligado aos diversos contextos em que circula e a quem o enunciado é direcionado. As dedicatórias são enunciados que podem estar impressos nas publicações de áreas distintas do conhecimento e circulando em ambientes profissionais ou acadêmicos num nível formal de uso da linguagem, bem como podem ser inseridos em situações mais comuns do cotidiano num grau de informalidade.

A escolha de uso de um gênero específico é feita por um enunciador, mas há fatores que a determinam. Dentre esses temos: a esfera de comunicação, conforme proposta por Bakhtin (2003), as necessidades temáticas, a relação entre os membros da comunidade discursiva envolvida, a recepção dos enunciatários, além dos interesses dos enunciadores.

Como qualquer outro gênero textual, independentemente, se esse é usado em ambientes formais ou informais, públicos ou privados, institucionalizados ou não institucionalizados, constitui-se como um acordo social estabelecido entre quem produz o gênero e a que se destina. Assim, compreendemos que nas dedicatórias, em especial, o acordo social entre dedicador e dedicatário, muitas vezes é explicitado, sendo mantido e validado pelo próprio conteúdo da dedicatória.

1.2 O gênero como ação social: aportes teóricos de Miller e Bazerman

Partindo do caráter social do sujeito dialógico bakhtiniano, há um grupo de pesquisadores norte-americanos, como Carolyn Miller e Charles Bazerman, que concebem o gênero como ação social, em virtude do papel que o gênero ocupa nas interações e nas práticas sociais.

Nesse viés, Miller (1984) leva-nos a configurar o gênero como ação social, ajudando-nos a esclarecer como esses enunciados são encontrados, elaborados, interpretados e que reações são capazes de promover no leitor.

A autora, fundamentada nesse princípio, faz uso da expressão *situação retórica* para dar conta dos diversos mecanismos de sistematização do gênero e dos propósitos dos enunciadoreis.

Assim, a situação retórica de comunicação determina as regularidades de uso de um gênero textual que se encontra socialmente instaurado. Noutras palavras, é uma ação social por evocar uma reação textual. Em *Genre as social action*, Miller (1984, p. 156) afirma que

particularmente, o importante sobre as situações retóricas é que, na teoria de gêneros, elas se repetem [...] assim, a nossa compreensão está implícita na recorrência das situações, como de algum modo "comparável", "semelhante" ou "análogo" de outras situações, [...]. O que se repete não podem ser uma configuração de material de objetos, eventos e as pessoas, nem pode ser uma configuração subjetiva, pois a "percepção", para esses, também, é única de momento para momento e de pessoa para pessoa. A recorrência é um fenômeno intersubjetivo, uma ocorrência social e não podem ser entendidas em condições materiais.

Nesse sentido, as similaridades de ocorrência das ações sociais apontam os aspectos que envolvem as recorrências que tipificam os gêneros, em virtude das situações retóricas tipificadas. Mesmo que as situações apresentem sinais residuais semelhantes em virtude das ocorrências do uso da linguagem, cada uso enunciativo difere de um momento para outro, pela dinâmica que a própria linguagem possui, além da subjetividade que envolve os sujeitos dialógicos no momento em que se comunica.

Entretanto, a recorrência não prevê repetição exata de situação retórica, pois cada momento é único para cada pessoa que o vive. Conforme a autora, a recorrência de uma situação retórica intersubjetiva deve ser entendida não focada nas condições materiais, mas nas relações constituídas no contexto, nas experiências e percepções dos pares envolvidos em cada recorrência.

Para Bazerman (2011a, p. 10), essas regularidades são sistematizadas como construção formal, podendo ser considerada ação tipificada por nossas intenções e sentidos inteligíveis que se tornam compreensíveis para outros. Assim os gêneros:

- a) dão forma a nossas ações e intenções. Desse modo, gêneros não são somente formas textuais, mas também formas de vida e de ação;
- b) são tipos que as pessoas reconhecem como sendo usados por elas próprias e pelos outros; e
- c) emergem nos processos sociais em que as pessoas tentam compreender umas às outras, suficientemente bem para coordenar atividades e compartilhar significados com vistas a seus propósitos práticos.

Mediante esses apontamentos do autor, os gêneros podem ser reconhecidos e usados dentro dos moldes estabelecidos pelos membros da comunidade comunicativa, resultante das práticas de linguagem histórico-socialmente situadas.

Bazerman (2011a, p. 69), influenciado pelo conceito de situação retórica de Miller (1984), defende que a avaliação da situação ajuda o membro da comunidade

julgar que tipo de declaração é necessária. Pode parecer que a situação requer uma resposta escrita imediata, requer mais experiências para responder a críticas e a questões não-resolvidas, que resultam em uma resposta convincente publicada, ou requer investigações fundamentais das quais sairão tipos de declarações completamente novos. Dentro da conversação da ciência comum, todas as escolhas têm importância retórica, porque ajudam a modelar a próxima declaração a ser feita.

A situação retórica estabelece a forma de linguagem, os gêneros apropriados e o papel dos participantes. Isso implica que, para realizar uma ação comunicativa eficaz, o sujeito deve reconhecer e atender todas as exigências da situação retórica.

Essas interações requerem o conhecimento das atribuições sociais partilhadas, levando em conta as perspectivas individuais, motivadas também pelas determinações dos propósitos comunicativos. Todavia, isso não se instaura só no texto em si, mas nas relações dos envolvidos na ação social de constituição e recepção do gênero. Desse modo, “gêneros são não somente formas textuais, mas também formas de vida e de ação.” (BAZERMAN, 2011a, p. 19).

Em Gênero como ação social em Miller e Bazerman: o conceito, uma sugestão metodológica e um exemplo de aplicação, Gisele Carvalho (2005) reafirma a concepção de gênero como ação social dinâmica, estabelecida a partir da interação dos membros da comunidade.

De acordo com essa perspectiva, os gêneros sistematizam as experiências humanas, atribuindo-lhe sentido, constituindo os meios pelos quais vemos e interpretamos o mundo e agimos nele, dando atenção às relações entre os textos e seus contextos.

Quando os gêneros textuais são socialmente reconhecidos, podemos afirmar que houve um processo de tipificação já convencionalizado.

1.2.1 Tipificação de gênero

Em Gêneros textuais, Tipificação e Interação, Bazerman esclarece que os gêneros constituem

[...] formas de vida, modo de ser. São *enquadres* para a ação social. São ambientes para a aprendizagem. São os lugares onde o sentido é construído. Os gêneros moldam os pensamentos que formamos e as comunicações através das quais interagimos (BAZERMAN, 2006, p. 23).

Segundo Bazerman (2006), a tipificação dos gêneros é realizada pela comunidade comunicativa que os convencionaliza, a partir das situações retóricas habituais encontradas nos ambientes sociais. Essas regularidades tipificadas elaboram e justificam a existência, uso e manutenção do gênero que o validam como construto genérico textual.

Miller (1984) evidencia o papel do contexto e da compreensão das condições retóricas de produção, dando ênfase ao fator da tipificação das situações retóricas. Bazerman (2006, p. 29-30) compreende que *tipificação* consiste no “processo de mover-se em direção a formas de enunciados padronizados, que reconhecidamente realizam certas ações em determinadas circunstâncias, e de uma compreensão padronizada de determinadas situações.”

Anis S. Bawarshi e Mary Jo Reiff (2013, p. 82, grifo dos autores) afirmam que “os gêneros podem ser simultaneamente entendidos como habitação e como hábito: sítios reconhecíveis de *ação* retórica e social, bem como modos tipificados de *agir* retórica e socialmente.” Os autores defendem que

a maneira como determinamos uma situação se baseia não tanto em nossa percepção direta dela, mas muito mais em nossa habilidade de defini-la por meio de tipificações disponíveis, que então moldam nossa percepção de como, por que e quando agir. Assim, interpretação, sentido e ação estão interconectados na visão de Schutz. Agimos em contextos de sentido que interpretamos via tipificações disponíveis, e nossas ações se tornam significativas e conseqüentemente para os outros nesses contextos de sentido. O principal avanço de Miller nos ERG foi reconhecer os gêneros como essas tipificações. (BAWARSHI; JO REIFF, 2013, p. 92)

A AG permite a investigação da produção, circulação e uso ordenado dos gêneros nos ambientes sociais, porque esses fatores estipulam os limites de aplicação de um gênero, a partir das ações retóricas recorrentes de uma comunidade comunicativa.

Com base nos estudos sobre gênero de Miller (1984) e Bazerman (2006), temos as definições a seguir:

Quadro 1 - Conceituação de Gênero por Miller e Bazerman

TEÓRICO(A)	DEFINIÇÃO
Miller (1984)	O gênero é uma ação retórica tipificada baseada numa situação retórica recorrente.
Bazerman (2006)	Os gêneros não são apenas formas. Gêneros são formas de vida, modos de ser. São frames para a ação social. São ambientes para a aprendizagem. São os lugares onde o sentido é construído. Os gêneros moldam os pensamentos que formamos e as comunicações através das quais interagimos. Gêneros são os lugares familiares para onde nos dirigimos para criar ações comunicativas inteligíveis uns com os outros e são os modelos que utilizamos para explorar o não-familiar.

Fonte: Elaborado pelo autor.

O conceito de Miller (1984) tende a ater-se mais ao enunciado, ao considerar a ação tipificada pautada na situação retórica recorrente. Enquanto Bazerman (2006) estuda o gênero a partir de contextos específicos, no sentido de investigar como se dá o processo de constituição, uso, compreensão e funcionamento de sistemas e circunstâncias de produção do gênero.

Ampliando os estudos de gênero, Silveira (2005, p. 9) enfatiza que por

gêneros entendem-se quaisquer usos distintivos e tipificados de discurso falado ou escrito que ocorrem em interações sociais recorrentes. Assim, subjacente a essa reconceituação de gênero está à concepção de linguagem como atividade interativa e inerentemente social.

Para se pensar o gênero como ação social tipificada, resultante das práticas de linguagem, analisa-se desde a produção à recepção desse gênero. Isso se deve ao fato das interações sociais serem capazes de promover recorrências das ações retóricas que lhes dão um caráter peculiar de aplicação em determinadas circunstâncias.

É importante destacar que os gêneros, muitas vezes, somente terão sentido, ou seja, a interpretação poderá ser feita, quando esses estiverem aplicados num contexto particular da comunidade comunicativa. Assim, é possível fazer o reconhecimento do gênero e sua análise de forma eficaz.

Melanie Kill (2013, p. 254) compreende que o gênero se configura como

modo retórico tipificado de reconhecer, responder e agir de maneira significativa e consequente em situações recorrentes e assim participar de sua reprodução. Os gêneros tanto organizam como geram tipos de texto e ações sociais em relação complexa e dinâmica uns com os outros. Enquanto as concepções tradicionais enfatizam sua aplicação como ferramenta classificatória, as concepções retóricas, linguísticas e literárias contemporâneas compreendem gênero como uma força ideologicamente ativa e historicamente mutável na produção e recepção dos textos, sentidos e ações sociais. Essa visão dinâmica de gênero exige que se estude e ensine como os aspectos formais se conectam com os propósitos sociais, por que os traços formais do gênero existem da forma como existem, e como e por que traços possibilitam certas ações/relações sociais e não outras.

Na abordagem retórica da autora, a concepção de gênero ampara-se na situação, a ação e o texto, resultando na construção dos gêneros e na sua relação com outros, mas ressalta a importância do ensino, com base nos propósitos sociais e traços formais norteadores do uso de determinado gênero e não outro.

Neste estudo, a dedicatória registrada na dissertação acadêmica é concebida como ação e fato social. Por ser um texto opcional, normalmente, quando aparece a dedicatória sinaliza a conclusão do nível de formação de um membro da comunidade comunicativa acadêmica.

1.3 As contribuições sociorretóricas de Swales

A perspectiva sociorretórica, resultante dos estudos de John Malcolm Swales, foi descrita de forma detalhada em *Genre analysis: English in academic and research settings* (SWALES, 1990), com a proposição do modelo CARS (*Create a research space*), desenvolvido a partir da análise de introduções de artigos científicos.

Swales, após analisar introduções de artigos científicos de três áreas distintas (física, educação e psicologia), propôs o modelo CARS como protótipo de organização retórica do gênero. Esse modelo contribuiu para análise de gênero e outros pesquisadores ao longo de seus estudos vão adaptando-o, conforme as particularidades de seu *corpus*.

Segundo a abordagem sociorretórica proposta por Swales (1990, p. 58)

um gênero compreende uma **classe** de eventos comunicativos, cujos membros compartilham um dado conjunto de **propósitos comunicativos**. Esses propósitos são reconhecidos pelos membros especialistas da comunidade discursiva de origem e, portanto, constituem a base lógica [**razão**] para o gênero. Essa base molda a estrutura esquemática do discurso e influencia e coloca limites à escolha de conteúdo e de estilo. O propósito comunicativo é tanto um critério privilegiado como um critério que opera para manter o escopo de um gênero tal como aqui concebido, estritamente focado em uma ação retórica comparável. Além do propósito, os exemplares de um gênero exibem vários padrões de similaridade em termos de estrutura, estilo, conteúdo e audiência pretendida. Se todas as expectativas de probabilidade mais alta forem realizadas, o exemplar será visto como **prototípico** pela comunidade discursiva de origem. Os **nomes** dos gêneros herdados e

produzidos pelas comunidades discursivas e importados por outras constituem uma valiosa comunicação etnográfica, mas tipicamente necessitam de validação posterior. (SWALES, 1990, p. 58, tradução e grifos nossos).

O gênero enfatiza aspectos como a classe de evento comunicativo, o propósito comunicativo, a prototipicidade, a lógica do gênero e a terminologia, isto é, conceitos analisáveis na construção de gênero. Para Swales (1990), todos esses elementos fundamentam a existência do gênero.

Podemos compreender esses termos, conforme informações do quadro a seguir.

Quadro 2: Descrição dos elementos de constituição do gênero textual para Swales (1990)

ELEMENTOS DE CONCEITUAÇÃO	DESCRIÇÃO
1. Classe	Gênero é identificado como uma classe de eventos comunicativos realizados por meio da linguagem verbal, e esses eventos são constituídos de discurso, participantes, funções do discurso e ambiente onde se produz e se recebe o discurso.
2. Propósito comunicativo	O propósito comunicativo seria o ponto fundamental na definição de um gênero, seria a força motivadora do evento ou, em outros termos, o gênero é a realização, nas situações cotidianas, profissionais e acadêmicas, dos objetivos do evento comunicativo.
3. Prototipicidade	O texto que cumpre as características do gênero será identificado como parte desse gênero, como um membro da classe de eventos comunicativos. Os textos que mais plenamente se integram no gênero são aqueles que, pelas suas características, melhor tipificam os textos do grupo.
4. Razão	A importância da razão do gênero está relacionada com o seu propósito, ou seja, ela cumpre as convenções do gênero em função do propósito previsto. Essa razão subjacente determina as restrições em termos de conteúdo, posicionamento estrutural e forma.
5. Terminologia	A terminologia elaborada pela comunidade discursiva para seu próprio uso para nomear os gêneros produzidos na comunidade.

Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

Na abordagem sociorretórica, o teórico evidencia a influência das comunidades discursivas na constituição dessas introduções. Entretanto, em estudos posteriores ao de 1990, Swales ampliou sua definição de comunidade discursiva.

Em *Academic writing for graduate students: Essential tasks and skills* (SWALES; FEAK, [1994], 2004), e em *Genre identification and communicative purpose: A problem and a possible solution*, (SWALES; ASKEHAVE, 2001), os autores reconfiguram o papel do propósito comunicativo no reconhecimento dos gêneros. De acordo com esses novos estudos, o propósito comunicativo não permanece estável, como fora previsto anteriormente.

Quanto à comunidade discursiva, Swales (1998, p. 204) ampliou suas contribuições ao esclarecer que

a comunidade discursiva constitui uma rede interativa de comunicação e representa o meio pelo qual as atividades da comunidade são validadas fora do seu ambiente. Além disso, os membros da comunidade de lugar têm um autoconhecimento sobre os seus valores e identidade. Conhecem também a sua própria história, e os novatos são instruídos nas tradições e nas práticas discursivas da comunidade.

Swales (1998) admite a probabilidade de divergências entre os membros de uma comunidade e assume que as comunidades interagem e influenciam entre si. Além disso, verifica que não há uma estabilidade total no grupo, nem de membros e nem de posicionamento.

Nesta fase, o autor reconhece que a forma do indivíduo expressar-se resulta das interferências e inter-relações comunicativas, advindas das diversas situações retóricas e comunidades que pertence simultaneamente. Por isso, esse conceito seria mais bem aplicado em comunidades discursivas já instauradas, isto é, não naquelas em formação.

Em Análise de gêneros na abordagem de Swales: princípios teóricos e metodológicos, Bernardete Biasi-Rodrigues, Barbara Hemais e Júlio Cesar Araújo (2009, p. 23) definem as comunidades discursivas

como verdadeiras redes socioretóricas que atuam em torno de um conjunto de objetivos comuns, e os seus membros detêm uma familiaridade com gêneros particulares que lhes permite usá-los em causas comunicativas para atender a certos objetivos. Por essa ótica, fica evidente que os gêneros pertencem a comunidades discursivas, não a indivíduos. Eles são propriedades de grupos de indivíduos, que geram convenções e padrões que restringem as escolhas individuais.

As comunidades convencionalizam os gêneros e controlam suas formas de circulação, ou seja, os gêneros constituem propriedades coletivas das comunidades, sendo que cada comunidade discursiva constitui um

grupo de pessoas que regularmente trabalham juntas e têm uma noção estável dos objetivos do grupo, ao mesmo tempo em que percebem a possibilidade de haver mudança nos objetivos. A comunidade de lugar desenvolve os gêneros de acordo com os objetivos e as propostas do grupo. [...] a comunidade discursiva pode também comportar a divergência, a falta de união e o preconceito entre os membros. (BIASI-RODRIGUES; HEMAIS; ARAÚJO, 2009, p. 26)

Há diversidade entre os membros de uma mesma comunidade. Todavia, é preciso levar em consideração que os participantes necessitam ter os objetivos comuns, procedimentos próprios de convívio e a comunicação deve existir entre eles para efetivação da comunidade discursiva.

Em virtude da competência comunicativa necessária à comunidade, os membros mais experientes bem como os novatos influenciam o processo de instauração e evolução dos gêneros, por isso são os indivíduos pertencentes à comunidade que promovem, realizam e manuseiam o gênero textual dentro de suas especificidades.

Swales deixou muitos seguidores que, posteriormente, formaram o que chamamos de Estudos Retóricos de Gênero, doravante ERG. Segundo Anis S. Bawarshi e Mary Jo Reiff (2013, p. 81), esses estudos “tendem a concentrar mais em como os gêneros capacitam os usuários a realizar retórica e linguisticamente ações simbólicas situadas e, ao fazer isso, desempenham ações e relações sociais, cumprem papéis sociais e moldam realidades.”

John M. Swales forneceu princípios teóricos que subsidiaram outros conceitos que contribuíram com a Análise de Gênero. Os estudos realizados no ensino e análise de gêneros em língua inglesa favoreceram as concepções de gêneros textuais e comunidades discursivas e há inúmeros pesquisadores que têm feito uso dos pressupostos teóricos swalesiano, aplicando-os em contextos acadêmicos e profissionais até os dias de hoje.

Biasi-Rodrigues, Hemais e Araújo (2009, p. 17) esclarecem a respeito de Swales que

a aplicação da sua teoria ao ensino tem objetivado oferecer subsídios para que os estudantes exercitem o reconhecimento dos gêneros textuais, identificando as suas características formais e funcionais, e para que desenvolvam a capacidade de produzir textos que realizem com eficácia seus propósitos comunicativos, de acordo com o gênero a que pertencem.

Swales sistematizou os pressupostos retóricos de gênero e lançou mão do modelo que tem norteado inúmeras pesquisas em diversos contextos e ao serem aplicados no ensino de línguas favorecem a formação de sujeitos produtores de textos. Todavia, há críticas a respeito do conceito de gênero swalesiano como, por exemplo, em A relação entre prática social e gênero textual: questão de pesquisa e ensino, Bonini (2007, p. 58) observa que

o termo fica comprometido, tendo em vista que o autor toma a organização retórica do texto como o principal elemento de caracterização do gênero. Isso muitas vezes se revela falacioso, pois diversos outros elementos entram em cena para caracterizá-lo, tais como o suporte, o lugar que o gênero ocupa no suporte, os enunciadores envolvidos e as circunstâncias em que os sujeitos se encontram.

Para Bonini (2007) a parte estrutural do gênero não é fator determinante, mas sim os demais elementos que são utilizados para sua categorização, que envolve os aspectos extralinguísticos.

Os estudos de Swales podem ser ampliados com as contribuições de Bhatia sobre conhecimento convencionalizado, versatilidade e integridade genérica vs. a tendência para a inovação que, somadas aos estudos de AG, corroboram na fundamentação da teoria.

1.4 A constituição do gênero em Bhatia

O gênero é reconhecido e mapeado por sua comunidade comunicativa a partir dos seus espaços de veiculação, seus propósitos comunicativos. Em *Análise de gênero aplicada: um modelo multiperspectivo*¹, Bhatia (2002, p. 6) esclarece que

analisar gênero significa investigar instâncias de convencionalização ou artefatos textuais institucionalizados no contexto de instituições e práticas disciplinares, procedimentos e culturas, a fim de compreender como os membros comunidades discursivas específicas constroem, interpretam e usam esses gêneros para alcançar seus objetivos de comunidade e por que eles os escrevem da maneira que fazem.

A análise de gênero aplicada está pautada em dois aspectos: as complexas realidades da comunicação institucionalizada e como ferramenta pedagógica para elaboração de programas de ensino de línguas.

Para conceituar e analisar gêneros, observa-se que os aspectos elencados por Bhatia convergem-se teoricamente com Swales. Bhatia (1999) retoma alguns apontamentos teóricos swalesianos, consolidando-os e os definindo. Vejamos:

Quadro 3 - Elementos de categorização de gênero descritos por Bhatia

ELEMENTOS	DESCRIÇÃO
1. Propósitos	Objetivos da comunidade institucionalizada e propósitos comunicativos
2. Produtos	Artefatos textuais ou gêneros
3. Práticas	Práticas discursivas, procedimentos e processos
4. Atores	Atores (<i>players</i>): associação (<i>membership</i>) da comunidade do discurso

Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

Para se compreender como determinado gênero é constituído, o autor elencou quatro elementos: propósitos, produtos, práticas e atores. Esses aspectos são indispensáveis para elucidarmos o uso do gênero pelos membros de uma comunidade disciplinar, vinculado às práticas sociais cotidianas.

Bhatia apresenta essas terminologias em seus estudos sobre gênero, principalmente, em contextos institucionalizados (acadêmico ou profissional). As perspectivas de Swales e Bhatia podem ser associadas, observe o seguinte quadro demonstrativo:

¹ Título traduzido por mim do artigo em inglês *Applied genre analysis: a multi-perspective model*, publicado na Ibérica: *Revista de la Asociación Europea de Lenguas para fines específicos* (AELFE) 4, p.3-19, 2002.

Quadro 4 - Analogia de elementos dos gêneros textuais entre Swales e Bhatia

SWALES (1990)	BHATIA (1999)
Propósitos comunicativos e Razão	Propósitos
Prototipicidade e Terminologia	Produtos
Classe	Práticas e Atores

Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

Os *propósitos comunicativos* e *razão* do gênero swalesianos referem-se à força motivadora e aos objetivos de existência do gênero, vinculados às situações recorrentes. Bhatia sintetizou-os apenas como *propósitos*.

A questão da *prototipicidade* vincula-se à materialização e tipificação do gênero em si, e a terminologia condensou-se como *produtos*. A *classe* compõe-se das *práticas* e dos *atores da comunidade comunicativa*.

Partindo desses apontamentos, o estudo dos usos linguísticos por uma comunidade, vinculada a contextos acadêmicos ou profissionais, torna-se o viés de análise de gêneros.

É preciso levar em conta as particularidades já convencionalizadas pelo grupo para uso dos gêneros, incluindo as situações retóricas do ambiente institucionalizado e os eventos comunicativos permissíveis por seus participantes.

Bhatia adotou alguns passos metodológicos que são utilizados para análise de gênero. Segundo a orientação metodológica de Bhatia, há etapas que norteiam estudos com gêneros (SILVEIRA, 2005). A sistematização dessas etapas será apresentada no quadro a seguir, no entanto, acrescento nesse quadro proposto por Silveira (2005) o passo 8 que se refere à função do gênero, para, posteriormente, explicitá-la na análise:

Quadro 5 - Orientações metodológicas de análise de gênero de Bhatia

PASSO	DESCRIÇÃO
1	Colocação do gênero num contexto situacional
2	Levantamento da literatura existente sobre o gênero em questão
3	Refinamento da análise contextual/situacional
4	Seleção do <i>corpus</i>
5	Estudo do contexto institucional

6	Análise em três níveis: a) léxico-gramatical b) padronização de texto ou textualização c) interpretação estrutural do texto-gênero
7	Utilização de informações especializadas dos usuários para a análise de gênero
8	Reconhecimento da(s) função(ões) do gênero, dos impactos causados ou das intenções pretendidas: homenagear, reconhecer, emocionar, reverenciar, convencer, informar, solicitar, desculpar, vender dentre outras.

Fonte: Adaptado de Silveira (2005, p. 15)

Quando esses passos metodológicos são aplicados, nem sempre seguem a mesma sequência, podendo variar, conforme a escolha do pesquisador ou da necessidade do próprio *corpus* da pesquisa.

Bhatia (2001) explicita que os gêneros textuais apresentam três aspectos que constituem bases comuns: *conhecimento convencionalizado*, *versatilidade genérica* e *integridade genérica vs. a tendência para a inovação* que subsidiam a definição do gênero. Detalhando esses três aspectos temos as seguintes concepções.

1.4.1 *Conhecimento convencionalizado*

Bhatia (2001), a respeito do *conhecimento convencionalizado*, elenca três aspectos que estão inter-relacionados no processo de categorização do gênero: (a) recorrência de situações retóricas, (b) propósitos comunicativos compartilhados e (c) regularidades de organização estrutural.

Quanto ao item (a) *Recorrência de situações retóricas*, identifica-se pelas similaridades nos eventos comunicativos, evocados dentro contextos sociorretóricos. Os membros de uma comunidade comunicativa estão inseridos em realidades comuns de campos profissionais ou áreas de pesquisas. Isso acaba sendo associado pela rotina de veiculação dos gêneros, criando assim parâmetros de elaboração e uso.

A partir dessas necessidades, advém à motivação comunicativa que nos direciona ao item (b) *Propósitos comunicativos compartilhados*, são as motivações que direcionam a utilização do gênero resultante das situações retóricas recorrentes que estão imbricados em contextos sociorretóricos específicos. Com base na situação retórica, os membros de uma comunidade comunicativa delineiam os propósitos comunicativos que são aplicados e compartilhados entre eles.

No que se refere ao item (c) *Regularidades de organização estrutural*, o gênero, para tornar-se usual e reconhecido dentro das comunidades comunicativas, necessita apresentar uma organização em sua composição estrutural.

O construto textual precisa ser composto por enunciados que apresentam similaridades comuns, mesmo em textos distintos, pois, muitas vezes, são os elementos de composição que caracterizam um gênero específico. Isso é o resultado de uma situação retórica recorrente de uma comunidade comunicativa.

Uma das bases comum do estudo dos gêneros consiste na “ênfase no *conhecimento convencionalizado*, que confere a cada gênero sua *integridade*.” (BHATIA, 2001, p. 103). Portanto, por meio das regularidades encontradas num gênero, é possível o seu compartilhamento entre os membros de uma comunidade comunicativa.

1.4.2 *Versatilidade genérica*

Segundo Bhatia (2001), a versatilidade genérica constitui a flexibilidade de elaboração do gênero. Essa flexibilidade resulta de fatores como: os propósitos comunicativos, a situação retórica e os participantes da comunidade comunicativa.

Essa versatilidade compreende dois âmbitos: por um lado, temos a variabilidade genérica nos diferentes níveis que a própria língua nos permite transitar; e, por outro, a especificidade do momento de concretização do gênero.

A teoria de gêneros concebe que essa versatilidade leva em consideração os seguintes aspectos: (a) texto e contexto em sentido estrito; (b) o uso que as pessoas fazem da linguagem e o que torna isso possível e (c) língua e cultura, em sentido amplo (BHATIA, 2001).

1.4.3 *Integridade genérica vs. tendência para a inovação*

As comunidades comunicativas que pertencem a contextos retóricos específicos apresentam membros/profissionais mais experientes que fazem uso e garantem a manutenção dos gêneros. É importante ressaltar que os aspectos estruturais, o conteúdo ou a variação do nível da linguagem podem influenciar na prototipicidade comum de um gênero.

Por exemplo, as anotações feitas nos cadernos escolares constituem-se um texto impresso, registrado de forma manuscrita. No entanto, quando as pessoas podem fazer anotações importantes no bloco de notas em um computador, com a possibilidade de acessar informações de forma rápida, há a mudança apenas do suporte, do caderno para o

computador. Todavia, continuam sendo anotações, só que o que antes eram escritas de forma manuscrita e agora passaram a ser digitadas e arquivadas no formato digital.

Essas possibilidades de variação denotam o dinamismo genérico, denominado por Bhatia (2001) como tendência para inovação. Isso significa que o gênero pode evoluir, mas sem ultrapassar os limites de constituição do próprio gênero.

Para Bhatia (2001, p. 109), “os gêneros são socialmente construídos e, mais ainda, intimamente controlados pelas práticas sociais. Gêneros são o meio através do qual os membros de comunidades profissionais ou acadêmicas comunicam-se entre si.”

A análise de gêneros “como estudo do comportamento linguístico em contextos acadêmicos ou profissionais, tem se tornado extremamente popular nos últimos anos, despertando amplo interesse entre pesquisadores de diversas áreas teóricas e aplicadas.” (BHATIA, 2001, p. 102).

Em relação ao gênero que circula em ambientes institucionalizados, há ainda procedimentos administrativos e legais exigidos para que haja a validação dos gêneros pelos membros mais experientes. Esse é o caso da dissertação.

Na dissertação acadêmica e na sua subunidade retórica denominada dedicatória, os gêneros apresentam mais inovação em termos de conteúdo do que de aspectos estruturais. Geralmente, esses constituem gêneros mantendo os seus formatos e os seus objetivos de elaboração bem específicos. Esses dois gêneros textuais compõem enunciados ou conjuntos desses, ordenados e hierarquizados por seus membros. Por isso, precisam ser vistos, descritos e analisados, a partir do contexto em que estiverem inseridos, neste caso, a academia.

A dissertação acadêmica tem sido um gênero explorado em inúmeras pesquisas acadêmicas. Entretanto, a dedicatória é investigada mais em situações informais do que situações formais. No ambiente acadêmico, por exemplo, a dedicatória é considerada uma mera subunidade retórica, sendo sua presença opcional. Por esse motivo, este estudo busca trazer a dedicatória como gênero instaurador e analisá-lo como construto textual de valor dentro no contexto institucionalizado,

Em *Gêneros textuais acadêmicos: reflexões sobre metodologias de investigação*, Antônia Dilamar Araújo (2004, p. 22) defende que a

necessidade de caracterizar gêneros nunca explorados tem motivado estudiosos a pesquisar um grande número de gêneros, no sentido não só de se entender a construção desse gênero seja no campo profissional, seja acadêmico, mas também para facilitar o seu ensino na sala de aula ou o seu uso no ambiente profissional.

Para estudar a dedicatória como gênero textual, inserido na dissertação, é preciso

estabelecer padrões de investigação e também conhecer as regularidades de uso do gênero para identificar como se constrói, instaura, circula, classifica e evolui dentro das práticas de linguagem. Mesmo que a dedicatória seja um gênero subjetivo, restrito a grupo seletivo e, ainda, opcional constitui-se como gênero e circula em diversas esferas de comunicação humana. Se envolver linguagem, é importante estudá-la, pois a linguagem faz parte da essência do homem.

Portanto, se desejamos estudar dedicatória, podemos fazer com qualidade, daí a importância de um arcabouço teórico estruturado e fundamentado, assim será possível utilizar tais conhecimentos para desenvolver materiais pedagógicos e aplicá-los, por exemplo, no ensino desse gênero em sala de aula.

1.5 Análise de gêneros e contexto acadêmico

Miller e Bazerman realizaram estudos sobre gêneros vinculados aos usos e traços específicos dos gêneros escritos em inglês no meio acadêmico, a partir do papel de um sujeito que

em termos de ensino da escrita, procura-se levar os alunos a criar os sentidos que desejam expressar. Esses sentidos podem estar relacionados com o mundo ao seu redor, com a sociedade e com seus destinatários, mas também podem vir de dentro, o que a pessoa como sujeito individual deseja comunicar a outra pessoa. Então, isso sugere que vale a pena investigar quais são os processos psicológicos pelos quais o sentido é identificado, modelado, localizado e recebido pelas pessoas. (BAZERMAN, 2011b, p. 29)

O objetivo desse sujeito, ao fazer uso dos gêneros textuais, é atingir os fins comunicacionais do contexto, isso resulta da relação um com o outro dentro de uma comunidade comunicativa.

No contexto acadêmico, a AG tem sido enfatizada, porque cada comunidade comunicativa requer padrões de uso da linguagem estruturado em gêneros para registro e arquivamento de informações. Além disso, as pesquisas desenvolvidas permitem que os membros reconheçam e manuseiem os gêneros de forma adequada.

É importante ressaltar que, neste estudo, a comunidade comunicativa institucionalizada acadêmica é o primeiro ponto a ser levado em consideração, pois temos duas comunidades disciplinares de áreas do conhecimento distintas: Educação e Linguagem. Ambas estão vinculadas a uma universidade pública goiana.

Motta-Roth (2016) faz uso da expressão *comunidades disciplinares* para especificar grupos peculiares existentes dentro da academia. Esses formam a comunidade comunicativa

acadêmica, que impõe, muitas vezes, situações retóricas que exigem determinados gêneros textuais, a fim de atender as necessidades do meio institucionalizado que a universidade compreende.

Visto isso, os gêneros utilizados no ambiente acadêmico buscam atender aos interesses práticos de rotinas administrativas burocráticas. Assim, esses variam os formatos, conforme membros de cada comunidade comunicativa. Por exemplo, universitários manuseiam diariamente gêneros textuais como: comprovante de matrícula, relatório de pesquisa, formulário de inscrição de eventos, artigos científicos, resenhas, dissertações de mestrado, teses de doutorados, dentre outros.

A efetiva inserção do membro numa comunidade acadêmica se dá a partir do momento em que o estudante tem a capacidade de compreender, manusear e elaborar gêneros solicitados pelo ambiente acadêmico, isso se refere ao letramento acadêmico (LEA; STREET, 1998).

É a partir das relações entre os membros da comunidade e das áreas de atuação que esses indivíduos acabam se identificando, sendo modelados e localizados. Isso não está ligado somente ao gênero em si, mas dos produtores desse gênero.

Silveira (2005, p. 35) afirma que

do ponto de vista cognitivo-social, uma das características mais marcantes do gênero textual é a sua pronta identificação e reconhecimento por parte da maioria das pessoas que vivem nas culturas em que determinados gêneros textuais são de uso corrente. Noutras palavras, o reconhecimento e a produção de gêneros textuais fazem parte da competência comunicativa do indivíduo.

Esse reconhecimento da padronização textual dos gêneros estabelece relações entre os pares, pelas pistas que a linguagem nos permite percorrer. Assim, ao mesmo tempo em que se compreendem as partes do texto, diferenciam-se as características dos membros da comunidade comunicativa, incluindo suas marcas individuais.

Entretanto, a dedicatória, por se tratar de um gênero de homenagem, requer uma versatilidade genérica maior quanto às tipificações estruturais do gênero. Isso se deve ao fato da liberdade que o próprio gênero nos permite ter em sua concepção.

As dedicatórias, embora sejam aplicadas no contexto acadêmico, não se limitam às normatizações composicionais e lexicais dessa comunidade. Ramires (2007, p. 66) aponta que

uma das instâncias mais exigentes no que diz respeito à produção escrita é o meio acadêmico. Num nível de ensino em que se produz e se sistematiza o conhecimento de forma mais aprofundada e complexa do que nos níveis anteriores (fundamental e médio), espera-se que circulem, em seu interior, textos cujos padrões são diferentes daqueles que circulam em meios menos formais. [...] em função de um conjunto de

parâmetros que podem exercer influência sobre a forma como são organizados. Daí se explica o imenso dinamismo e variabilidade desses textos.

A autora ressalta a importância do trabalho com os gêneros nos ambientes acadêmicos, uma vez que eles podem fazer com que cada indivíduo compreenda a estrutura desses e de outros gêneros que estão presentes dentro dessa comunidade acadêmica.

Nesse sentido, não somente a dissertação acadêmica pode ser objeto de estudo de gêneros acadêmicos, mas qualquer outro gênero textual que circule nesse meio.

Por exemplo, na dedicatória inserida no ambiente institucionalizado acadêmico. Geralmente, o dedicador elabora sua homenagem destinando a alguém ou algo vinculado à comunidade comunicativa em que o participante esteja inserido. Contudo, isso não é uma regra.

Benedito Gomes Bezerra (2012, p. 444) afirma que

em diversas situações de interação social, como é o caso do contexto acadêmico de cursos de graduação e de pós-graduação, os estudantes travam contato com diversos gêneros acadêmicos, em função de atividades de leitura e de produção de textos. Situados em uma instância específica de atividade social, esses gêneros necessariamente se constituem e se apresentam numa relação recíproca, por vezes configurando-se como redes complexas que refletem um esperado processo de letramento acadêmico por parte do aluno.

Dessa maneira, como este estudo busca compreender comunidades comunicativas específicas, faz-se necessário identificar as áreas do conhecimento existentes e como foram estruturadas. Essas informações contribuem para análise do gênero e envolve também fatores organizacionais como a sistematização dos programas acadêmicos e das linhas de pesquisa.

Segundo Florek (2015, p. 114),

a tabela de classificação das áreas do conhecimento de natureza hierárquica em quatro níveis: *Grande Área*, *Área*, *Subárea* e *Especialidade*, vigora tanto no CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) quanto na CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), desde 1986.

Há quatro níveis de classificação das áreas do conhecimento que serão exemplificadas nesta seção, a partir dos setores de Educação e Linguagem, ou seja, das comunidades disciplinares enfatizadas nesta pesquisa.

Essas orientações categorizam as dissertações acadêmicas analisadas neste *corpus* e norteiam as discussões. Observe o quadro:

Quadro 6 - Áreas do Conhecimento

GRANDE ÁREA (NÍVEL I)	ÁREA DO CONHECIMENT O (NÍVEL II)	SUBÁREA (NÍVEL III)	ESPECIALIDADE (NÍVEL IV)
Aglomeração de diversas áreas do conhecimento, em virtude da afinidade de seus objetos, métodos cognitivos e recursos instrumentais refletindo contextos sociopolíticos específicos	Conjunto de conhecimentos inter-relacionados, coletivamente construído, reunindo segundo a natureza do objeto de investigação com finalidades de ensino, pesquisa e aplicações práticas	Segmentação da área do conhecimento estabelecida em função do objeto de estudo e de procedimentos metodológicos reconhecidos e amplamente utilizados.	Caracterização temática da atividade de pesquisa e ensino. Uma mesma especialidade pode ser enquadrada em diferentes grandes áreas, áreas básicas ou subáreas
Educação	Educação	Educação	Fundamentos da educação Filosofia da educação História da educação Sociologia da educação Antropologia educacional Economia da educação Psicologia da educacional Administração educacional Administração de sistemas educacionais Administração de unidades educacionais Planejamento e avaliação educacional Política educacional Avaliação de sistemas, inst. planos e programas educacionais Ensino-aprendizagem Teorias da instrução Métodos e técnicas de ensino Tecnologia educacional Avaliação da aprendizagem Currículo Teoria geral de planejamento e Desenvolvimento curricular Currículos específicos para níveis e tipos de Educação Orientação e aconselhamento Orientação educacional Orientação vocacional Tópicos específicos de educação Educação de adultos Educação permanente Educação rural Educação em periferias urbanas Educação especial Educação pré-escolar Ensino profissionalizante
Linguística, Letras e Artes	Letras / Linguística	Linguística	Teoria e análise lingüística Linguagem Fisiologia da linguagem Linguística histórica

			Sociolinguística e dialetologia Psicolinguística Linguística aplicada
Linguística, Letras e Artes	Letras / Linguística	Letras	Língua portuguesa Línguas estrangeiras modernas Línguas clássicas Línguas indígenas Teoria literária Literatura brasileira Outras literaturas vernáculas Outras literaturas estrangeiras modernas Literaturas clássicas Literatura comparada

Fonte: Elaborada com base no *site* oficial da CAPES www.capes.gov.br.

Ressaltamos que um estudo de gêneros no contexto acadêmico apresenta influências dos membros das comunidades comunicativas em que circulam. Por isso, apresentamos, nesta tabela, às linhas de pesquisa que podem interferir ou nortear o conteúdo e vocábulos que aparecerem nas dedicatórias. Observamos, durante as análises, que, normalmente, a delimitação de comunidade pode explicar certas escolhas linguísticas e estruturais do gênero, como demonstraremos adiante.

CAPÍTULO 2 – AGRUPAMENTO DE GÊNEROS E CONSTITUIÇÃO DO HIPERGÊNERO

Para se estudar um gênero específico como a dedicatória, é preciso conhecer em qual agrupamento de gêneros ele está inserido e em qual comunidade comunicativa circula. Dessa forma, é possível compreender, de maneira abrangente, como o gênero analisado é constituído.

Segundo Silveira (2005), necessita-se saber a colocação do gênero num contexto situacional, o reconhecimento e as condições produção. Além disso, cada comunidade tem autonomia para definir e criar novos gêneros, a fim de atenderem suas necessidades comunicacionais, resultando assim em ações sociais, conforme as situações recorrentes.

Conforme Bezerra (2012), os gêneros acadêmicos estão situados em uma instância específica de atividade social e estão inseridos em redes complexas da academia. No contexto acadêmico, há uma hierarquia dos gêneros dentro dos campos disciplinares e das áreas de atuação dos profissionais, pois os gêneros instauraram-se de forma ordenada.

Nesse sentido, as estruturas sociais como a instituição acadêmica articulam os gêneros que farão parte de seu agrupamento, porque os gêneros não são aplicados de forma aleatória, sem nenhum critério de organização. Ao contrário, os gêneros são articulados a partir de seu uso e dos fatores organizacionais das instituições.

Em Agrupamento de gêneros: discutindo terminologias e conceitos, Bezerra (2011, p. 608) explica que uma hierarquia dos gêneros

destaca-se por revelar não um agrupamento particular de gêneros, mas por expressar o que se percebe em cada comunidade disciplinar como os gêneros de maior prestígio. Todos nós percebemos sem muita dificuldade que nem todos os gêneros possuem valor igual na academia; o que muitos provavelmente não percebem é que os gêneros de prestígio variam de disciplina para disciplina. E não só isso, mas também a forma como esses gêneros são produzidos e como são publicados diferem de área para área disciplinar.

O cuidado com o uso de gêneros requer concessão e convenção da comunidade comunicativa disciplinar, pois esses dão acesso e, concomitantemente, credibilidade à instituição acadêmica que produz e divulga seu saber por meio dos gêneros e hipergêneros. Desse modo, a comunidade comunicativa, da qual provém o gênero, afeta e/ou interfere na sua constituição, promoção e circulação do construto textual.

Devido à hierarquização dos gêneros, institucionalizada pela academia, são os membros mais experientes que validarão o saber, respeitando as prerrogativas das situações retóricas específicas e a dinâmica da instituição como orientação, qualificação e defesa.

A esse respeito da questão hierárquica dos gêneros, Swales (2004 *apud* BEZERRA, 2011, p. 605) faz apontamentos relevantes:

o primeiro diz respeito ao fato de que nem todos os gêneros acadêmicos possuem o mesmo valor aos olhos da comunidade que os produz. [...]. O segundo ponto importante é que os gêneros mais prestigiados variam de campo para campo disciplinar. Logo, um primeiro aspecto da inserção de novos pesquisadores no ambiente acadêmico tem a ver com a familiarização com os gêneros mais prestigiados em e por seu próprio campo disciplinar.

As comunidades disciplinares específicas definem a hierarquização dos gêneros. Cada novo membro que se agrega a comunidade precisa ter claros os padrões de constituição, ordenamento e prestígio dos gêneros, conforme o campo disciplinar.

A seguir, verificamos de que forma os gêneros podem ser agrupados, com base em alguns critérios de sistematização.

2.1 Agrupamentos de gêneros

Bezerra (2012, p. 445) defende que os “gêneros podem (e em muitos casos devem) ser abordados como agrupamentos, e não como entidades estanques”, porque essas unidades retóricas ao serem utilizados não circulam isoladamente, mas estabelecem vínculos, conectam-se entre si numa comunidade comunicativa.

Um fato interessante é que em virtude da atuação dos membros da comunidade comunicativa disciplinar, o gênero pode inovar ou efetivar-se cada vez mais num formato padronizado.

A dissertação acadêmica constitui uma unidade retórica obrigatória na universidade pelo seu valor teórico no contexto acadêmico. No entanto, a dedicatória não é considerada um gênero textual obrigatório (Cf. NBR. 14724: 2005), apesar de ser facilmente encontrado e pertencer ao agrupamento interno da dissertação acadêmica.

Bezerra (2012, p. 445) afirma que “diversos autores têm chamado a atenção para a limitação metodológica de se tomar isoladamente um gênero para análise, desprezando-se as complexas inter-relações que marcam a produção, circulação e recepção dos gêneros no “mundo real.” Temos assim as seguintes formas de agrupamento.

2.1.1 Conjunto de gêneros: a perspectiva de Devitt

O conceito de *conjunto de gêneros*, segundo Devitt (1991 *apud* BEZERRA, 2012, p. 447), foi desenvolvido a partir de enunciados elaborados por profissionais de contabilidade. Essa comunidade comunicativa específica utiliza um agrupamento de gêneros próprios da área de atuação profissional, constituído das práticas de linguagem, resultantes das situações retóricas e atividades recorrentes.

Conforme Devitt (1991, *apud* BEZERRA, 2012, p. 448), “quando examinamos o conjunto de gêneros de uma comunidade, estamos examinando as situações, as atividades recorrentes e os relacionamentos da comunidade. O conjunto de gêneros realiza o trabalho da comunidade” (DEVITT, 1991, p. 340).

O conjunto de gênero, para Devitt (1991 *apud* BEZERRA, 2012, p. 447), constitui-se como uma teia de interações textuais complexa em que os textos são estruturados a partir de suas relações. Desse modo, cada texto é elaborado dentro de um contexto, mas vinculado também a outros textos.

2.1.2 Gêneros disciplinares: a visão bhatiana

Bhatia (2004) lança mão da terminologia *gêneros disciplinares* que compreende os gêneros resultantes das práticas disciplinares, desenvolvidas em atividades profissionais diárias. Esse aglomerado de gêneros é produto das correlações entre os setores disciplinares.

No entanto, a apropriação dos gêneros é adquirida por profissionais especializados ou pela experiência nas atividades disciplinares do ambiente profissional. Bezerra (2011, p. 604) afirma que para Bhatia

esses gêneros podem apresentar marcas típicas do campo a que pertencem e, dessa forma, configurar-se como formas distintas, não sobrepostas a gêneros de outros campos disciplinares. Por outro lado, alguns desses gêneros, particularmente aqueles associados ao contexto acadêmico, tendem a apresentar certa similaridade entre os campos disciplinares.

Os gêneros apresentam similaridades, a partir dos campos disciplinares em que estão inseridos, desde que esteja inserido em determinado ambiente profissional e/ou acadêmico. Neste estudo, para a análise das dedicatórias contemplamos textos pertencentes ao contexto acadêmico que foram extraídos de dissertações acadêmicas de duas áreas disciplinares: Educação e Linguagem.

2.1.3 Conjunto e sistema de gêneros: concepções de Bazerman

Dentro de um contexto específico, os gêneros, ao serem agrupados, podem formar um sistema ou conjunto de gêneros, aplicados em relações padronizadas de uso. A expressão *sistema de gênero* traz uma macro-visão dos conceitos Bazerman, pois constitui uma abordagem grupal e sistematizada dos gêneros, levando em conta as formas padronizadas de aplicação em contextos específicos. Desse modo, o *sistema de gêneros* é estabelecido por convenção da comunidade, pois

[...] as formas textuais padronizadas, típicas e, portanto, inteligíveis, ou *gêneros*, que estão relacionadas a outros textos e gêneros que ocorrem em circunstâncias relacionadas. Juntos, os vários tipos de textos se acomodam em *conjuntos de gêneros* dentro de *sistemas de gêneros*, os quais fazem parte dos sistemas de atividades humanas. (BAZERMAN, 2006, p. 22, grifos do autor)

Os gêneros são elaborados de um indivíduo para outro(s), mas as formas tipificadas são definidas pela comunidade, ou seja, são realizações das ações sociais dos membros de uma comunidade que fazem com que os gêneros se articulem entre si, podendo ser agrupados.

Não há como desvincular os sistemas de ações sociais do sistema de gêneros, assim como os conjuntos de ações sociais recorrentes de cada comunidade ao conjunto de gêneros. Em termos de hierarquia conceitual dos agrupamentos de gêneros, entende-se que o conjunto de gêneros está dentro do sistema de gêneros.

Para ilustrar a diferença entre os conceitos de sistemas e conjuntos de gêneros, retomamos o exemplo situacional que aparece em Atos de fala, gêneros textuais e sistemas de atividades: como os textos organizam atividades e pessoas (BAZERMAN, 2006). Vejamos:

O Conselho Acadêmico de uma universidade rege o sistema de gênero. Caso o Conselho tomasse a decisão de aplicar mudanças nos critérios de aprovação das disciplinas de um curso de bacharelado, o sistema de gêneros causaria muito impacto, porque os departamentos administrativo, corpo docente e corpo discente deveriam ser notificados, mas com gêneros que apresentassem orientações específicas para cada setor, sendo que cada um receberá as informações necessárias às suas competências.

Esses membros de cada comunidade específica, ao serem notificados, terão acesso a gêneros diferentes, em etapas distintas, formando conjuntos de gêneros díspares, mas que em algum momento circulariam outros gêneros nesses três setores. Esses gêneros estão em conexão e se inter-relacionam, pois um acaba validando o outro.

Os gêneros de cada um desses setores formariam um conjunto de gêneros que seriam aplicados em grupos específicos. Em síntese, teríamos a seguinte visão:

Quadro 7 - Descrição das intervenções nos conjuntos e sistemas de gênero na mudança dos critérios de aprovação de disciplinas

SISTEMA DE GÊNEROS		
Documentos emitidos a todos os membros da comunidade comunicativa acadêmica		
1. CONJUNTO DE GÊNEROS	2. CONJUNTO DE GÊNEROS	3. CONJUNTO DE GÊNEROS
Documentos específicos para o setor administrativo	Documentos destinados aos docentes	Documentos direcionados aos discentes

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Bazerman (2006)

A decisão de mudança no curso envolveria o sistema acadêmico de forma geral, pois afetaria os indivíduos de todas as comunidades comunicativas do contexto acadêmico. Conseqüentemente, o novo trâmite alteraria os gêneros usados neste processo em todos os conjuntos.

Com isso, o conjunto e os sistemas de gêneros institucionalizados seriam modificados, bem como as atividades institucionalizadas que exigem normas de elaboração e validação da decisão. Por exemplo, para informar a nova medida seria necessário enviar memorandos à equipe de professores e administrativos, além de informativos para esclarecimentos dos novos procedimentos aos alunos.

Todo esse processo seria concretizado por meio da linguagem, com formas textuais padronizadas, denominadas gêneros, constituindo assim uma nova realidade para o sistema de gêneros da academia. Conforme as diretrizes do curso são modificadas, o programa de disciplinas, as orientações aos alunos e os formulários de matrícula são alterados.

Bezerra (2011) faz o levantamento sobre as principais formas de classificar os agrupamentos de gêneros. Para isso, aponta as contribuições de alguns teóricos supracitados, sintetizando-os da seguinte forma:

Quadro 8 - Agrupamento de gêneros por Bezerra (2011)

TEÓRICO	TERMINOLOGIA	CONCEITO
Devitt (1991 <i>apud</i> BEZERRA, 2012)	Conjunto de gêneros (desenvolvido originalmente pela autora)	uma rede complexa de interação, um conjunto estruturado de relações entre textos, de modo que cada texto deve ser entendido no contexto dos outros textos.
Bhatia (2004)	Gêneros disciplinares	aglomerado de gêneros formado pelas atividades de um ou de todos os indivíduos envolvidos em certa atividade profissional ou acadêmica, mas também das diversas formas discursivas invocadas no conjunto das práticas profissionais em um dado campo disciplinar ou acadêmico; os quais, em sua concepção, não poderiam ser enquadrados

		sem mais em determinados conjuntos ou sistemas de gêneros.
Bazerman (2004)	Conjunto de gêneros (primeira abordagem)	a coleção de tipos de texto que alguém, em um determinado papel, provavelmente produzirá.
	Sistema de gêneros (ampliação do conceito anterior)	os diversos conjuntos de gêneros de pessoas que atuam coletivamente de forma organizada, acrescidos das relações padronizadas na produção, circulação e uso desses documentos

Fonte: Elaborado pelo autor, embasado na pesquisa de Bezerra (2011)

Outra situação a ser considerada na questão dos agrupamentos está na dedicatória, que, ao ser inserida dentro da dissertação acadêmica, constitui-se como um gênero menor, em termos de proporção, situado dentro de um gênero maior.

No caso do exemplo de Bazerman (2006), temos a questão dos agrupamentos externos e no caso da dedicatória citada acima, elencamos aspectos de agrupamentos internos. Posteriormente, ainda neste capítulo, apresentamos tais concepções de forma mais aprofundada.

2.2 Do texto ao paratexto em Genette

Para Gérard Genette, em Paratextos editoriais, “há duas modalidades paratextuais: o peritexto (no espaço físico da obra) e o epitexto (exterior à obra, mas sobre ela)” (2009, p. 10-11). Nessa perspectiva, podemos ter enunciados internos ou externos ao livro. Assim, consideramos que os pré-textos e os pós-textos são unidades retóricas complementares que se posicionam em zona de fronteira entre o limite do texto que estão vinculados. Entretanto, constituem também o próprio gênero, por isso podem ser classificados como enunciados que compõem um enunciado maior.

Os paratextos são textos secundários que antecedem ou ficam posicionados depois do texto principal de um gênero textual de maior abrangência. Geralmente, na dissertação acadêmica, encontramos os seguintes paratextos: dedicatória, agradecimentos, lista de tabelas, sumário, dentre outros.

Segundo Gérard Genette (2009, p. 9), o paratexto “raramente se apresenta em estado nu, sem o reforço e o acompanhamento de certo número de produções, verbais ou não, como um nome de autor, um título, um prefácio”. Nessa linha, considera-se paratexto os componentes que estão em volta ou acompanham o texto que formam o livro. Em síntese,

paratextos são unidades retóricas paralelas que ao se aglomerarem formam uma unidade retórica maior.

O vocábulo paratexto é formado pelo prefixo ‘para’ que indica proximidade, semelhança, ao lado de, que, ao ser agregado a palavra ‘texto’, remete-nos ao que está em volta do texto principal. Além disso, “o paratexto, sob todas as formas, é um discurso fundamentalmente heterônimo, auxiliar, a serviço de outra coisa que constitui sua razão de ser: o texto” (GENETTE, 2009, p. 17).

Consideramos um paratexto *autoral* quando o autor tem a total responsabilidade na emissão do texto como, por exemplo, a dedicatória. Todavia, quando o enunciado é escrito ou assinado por alguém, em nome de outra pessoa, denomina-se paratexto *alógrafo*, como um prefácio ou apresentação elaborada por editores. Neste último caso, temos paratextos editoriais (GENETTE, 2009).

Interessante que uma pessoa ao presentear outra com livros, normalmente, escreve uma dedicatória, pois a primeira atitude de quem recebe o presente é procurar nas primeiras páginas – a homenagem, na tentativa de descobrir como ela é vista pelo dedicador. Assim, as dedicatórias, como paratextos autorais, apontam aspectos identitários do dedicador e subjazem motivações que geraram a elaboração do gênero textual.

Em *As margens do texto nas margens do cânone: paratexto, texto e contexto em Luuanda e Mayombe*, Aulus Mandagará, a respeito do paratexto autoral, Martins (2010) afirma que “a dedicatória serve como protocolo que antecede o texto principal do autor, além de ser um dos elementos mais difíceis de ser estabelecido em virtude da relação do texto com o paratexto autoral”. Assim, Genette ([1987] *apud* MARTINS, 2010, p. 174) expõe que

o paratexto não apenas confere a materialidade necessária à circulação do texto, mas é dotado ainda de um complexo caráter performativo, que, além de comunicar uma mera informação (o nome do autor, a data de publicação) ou uma intenção ou interpretação autoral ou editorial (prefácio, indicação do gênero), atua sobre o leitor construindo representações e crenças a respeito da natureza da leitura ou do texto.

O paratexto tem a capacidade de integrar-se ao livro, podendo acrescentar algo, validá-lo, de sugerir possíveis interpretações e levantar hipóteses. Pode ainda explicitar o viés institucionalizado que o autor possui, a partir da exposição de sua comunidade comunicativa. Para Genette, “incontestavelmente, se hoje desapareceu a função diretamente econômica da dedicatória, seu papel de patrocínio ou de caução moral, intelectual ou estético se manteve no essencial” (2009, p. 124).

Muitas vezes, vimos que quando um sujeito recebe de presente um livro com dedicatória, procura ler o paratexto autoral e nem se interessa pela obra, neste caso, a

homenagem tem maior importância para o dedicatário do que o livro em si. Algumas pessoas chegam ao ponto de comprar um livro pela dedicatória que ele contém. No entanto, a dedicatória de uma obra “é a mostra (sincera ou não) de uma relação (de um tipo ou de outro) entre o autor e alguma pessoa, grupo ou entidade. Salvo invasões eventuais das funções de prefácio” (GENETTE, 2009, p. 124).

Diferentemente da dedicatória de obra, na dedicatória da dissertação acadêmica aparecem informações de como se procedeu à execução da pesquisa, a apresentação dos indivíduos que contribuíram financeiramente ou forneceram algum tipo de apoio, durante a produção da dissertação. Essas práticas são muito comuns.

Corroborando com as considerações de Genette, Moraes (2014), em sua tese de doutorado intitulada Para João Antônio, pela força aos novos e a literatura: dedicatórias como elementos constituintes de um projeto literário, reforça que pela dedicatória é possível identificar “a caracterização de seres humanos que, de alguma forma, permitiram ao escritor o contato e o encontro com o mundo e com tudo o que o cercou, desde artimanhas econômicas e sociais até momentos de fabulação interna” (p. 13).

Ressalta-se que, no texto acadêmico, a dedicatória pode ser considerada como gênero introdutório, se seu conteúdo estiver relacionado à temática da pesquisa ou se a ela fizer referência.

Em Gêneros introdutórios em livros acadêmicos, Bezerra (2006, p. 204) afirma que a dedicatória “mesmo não sendo um texto especificamente introdutório, pode efetivar-se como tal.” Caso o dedicador elabore a dedicatória sem relacionar o conteúdo do texto que estiver inserida, essa possibilidade pode ser descartada.

2.3 A constituição do hipergênero

A dissertação acadêmica é um hipergênero institucionalizado que apresenta resultado de um trabalho experimental ou de exposição de conteúdo científico, com tema único e bem delimitado que, por ser um hipergênero, apresenta agrupamentos internos na sua constituição.

Lima (2013) explicita que certas

unidades retóricas, mais extensas que o gênero, são constituídas pelo agrupamento de dois ou mais gêneros, que formam, dentro do hipergênero, uma variedade de enunciados de média e grande extensão, que se articulam de modo hierarquizado. (LIMA, 2013, p.172)

O autor afirma que há no interior do hipergênero outras formas de agrupamentos de gêneros. Essas são classificadas conforme sua extensão e se hierarquizam de forma articulada. O hipergênero é visto como gênero maior por ter a capacidade de comportar outros. A dissertação também pode ser categorizada como hipergênero, pela abrangência de sua estrutura e por ser capaz alojar outros gêneros, como a dedicatória.

Nesse viés, a dissertação acadêmica não é vista apenas como gênero textual, mas como hipergênero dentro do qual se instala o gênero dedicatória.

A terminologia *hipergênero* foi apresentada e desenvolvida por Bonini. Trata-se de gêneros “produzidos em agrupamento, compondo uma unidade de interação maior (um grande enunciado)” (BONINI, 2011, p. 691).

Os gêneros são instaurados a partir de práticas sociais/ações retóricas numa comunidade comunicativa e podem ser aplicados de forma isolada ou como hipergêneros. Bonini (2011, p. 693) afirma que “as práticas sociais de uma comunidade discursiva se realizam por meio de gêneros, hipergêneros, mídias e sistemas de gêneros, embora esses últimos não necessariamente existam nos limites de uma comunidade”.

Se o membro da comunidade não aderir ao uso desses elementos discursivos conforme as convenções da prática social, não terá autonomia de falar e/ou representar o grupo. A familiaridade de uso dos gêneros no ambiente institucionalizado, respeitando as convenções determinadas pela comunidade comunicativa concede ao sujeito poder a autoridade de fala ao membro da comunidade.

A dedicatória será conceituada a partir da combinação de duas bases teóricas: a) estudos sociorretóricos de gêneros e b) a teoria do paratexto de Genette.

Genette e Bonini apresentam similaridades teóricas, sendo possível estabelecer um paralelismo teórico. Tomamos a dissertação como unidade retórica de maior porte, ou seja, como um macroenunciado – um hipergênero –, enquanto a dedicatória é concebida como unidade retórica de menor porte, constituída como enunciado – um gênero. Sintetizando as interpretações teóricas, temos o seguinte quadro:

Quadro 9 - Paralelismo teórico entre Genette e Bonini

GÊNERO TEXTUAL	PERSPECTIVA DE TEXTO PARA GENETTE	PERSPECTIVA DE GÊNERO DE BONINI
Dissertação	Texto	Hipergênero
Dedicatória	Paratexto	Gênero

Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

A analogia entre a teoria do Paratexto de Genette e do Hipergênero de Bonini estabelece a seguinte conexão: a *dissertação* é vista como *texto*, conseqüentemente, *hipergênero*, assim como a *dedicatória* é considerada *paratexto* que está equivalente a categoria de *gênero textual*.

Nesse processo de sistematização dos paratextos (gêneros) e textos (hipergêneros) há aspectos que precisam ser levados em consideração, como o agrupamento de unidades retóricas, a seguir.

2.3.1 Agrupamento de unidades retóricas

A *unidade retórica* constitui um enunciado de sentido completo que pode ser individualmente destacada do hipergênero sem, com isso, perder sua integridade retórica, semântica e discursiva. Esse enunciado pode apresentar qualquer extensão no interior do hipergênero.

Nesses termos, o hipergênero é constituído por uma rede de unidades retóricas de extensão e função variadas, partindo do gênero como a unidade menor e mais recorrente e do hipergênero como unidade retórica de maior abrangência. (LIMA, 2013, p. 172).

A partir dos estudos sobre agrupamentos de gêneros, normalmente, é possível constatar dois modos de classificá-los:

- a) o *agrupamento externo*: envolve aglomerados de unidades retóricas (gêneros) diversos, elaborados e utilizados por uma determinada comunidade comunicativa específica; e
- b) o *agrupamento interno*: trata-se de uma união de unidades retóricas que se juntam dentro de um gênero maior, denominado hipergênero, compondo assim sua constituição.

Entretanto, para compreendermos o agrupamento e ordenamento do gênero, faz-se necessário ter a visão geral do gênero dentro da língua em que está sendo utilizado, porque além de identificar os propósitos comunicativos usuais que geram esses gêneros, é preciso reconhecer a situação retórica específica de aplicação.

2.3.2 Hierarquia composicional do hipergênero

A Norma Brasileira de Referência (NBR) 14.724:2005, intitulada Informação e documentação – Trabalhos acadêmicos – Apresentação expõe as diretrizes para o ordenamento das divisões das unidades retóricas que sistematizam trabalhos científicos. Portanto, há uma hierarquia interna dentro dos hipergêneros.

Em Mídia/suporte e hipergênero: os gêneros textuais e suas relações, Bonini (2011, p. 692) esclarece que “todo hipergênero, como o jornal, a revista, o *site*, apresenta um sistema de disposição dos enunciados que envolvem gêneros organizadores (sumário, introdução, editorial, chamada etc.) e gêneros de funcionamento (notícia, romance, tratado, entrevista etc.).”

Para explicar os tipos de agrupamento interno, usaremos as terminologias aplicadas por Lima (2013) no *corpus* analisado. Dentre esses termos temos: colônia retórica, seção retórica e bloco retórico, que constituem as unidades retóricas comuns na descrição organizacional dos hipergêneros.

2.3.2.1 Colônia retórica: eixo de alocação e de sistematização estrutural do hipergênero

As colônias retóricas são compostas por conglomerados de gêneros que se agrupam por seus propósitos comunicativos e funcionais semelhantes.

Nos trabalhos acadêmicos, os gêneros que compõem uma colônia posicionam-se, de forma hierarquizada, no hipergênero. Assim temos três modos de classificar as colônias: o pré-textual, textual e pós-textual. Chamados aqui de colônias retóricas.

De acordo com Lima (2013),

as *colônias retóricas* constituem as unidades e movimentos retóricos básicos dos hipergêneros, aqueles que formam sua estrutura retórica prototípica. São as unidades e movimentos retóricos que permitem a identificação de um determinado hipergênero (2013, p. 170).

Em linhas gerais, os gêneros institucionalizados pela academia apresentam essa estruturação básica de hierarquização das informações. Desse modo, os apontamentos a respeito das colônias retóricas, feitos por Lima (2013), são válidos e aplicáveis na dissertação acadêmica, porque as partes pré-textual, textual e pós-textual formam a estrutura retórica prototípica desse hipergênero. A seguir, apresentamos as colônias retóricas da dissertação acadêmica.

Por se tratar de um hipergênero, a dissertação é constituída por subunidades retóricas agrupadas internamente e suas informações científicas aparecem de forma hierárquica, alocadas nas colônias retóricas: pré-textual, textual e pós-textual. Conforme a ABNT, os

Elementos pós-textuais: elementos que complementam o trabalho; Elementos pré-textuais: elementos que antecedem o texto com informações que ajudam na identificação e utilização do trabalho; Elementos textuais: parte do trabalho em que é exposta a matéria. (NBR 14724:2005, p. 6)

Essas colônias retóricas aplicam-se a inúmeras categorias de hipergêneros acadêmicos, porém seu conteúdo pode ser diversificado, mesmo que sua estrutura seja padronizada. No trabalho científico, organiza-se da seguinte maneira:

- a) *Colônia pré-textual*: composta por enunciados de identificação, validação, apresentação, organização e introdução da pesquisa;
- b) *Colônia textual*: é formada por enunciados que elucidam conceitos, descrevem metodologias, realizam análise de dados, demonstram o detalhamento do conteúdo da pesquisa, emitem pareceres conclusivos, sendo estruturados em introdução, desenvolvimento e conclusão, subdivididos em capítulos, títulos e subtítulos, podendo ainda ser exemplificados com figuras, imagens, tabelas, esquemas que colaboram na exposição e análise do *corpus*; e
- c) *Colônia pós-textual*: compõe-se de enunciados que indicam as fontes da pesquisa, por meio dos referenciais bibliográficos e aditamentos. Além de outros elementos que agregam valor aos estudos realizados para conceder informações adicionais ou complementares.

Todas as dissertações acadêmicas que lemos, independentemente da área de conhecimento, apresentam essas colônias na sua composição. Mesmo sendo formada por um grupo de subunidades retóricas, cada colônia encontra-se segmentada, compondo as partes estruturais do hipergênero.

Esses conglomerados de gêneros que se agrupam por seus propósitos comunicativos semelhantes são segmentados e funcionais quanto à direção retórica que assumem ao determinar as formas de exposição da pesquisa.

Na dissertação acadêmica, em virtude das informações de introdução, desenvolvimento, conclusão e procedência, os enunciados são alocados em uma das colônias de gêneros. É importante salientar que as informações de procedência, além de referenciar materiais estudados, podem auxiliar na elucidação de termos e se situam na colônia de elementos pós-textuais.

2.3.2.2 *Seção retórica: componentes complementares de sistematização do hipergênero*

O hipergênero dissertação acadêmica, como trabalho de conclusão de curso do nível de mestrado, apresenta diferenciações dentro das colônias retóricas na constituição do agrupamento dos gêneros internos, denominadas *seções retóricas*. Trata-se de “uma extensão

do hipergênero formada por um conjunto de *blocos retóricos* que se agrupam em torno de uma temática comum” (LIMA, 2013, p. 203).

No caso da dissertação, em virtude do propósito comunicativo, essas seções retóricas podem abrigar mais de um gênero, mesmo que esses agrupamentos internos tenham composições retóricas e funções diversificadas.

Detalhando cada seção retórica podemos definir:

1) *Promocional*: nesta seção temos os textos que divulgam ou buscam incrementar a pesquisa científica que foi produzida, visando à divulgação do todo científico ou validando produto pesquisa. Exemplos: capa, lombada, folha de rosto, folha de aprovação;

2) *Homenagem*: os textos desta seção tornam públicos à honra e a menção de gratidão a favores recebidos ou prestados a alguém, incluindo também a referência a figura de notório saber ou a utilização de expressões produzidas por ela. Essas formas de admiração podem ser direcionadas de forma individual ou coletiva, sendo pessoa, instituições, lugares, dentre outros. Exemplos: agradecimento(s), dedicatória(s), epígrafe(s);

3) *Lincagem*: nesta seção estão os elementos que estabelecem associação de ideias que ao serem alocadas remete-nos a memória dinâmica destinada a localizar dados ou informações sobre pessoa, palavra, temas. Podem ainda nos fazer deslocar pela pesquisa para conhecer ou aprofundar informações sobre autores, termos e outros textos. Exemplos: errata, lista de ilustrações, lista de tabelas, lista de abreviatura e siglas, lista de símbolos, sumário;

4) *Introdutória*: segmentos (partes) que indicam abertura de textos, livros ou antecipam o conteúdo da pesquisa. Exemplos: resumo na língua vernácula, resumo em língua estrangeira, introdução;

5) *Expositivo-teórica*: composta por enunciados em que constam a exposição dos pressupostos teóricos e terminologias necessárias para discussão arrolada, histórico de teorias, temáticas vinculados a áreas de concentração e disciplinas que abrangem o conteúdo da pesquisa, bem como experiências anteriores na análise de objetos semelhantes. Exemplos: capítulos I e II (podendo ser reduzidos em apenas um capítulo);

6) *Descritivo-metodológica*: detalhamento de métodos e explicitação do objeto de pesquisa com descrição do caminho a ser percorrido no estudo. Exemplos: capítulo(s) de apresentação de dados e métodos de pesquisa;

7) *Explanação analítica*: aplicação dos elementos teóricos construídos na pesquisa, relatando sua aplicação durante a análise do *corpus*. Exemplos: capítulo de análise dos dados coletados;

8) *Premissa conclusiva*: são os pontos que devem ser considerados no fechamento da pesquisa, mediante apreciações e escolhas do pesquisador. Exemplo: conclusão;

9) *Fonte científica referenciada*: trata-se da apresentação das fontes de pesquisa e teóricos que fundamentaram suas discussões. Exemplos: referências;

10) *Configuração de dados*: dados coletados e/ou produzidos de forma autônoma pelo pesquisador, a fim de usar como exemplificação ou constatações das hipóteses levantadas na pesquisa. Exemplos: apêndice(s), anexo(s).

Normalmente, cada seção é formada por um ou mais blocos retóricos, ou seja, “constitui uma unidade retórica média, maior que o *bloco retórico*, pois [...] um conjunto de *blocos retóricos* que se agrupa em torno de uma temática comum.” (LIMA, 2013, p.168-169, grifo do autor).

Conforme o tipo de pesquisa, a extensão de uma seção pode variar, por fatores retóricos ou funcionais das informações científicas a serem apresentadas. Normalmente, dedicatórias, agradecimentos e epígrafes encontram-se hibridizados. É importante ressaltar que essa mistura de gêneros ocorre porque todos esses gêneros pertencem à mesma seção retórica que é a de homenagem.

Essa hibridização ocorre quando há “a invasão da integridade de um gênero por outro, gênero ou convenção de gênero, levando frequentemente à criação de formas híbridas” (BHATIA, 2004, 58). Além disso, algumas seções, como de homenagem, podem ter seu conteúdo vinculado, necessariamente a pesquisa, porém o contrário disso também pode ocorrer.

2.3.2.3 *Bloco retórico: componentes peculiares de sistematização do hipergênero*

O *bloco retórico* “é uma unidade retórica pequena, normalmente formada por um gênero maior, em torno da qual gravitam alguns gêneros menores e dependentes, que lhe servem de complemento ou suplemento” (LIMA, 2013, p. 168).

Esses blocos retóricos possuem delimitação de espaços no texto acadêmico. Apresenta uma média de laudas para cada um deles e com especificidades de formatação. Quando essas unidades retóricas são registradas nas orelhas do livro, por exemplo, há fatores como quantidade de palavras que determinam sua extensão.

Normalmente, cada bloco retórico na dissertação acadêmica delimita a seção anterior, ao mesmo tempo, lança mão de uma nova seção que pode ou não ser um novo bloco da mesma seção.

O gênero dedicatória, por exemplo, quando visto como um *bloco retórico*, pode ser formado por um gênero ou por alguns gêneros adicionais, como o exemplo abaixo de Christie Queiroz²:

Figura 1 - Dedicatória não convencional



Neste bloco retórico, temos a dedicatória e o desenho, constituindo uma unidade retórica de reconhecimento de Queiroz aos membros de sua árvore genealógica – a família. Nesta dedicatória, o formato da fonte escolhida (*Comic Sans MS*) apresenta informalidade no vínculo entre dedicadora e dedicatários. Além disso, a imagem do personagem Elétrico, protagonista do livro infantil, revela a informalidade do bloco retórico que equipara com o nível de linguagem coloquial utilizado.

A dedicadora, ao dialogar com seus homenageados um a um, refere-se aos sujeitos que fizeram parte de sua vida e contribuíram para sua formação identitária, como a ‘mamãe’, o ‘papai’. O grau de importância desses indivíduos para a dedicadora foi marcado pela menção individualizada no enunciado. Consequentemente, por traz desses homenageados, pressupõem-se enunciados motivacionais que estimularam ou inspiraram a autora na elaboração da obra “Elétrico, neurótico e sem juízo”.

² A dedicatória deste autor estava inserida na obra “Elétrico, neurótico e sem juízo” (s.d). Trata-se de uma história em quadrinhos. Tem-se uma dedicatória não convencional por apresentar imagem junto com o texto, por esse motivo constitui-se como bloco retórico formado por dois gêneros que se complementam, sendo um textual e outro imagético.

Por meio da “evocação” dos entes da comunidade comunicativa que pertencem ao ambiente familiar, a dedicatória já prevê o caráter emocional e informal em virtude das expressões direcionadas aos membros que, normalmente, são usadas no foro íntimo do lar.

Na parte verbal desse bloco retórico, temos a intertextualidade constitutiva, resultante de enunciados de outros sujeitos que emergiram na unidade retórica pelos vínculos citados e pela expressão “obrigado por tudo” que marcam ação ou fala de incentivo de outros sujeitos.

Por tratar-se de um livro de “história infantil,” infere-se que vivências da infância ou experiências literárias anteriores subsidiaram a produção dessa dedicatória. Por meio desta dedicatória, percebe-se que cada

bloco retórico é, em geral, constituído por um gênero dominante [...], em torno do qual se agregam outros gêneros dependentes (em especial os gêneros ilustrativos), que lhe servem de complemento e/ou suplemento. Noutras palavras, o bloco é um espaço gráfico-discursivo formado por uma rede integrada de gêneros, dentro da qual os gêneros assumem posições retóricas hierarquizadas. (LIMA, 2013, p. 211).

Essa dedicatória de Queiroz constitui-se como bloco retórico hibridizado, formado pelo texto de homenagem (gênero textual) e pela imagem (gênero imagético) do personagem ‘Elétrico’ que protagoniza a narrativa do livro, ou seja, dois gêneros compõem esse bloco retórico. No entanto, a dedicatória instaura-se como gênero dominante.

Assim como esta dedicatória foi analisada, todos os outros blocos retóricos devem ser investigados, pois os gêneros coexistentes dentro da dissertação acadêmica são organizados hierarquicamente.

A dissertação acadêmica abrange diversas seções retóricas e, dependendo do tipo de pesquisa, apresentará blocos retóricos variados, desde listas em geral a anexos. Por se tratar de um hipergênero institucionalizado, devido às exigências da instituição ou por escolha do orientador, esse hipergênero precisa apresentar lombada, errata, dedicatória, agradecimento, epígrafe, dentre outros itens.

Na hierarquia interna dos hipergêneros, diferentemente das colônias retóricas, os blocos retóricos podem ser unidades retóricas obrigatórias ou opcionais. Por exemplo, a dedicatória, presente na seção de homenagem, é considerada unidade retórica opcional pela ABNT. Esses elementos ou blocos retóricos opcionais são identificados no quadro a seguir com asterisco (*) para explicitar quais deles são considerados facultativos pela ABNT.

Os trabalhos de conclusão de curso no ambiente acadêmico trazem a dedicatória como modalidade de enunciado que aparece antes do conteúdo científico da pesquisa, depois da folha de rosto. Neste caso, a dedicatória é um dos elementos pré-textuais, considerado opcional pela Associação Brasileira de Normas e Técnicas (ABNT, 2005, p. 2).

Qual o lugar da dedicatória no hipergênero? Segundo Genette (2009, p. 116), “o lugar canônico da dedicatória de obra, a partir do século XVI, é evidentemente no começo do livro, e, com mais exatidão, atualmente na primeira página ímpar depois da página de rosto”. Na dissertação acadêmica, do ponto de vista de alocação, a posição em que a dedicatória aparece tem local e função bem definidos nas publicações, geralmente antes dos agradecimentos e das epígrafes, já que todos são textos de homenagem.

É importante compreender como se dão as formas de agrupamento de gêneros. Diante disso, a dissertação acadêmica constituída como hipergênero apresenta: as colônias, as seções e os blocos retóricos que podem ser sintetizados pelo seguinte quadro:

Quadro 10 – Retórica prototípica da dissertação acadêmica

	1. COLÔNIAS RETÓRICAS		
	1.1 Elementos Pré-textuais	1.2 Elementos Textuais	1.3 Elementos Pós-textuais
2. SEÇÕES RETÓRICAS	3. BLOCOS RETÓRICOS		
2.1 Promocional	3.1 Capa 3.2 Lombada 3.3 Folha de rosto 3.4 Folha de aprovação		
2.2 Homenagem	3.5 Dedicatória(s) 3.6 Agradecimento(s) 3.7 Epígrafe		
2.3 Lincagem	3.8 Errata 3.9 Lista de ilustrações 3.10 Lista de tabelas 3.11 Lista de abreviaturas e siglas 3.12 Lista de símbolos 3.13 Sumário		3.20 Glossário 3.21 Índice(s)
2.4 Introdutória	3.14 Resumo na língua vernácula 3.15 Resumo em língua estrangeira 3.16 Introdução		
2.5 Expositivo-conceitual		3.17 Capítulos I e II (podendo ser reduzido apenas em um)	
2.6 Descritivo-metodológica		3.18 Capítulo III	
2.7 Explanação analítica		3.19 Capítulo IV	
2.8 Premissa conclusiva			3.22 Conclusão
2.9 Fonte científica referenciada			3.23 Referências
2.10 Configuração de dados			3.24 Apêndice(s) 3.25 Anexo(s)

Fonte: Elaborado pelo próprio autor, a partir das NBR 14724:2005.

Pode-se constatar a hierarquia e a linearidade na organização dos agrupamentos dos gêneros internos na dissertação acadêmica, pois os enunciados/gêneros agrupam-se nas colônias, seções e blocos retóricos de forma padronizada.

Partindo dessa estruturação, evidencia-se na colônia retórica dos elementos textuais, a subdivisão das seções retóricas: expositivo-conceitual, descritivo-metodológica, explanação analítica que, apesar de não serem considerados propriamente gêneros, constituem blocos retóricos estruturados em capítulos.

Cada capítulo apresenta seu(s) respectivo(s) *constituente(s) retórico(s)*. Trata-se de

um elemento que, embora possa ser segmentado, não possui completude e nem autonomia semântica; não pode, portanto, ser desmembrado da unidade retórica da qual faz parte. Entre os principais constituintes retóricos dos hipergêneros escritos, podemos citar: a) certos recursos de organização do gênero: *título, subtítulo, assinatura, trecho em destaque (olho) etc.*; e b) dispositivos e gêneros organizadores do hipergênero como *paginação, títulos de capítulo e/ou seção hiperlink, chamada de capa, chamada de webpage, sumário, ficha catalográfica, índice, menu etc.* (LIMA, 2013, p. 172).

Os hipergêneros utilizam os constituintes retóricos para organizar enunciados, segmentando-os. Os constituintes retóricos marcam sistemas de identificação ou localização de informações no texto ou sintetizam a ideia-chave da unidade retórica. Quando se elabora resumos para apresentação de pesquisa em eventos, as partes com essas informações, normalmente, são apresentadas separadamente e de forma bem explícita.

Mesmo que haja no tópico Desenvolvimento diferenciações sequenciais nos capítulos (itens 3.17, 3.18, 3.19) os enunciados que formam os capítulos não constituem blocos retóricos definidos e delimitados, pois os títulos, subtítulos ou os próprios grupos de enunciados que vão revelar em qual seção retórica se enquadram. Esses enunciados são analisados por conteúdo, podendo estruturar-se em um ou mais parágrafos.

Dentre os elementos que compõe a colônia retórica pré-textual, temos os blocos retóricos: capa, lombada, folha de rosto, errata, folha de aprovação, dedicatória, agradecimentos, epígrafe, resumo na língua vernácula, resumo em língua estrangeira, lista de ilustrações, lista de tabelas, lista de abreviatura e siglas, lista de símbolos, sumário.

Ressalte-se que a ficha catalográfica não está inserida na retórica prototípica da dissertação, pois essa é um constituinte retórico fornecido pela instituição e incluído, posteriormente. Neste hipergênero institucionalizado, a validação da ficha catalográfica é concedida pela instituição de ensino.

Neste estudo, na dissertação acadêmica, os elementos textuais subdividem-se nas seguintes seções: exposição conceitual, descrição metodológica e explanação analítica. Enquanto os elementos pós-textuais existentes são: conclusão, referências, glossário, apêndice(s), anexo(s), índices.

Outro ponto interessante refere-se à seção retórica de lincagem, que situa seus blocos retóricos em colônias retóricas distintas, podem aparecer tanto nos elementos pré-textuais como nos pós-textuais. Isso ocorre, por exemplo, com o sumário e o(s) índice(s).

O bloco retórico dedicatória, objeto de estudo desta pesquisa, posiciona-se em local específico na dissertação acadêmica, como destacamos no quadro 11:

Quadro 11 - Retórica prototípica de alocação da dedicatória na dissertação acadêmica

1. COLÔNIA RETÓRICA	2. SEÇÃO RETÓRICA	3. BLOCO RETÓRICO
1.1 Elementos Pré-textuais	2.2 Homenagem	3.5 Dedicatória

Fonte: Elaborado pelo próprio autor, a partir das NBR 14724:2005.

Conforme esse padrão de alocação, a dedicatória está na seção retórica de homenagem, encontrada dentro da colônia retórica pré-textual. Dessa maneira, pode-se, posteriormente, localizar e analisar essa unidade retórica em qualquer dissertação acadêmica em que esteja presente, pois se trata de um bloco retórico opcional.

As colônias, seções e blocos retóricos formam conjuntos de unidades textuais organizadas em movimentos retóricos que têm a intenção de persuadir e levar o leitor a ler até o fim o seu texto, sendo convencido de sua argumentação no percurso da leitura.

Isso ocorre por meio dos recursos linguísticos disponíveis nesses movimentos que conduzem o leitor a agir numa determinada direção, de acordo com o argumento definido no texto. Segundo Lima (2013, p. 173), a unidade retórica

designa uma porção do hipergênero, de extensão e função variada, que tem completude semântica. Já o termo *movimento retórico* é usado aqui para designar a *ação retórica* desenvolvida por qualquer parte do gênero e/ou do hipergênero. De modo mais didático, pode-se se dizer que a *unidade retórica* se refere a uma extensão material do hipergênero, enquanto o *movimento retórico* se refere a um componente abstrato, à ação retórico-discursiva realizada por uma unidade ou uma subunidade do gênero e/ou do hipergênero. Portanto, pode-se conceituar o *movimento retórico* como um componente retórico-discursivo organizador, responsável por realizar a articulação e a progressão retórica do gênero e/ou do hipergênero.

Os movimentos retóricos serão um dos componentes de menor proporção utilizados para descrever, relacionar e analisar as dedicatórias, pois o próprio gênero é constituído por esses enunciados.

É preciso compreender que os movimentos retóricos podem coincidir com o tamanho das frases, parágrafos ou unidades retóricas, mas nem sempre isso ocorre. Por esses fatores,

não se pode afirmar que os movimentos retóricos são subdivisões dos blocos retóricos, pois podem ser de qualquer tipo de unidade retórica, não somente dos blocos.

A partir dessas informações a respeito dos agrupamentos internos dos hipergêneros e das composições das unidades textuais por meio de movimentos retóricos, no capítulo seguinte será realizada a análise das dedicatórias coletadas no ambiente institucionalizado, apresentando possíveis categorizações para esse gênero.

2.4 A constituição do gênero dedicatória

Iniciamos esta seção sobre o gênero dedicatória com a seguinte pergunta: Em que momento a dedicatória deve ser feita? Genette (2009, p. 116) esclarece que “o momento canônico do aparecimento da dedicatória é evidentemente a edição original. [...], porque a convenção da dedicatória quer que a obra tenha sido escrita para seu dedicatário, ou pelo menos que a homenagem tenha-se imposto ao término da redação”.

A quem se dedica? Segundo Genette (2009, p. 120), “no caso de considerarmos obsoleta a prática antiga da dedicatória de solicitação, subsistem dois tipos distintos de dedicatário: os privados e públicos”. Os privados são direcionados pelo vínculo pessoal: amigo, família e etc.. Enquanto os públicos consistem em indivíduos com quem os dedicatário perpassam o campo profissional. Todavia, para Genette, o autor pode ter mutuamente uma relação privada e pública com o dedicatário.

Em Paratextos editoriais, Genette (2009, p. 114) “no século XVIII apresenta pelo menos um caso de epistola dedicatória de função totalmente privada: homenagem respeitosa e terna de um filho a seu pai, na abertura de *Égarements du coeur et de l'esprit*”.

O gênero textual dedicatória é aplicado em práticas de linguagem presentes no cotidiano de muitos espaços de comunicação humana, no entanto, neste estudo enfatizamos as dedicatórias inseridas na dissertação acadêmica, ou seja, na modalidade escrita da linguagem.

Para compreender o uso da dedicatória, há três elementos que constituem o ponto de partida: *dedicador*, *dedicatário* e *leitor*. Esses elementos norteiam a produção, a recepção e a análise das dedicatórias. Entretanto, os dois primeiros termos são desenvolvidos por Genette (2009) na obra Paratextos editoriais. Neste estudo, readequamos para o nosso contexto as expressões definindo da seguinte forma. Vejamos:

Quadro 12 – Elementos de investigação nas relações da dedicatória e seus usuários

ELEMENTOS	ÂMBITO	DESCRIÇÃO
Dedicador	Produção	Enunciador que produz a dedicatória, podendo ser de forma manuscrita ou impressa.
Dedicatário	Recepção	Enunciatário homenageado na dedicatória, pode ser uma ou várias pessoas, objetos, animal ou instituição, bem como autodedicação do enunciado.
Leitor	Análise	Qualquer sujeito que tiver acesso ao enunciado, que mediante leitura analisa com olhar investigativo e/ou crítico o enunciado, buscando compreender os sentidos e influências existentes na dedicatória

Fonte: Elaborado pelo próprio autor, a partir das concepções de Genette (2009).

Nessas relações, constata-se que as dedicatórias são emitidas, normalmente, em virtude do grau de proximidade entre dedicador-autor e dedicatário-homenageado e o enunciado contribui para que esse vínculo seja visualizado.

O papel que o leitor passa a desempenhar, enquanto destinatário das dedicatórias fundamenta-se no fato de que “[...] um texto só existe se houver um leitor para lhe dar um significado.” (CHARTIER, 1999, p. 16).

Para Genette (2009, p. 124), “o dedicatário é sempre, de alguma maneira, responsável pela obra que lhe é dedicada, e à qual ele leva [...] um pouco de seu apoio e, portanto, de sua participação”.

2.4.1 Dedicatórias: aspectos históricos das dedicatórias registradas na modalidade escrita

Conforme Genette (2009, p. 109), a dedicatória busca “prestar uma homenagem numa obra a uma pessoa, a um grupo real ou ideal, ou a alguma entidade de outro tipo,” pois a homenagem destina-se a alguém em especial, que tenha sido um exemplo para o dedicador, mesmo que não seja considerado importante para outros membros da comunidade.

Em *A aventura do livro: do leitor ao navegador*, Roger Chartier (1999) leva-nos a entender que o autor de um livro fazia uso da dedicatória como homenagem em troca generosidade, porque todo dedicatário tem a liberdade para dedicar a quem colaborou com os seus escritos. Assim, alguns gestos de homenagem são induzidos por conveniência.

Na essência, não passava de estratégia de proteção ou recompensa, porque os livros eram oferecidos aos príncipes. Naquela época, os príncipes eram a própria instituição de poder. Sabe-se que

o nascimento das dedicatórias impressas configurou-se no século XVI, na Europa, no período clássico, em que autores e patrocinadores das obras se relacionaram com objetivos de prestígio e que culminaram em agradecimentos a nomes eminentes da aristocracia, ou seja, o público leitor. Sob o crivo dos homens de poder, o rei ou o príncipe, estes viram os seus nomes perpetuados em verdadeiras obras de arte, já que os adornos utilizados nos livros obtinham requinte e sofisticação, valor real a que uma obra de arte como o livro deve usufruir. (MORAES, 2014, p. 22)

Nesse sentido, a dedicatória era, muitas vezes, estratégia de concessão de benefício. Pinto e De Nipoti (2011, p. 235) defendem que “não há neutralidade por parte de quem escreve, dedica, elogia.”

Delmas (2008, p. 37) afirma que a dedicatória “era personificação da troca de benefícios por prestígio e afirmação de poder; manifestação textual dessa relação de interdependência, da troca de poder simbólico por privilégios com rendimentos materiais.” A partir do século XVIII, nos casos em que a dedicatória não necessitava ser mais motivo de retribuição de favores.

Todavia, nas dedicatórias do início do século XIX tendem a desaparecer dois traços específicos, conforme Genette (2009, p. 114), “ao mesmo tempo, evidentemente ligados entre si: a função social mais direta (econômica) da dedicatória e sua forma desenvolvida de epístola elogiosa”.

Na história da escrita impressa, as dedicatórias tinham sua função de ação social. Segundo Schawarcz (2002, p. 133), esse enunciado constituía-se como moeda de troca de favores, pois

a dedicatória deixada por todo aquele que ofertava um livro se converteu, assim, em uma prática diletta de fomento das bibliotecas reais, uma vez que o ato individual era tudo menos um gesto de exclusiva vontade. A dedicatória pedia proteção, reclamava parcialidade, granjeava benevolência e incitava rivalidades. Como um ato de reciprocidade “dar implica receber”, o ritual se repetia na lógica da corte, feita de tantos deveres e direitos. As modalidades de oferta variavam – um livro, um pergaminho ou uma obra ricamente encadernada –, mas em comum trocava-se o ato de vontade por proteção e aliança com o rei.

Nesse jogo de interesses, alguns livros doados para as bibliotecas tinham propósitos que estavam além da homenagem em si, mas visavam à concessão de benefícios. Não se acredita que hoje seja diferente, pois quando um autor doa sua obra é para dar-lhe visibilidade ou reconhecimento por seu trabalho.

A dedicatória constitui-se como gênero de circunstancialidade, pois “visava transformar o receptor (o rei ou outro grande homem) em autor, sendo uma das formas de inscrever a relação cliente/patrono em uma afirmação de soberania absoluta do príncipe, que possuía não somente o que deu, mas também o que recebeu” (CHARTIER, 1995, p. 37).

Conforme Moraes (2014), o dedicador, em sua dedicatória, ao fazer citações de outros autores

pode-se indicar que determinado escritor está também entre suas filiações literárias. Em outros casos, surgem nomes de familiares que, de alguma forma, puderam colaborar para a feitura do livro, observando-se, deste modo, os movimentos extraliterários vivenciados pelo escritor-dedicatário.(MORAES, 2014, p. 13).

Atualmente, o dedicador menciona suas filiações literárias, autores ou de linhas de pesquisa. Assim, explicita as referências teóricas em que se amparou, sejam essas clássicas e/ou contemporâneas. Entretanto, a maioria das homenagens limita-se apenas em apontar dedicatários que possuam vínculos afetivos e profissionais.

De qualquer forma, o dedicador, geralmente, deixa transparecer na dedicatória suas marcas autorais e a representação de seus vínculos institucionalizados, por meio das pistas que nos remetem às suas práticas sociais, sendo possível, nesses casos, identificar às comunidades comunicativas as quais pertence.

CAPÍTULO 3 – ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

A presente pesquisa é do tipo exploratório, de caráter bibliográfico e documental. É considerada documental, pois as dedicatórias constituem fontes primárias de investigação e, bibliográfico, porque “o ponto de partida do pesquisador é o conhecimento teórico extraído da literatura” já existente, conforme esclarece Flick (2009, p. 96). Portanto, realizar qualquer pesquisa que resultará num trabalho científico necessita de leitura e análise bibliográfica preliminar.

Esta pesquisa constitui-se como qualitativa. Esse tipo de pesquisa, conforme Lakatos e Marconi (2008, p. 18), traz “um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados, revestidos de importância, por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes relacionados com o tema.”

Para composição do *corpus* foi realizada a coleta de dados por meio de análise de documentos científicos. A Análise de Gênero constitui o método de interpretação dos dados, levando em consideração o campo de aplicação do gênero, neste caso, a esfera organizacional acadêmica.

Para esclarecer indagações surgidas ao longo das leituras, apresentamos as discussões a partir dos exemplos encontrados no *corpus* analisado. Nesta investigação, realizamos leituras não somente para compor o referencial teórico de forma mais geral, mas para encontrar elementos e categorias de análise aplicáveis nesta pesquisa, advindos dos Estudos Retóricos de Gênero (ERG), que evidenciam o caráter crítico que essa abordagem evoca e, concomitantemente, demarca os movimentos retóricos constitutivos do gênero dedicatória.

Nesta dissertação, investigam-se dedicatórias, na perspectiva sociorretórica, para o estudo de gêneros textuais acadêmicos, proposta por Swales, buscando identificar os elementos configuracionais desse gênero.

Os ERG constituem, segundo Bawarshi e Reiff (2013, p. 215), “uma abordagem de gêneros contextualizada que ensina estudantes a refletirem criticamente sobre os gêneros, suas ideologias e propósitos retóricos e sociais”. Os autores ainda ressaltam que, nessa vertente, os gêneros são dinâmicos e mutáveis dada a constituição retórica do enunciado. Por isso a análise, nessa abordagem, foca mais na discussão da situação retórica do que nos elementos léxico-gramaticais no interior do texto. A análise dos gêneros, em modelos interativos como os ERG, foca na dinâmica do gênero e vê o texto como resultado de um contexto complexo.

Brian Sutton (2000 *apud* BAWARSHI e REIFF, 2013, p. 222) apresenta um *checklist*, desenvolvido a partir do modelo CARS de Swales, para que os gêneros fossem trabalhados,

de forma introdutória na universidade, com as seguintes etapas: a) o estudo da relevância na área de pesquisa; b) a síntese de pesquisas anteriores; c) a identificação de uma lacuna nessas pesquisas anteriores ou questionamentos sobre a confiabilidade dos métodos; d) o caráter de originalidade ao se propor um preenchimento dessa lacuna.

Neste estudo introdutório sobre o gênero dedicatória, seguindo a linha de análise de Sutton e compreendendo as perspectivas dos ERG, propusemos esse percurso teórico e fizemos um levantamento do *corpus* para elaborar uma análise mais contextual do gênero do que de elementos léxico-gramaticais, a partir das discussões do hipergênero em que o gênero dedicatória está inserido.

3.1 Natureza da dissertação acadêmica

Nesta pesquisa, optamos pelo estudo de dedicatórias inseridas em dissertações acadêmicas de universidade pública goiana, por ser um espaço formal de aplicação desse gênero textual e se configurar como espaço institucionalizado. Esses fatores garantem a formalidade de uso do gênero dentro das prerrogativas definidas pelas comunidades comunicativas analisadas.

Os exemplares de dissertação acadêmica usados neste estudo constituem registro de impressão gráfica com encadernação de capa dura colorida, conforme as orientações da instituição, arquivadas nas bibliotecas físicas das universidades.

Quando estão no formato digital são disponibilizadas nas bibliotecas *on line*, denominado banco de dissertações. Esses arquivos estão acessíveis em plataforma específica, geralmente, no *site* do programa de pós-graduação, disponibilizada e transmitida via internet, em arquivos digitais no formato PDF.

As dissertações estão inseridas em campos disciplinares diversos, de acordo com as classificações do CNPq e da CAPES, órgãos vinculados ao Ministério da Educação (MEC), responsáveis pelo desenvolvimento e consolidação de pesquisas científicas e da pós-graduação *stricto sensu* (mestrado e doutorado) em todos os estados brasileiros.

A Dissertação Acadêmica é definida, na NBR 14224, como um

documento que representa o resultado de um trabalho experimental ou exposição de um estudo científico retrospectivo, de tema único e bem delimitado em sua extensão, com o objetivo de reunir, analisar e interpretar informações. Deve evidenciar o conhecimento de literatura existente sobre o assunto e a capacidade de sistematização do candidato. É feito sob a coordenação de um orientador (doutor), visando à obtenção do título de mestre. (ABNT NBR 14724, 2005, p. 6)

Os textos acadêmicos tendem a ser objetivos e impessoais. Entretanto, nas dedicatórias presentes nas dissertações, o enunciador pode trazer à tona a escrita sobre ele mesmo, com viés de subjetividade e personalidade, já que as motivações que agenciam este gênero podem ser intimistas e carregadas de juízo de valor.

Na dedicatória o dedicador traz muito sobre ele mesmo, resgata de sua memória momentos ou fases marcantes da vida, pessoas que passaram por sua trajetória pessoal e/ou profissional, pois

as práticas de escrita de si podem evidenciar, assim, com muita clareza uma trajetória individual tem um percurso que se altera ao longo do tempo, que por sucessão, também podem mostrar como o mesmo período da vida de um pode ser “decomposto” em tempos com ritmos diversos: um tempo da casa, um do trabalho etc. E esse indivíduo que postula uma identidade para si (DE GOMES; DE CASTRO GOMES, 2004, p. 13).

O dedicador, ao escrever sobre ele mesmo, evoca na dedicatória recortes temporários e identitários que considera relevante para expressar sua individualidade e subjetividade, a partir de elementos que marcam relatos de sua vida advindos dos diversos espaços de comunicação humana nos quais perpassou.

Isso ocorre porque a dedicatória compõe a obra em que está inserida e esse gênero “constitui um dos meios de análise do significado dos livros dentro de uma sociedade, das relações desse impresso com os demais e das próprias relações de sociabilidade” (DELMAS, 2008, p. 13).

O ambiente acadêmico foi selecionado para análise das dedicatórias a fim de responder à seguinte questão de pesquisa: Como se dá o processo de constituição, distribuição e uso da dedicatória em comunidades comunicativas acadêmicas?

Parcialmente, essa questão vem sendo respondida ao longo dos capítulos anteriores. Todavia, a partir de agora são apresentados, de forma detalhada, os processos de constituição, uso e categorização das dedicatórias nas comunidades acadêmicas selecionadas a partir do corpus coletado.

Nos ERG, dentre as diretrizes para análise de gênero, apresentadas na abordagem dos ERG, propostas por Bawarshi e Reiff (2013), resultantes de parceria anterior com Devitt (2004 *apud* BARWARSHI e REIFF, pp. 232-234), o percurso de análise apresenta as seguintes etapas: a) coleta de exemplares do gênero; b) identificação do cenário e descrição da situação em que o gênero está inserido; c) identificação e descrição das características padrões do gênero; d) análise dos padrões a partir da situação e do cenário. Diante disso, a seguir, construímos, didaticamente, nossa discussão.

3.2 Procedimentos de coleta de dados

Neste estudo, realizamos seleção e cotejamento dos dados, com tratamento bibliográfico, amparado em pesquisas sobre gêneros textuais aplicados em contextos acadêmicos. Lüdke (1986, p. 49) esclarece que “a classificação e organização dos dados prepara uma fase mais complexa da análise, que ocorre à medida que o pesquisador vai reportar os seus achados.” Estabelecemos critérios de organização, descrição e classificação dos dados.

As dedicatórias foram coletadas do banco de dados virtual da universidade pública selecionada para este estudo, a Universidade Federal de Goiás (UFG), contemplando as áreas de Educação e Linguagem (Letras e Linguística). O banco de dados digital é constituído a partir de dissertações apresentadas como registro gráfico impresso, encadernado em capa dura nas bibliotecas acadêmicas que, ao serem digitalizadas, compõe o acervo digital para facilitar a divulgação das pesquisas.

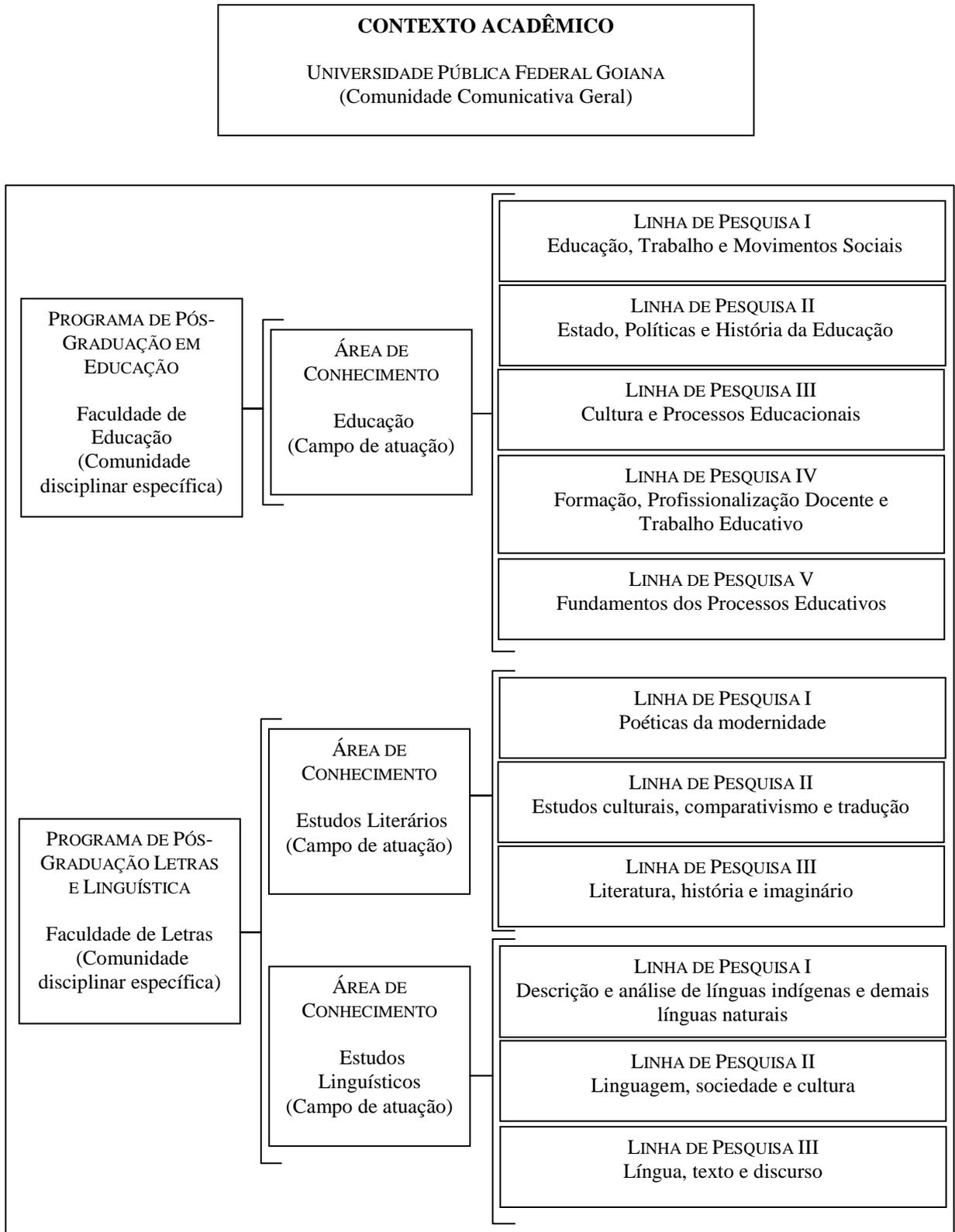
Para isso, delimitamos os trabalhos de conclusão de curso produzidos pelas Faculdades de Educação e de Letras vinculadas à Regional de Goiânia, porque acreditamos que os elementos evocados nas dedicatórias partiriam de uma realidade acadêmica institucionalizada da capital do Estado de Goiás.

A universidade federal foi escolhida porque na rede pública do estado de Goiás, encontramos um maior número de dissertações publicadas nas áreas de Educação e Linguagem, no período de recorte da pesquisa. Além disso, a decisão de coletar as dedicatórias dessas duas áreas (Educação e Linguagem) ampara-se na categoria de mestrado que a pesquisa foi realizada – mestrado interdisciplinar. Assim, foi possível um volume maior de textos para compor o corpus e articular as duas áreas contempladas nessa dissertação acadêmica.

No primeiro momento da pesquisa, havia cogitado a hipótese de realizar entrevistas com os autores das dedicatórias, sendo alunos da capital onde residimos, acreditávamos que seria mais fácil encontrá-los, no entanto, não foi por este viés que a pesquisa se enveredou.

Para facilitar a compreensão da coleta das dedicatórias, apresentaremos a seguir a forma como os programas de pós-graduação *stricto sensu* – nível de mestrado estão organizados:

Esquema 1 - Fluxograma dos programas de pós-graduação *stricto sensu* em Educação e Letras/Linguística



Fonte: Elaborado pelo autor com base no *site* institucional da UFG (2017).

Analisando o esquema proposto, há duas grandes áreas de conhecimento contempladas nesta pesquisa: *Ciências Humanas e Linguística, Letras e Artes*; tendo como áreas de conhecimento (básicas), respectivamente, *Educação e Letras e Linguística*, que estão também definidas como Subáreas. Entretanto, quando se refere à especialidade, essa categorização não corresponde as Linhas de Pesquisa, definidas para os programas de pós-graduação investigados.

Dessa forma, por meio dos gêneros e seu processo interacional, os acadêmicos são estimulados a apropriar-se de conhecimentos sistematizados de gêneros textuais presentes na sua realidade.

Apesar das dedicatórias estarem vinculadas ao mesmo ambiente institucionalizado, conforme o enfoque de análise, as similaridades e discrepâncias são bem definidas. Dentre as semelhanças das duas comunidades pesquisadas temos a questão da autoria, por exemplo, todas as dissertações pesquisadas foram produzidas por alunos de pós-graduação *stricto sensu*, em nível de mestrado, de universidade pública federal goiana

No que se referem às disparidades, esses acadêmicos são oriundos de faculdades distintas que compõem programas e setores disciplinares específicos, incluindo ainda diferenciação das linhas de pesquisa dos cursos que norteiam as dissertações analisadas que poderão caracterizar ainda mais cada comunidade disciplinar.

O ambiente acadêmico constitui um espaço formal de ensino-aprendizagem, devidamente regularizado, sistematizado e reconhecido, por isso fizemos uso da classificação de ambiente acadêmico institucionalizado. As Áreas de Conhecimento/Concentração, denominados *Campos de atuação*. Esses se subdividiram em Linhas de pesquisa, categorizados como *Subcampos de domínio*.

O *corpus* da pesquisa é constituído de 68 (sessenta e oito) dedicatórias extraídas de dissertações de mestrado. O período contemplado para a seleção das dissertações acadêmicas foi de janeiro de 2014 e dezembro de 2015, diante disso, o recorte temporal foi fator determinante para seleção das dedicatórias. Nesse critério de seleção levamos em consideração a data de apresentação final do trabalho de conclusão de curso para a banca examinadora, ou seja, a data de defesa.

Os sujeitos de pesquisa são todos os autores das dissertações acadêmicas coletadas que produziram dedicatórias em seus trabalhos científicos. A fim de agrupar as unidades retóricas por estilo (individual e/ou coletivo), evidenciaremos a padronização da estrutura gênero e a alocação das dedicatórias no trabalho de conclusão, hipergênero.

Ressalta-se que em cada grupo (sistematizado pela área de conhecimento/concentração) foram investigados: (a) os movimentos retóricos mais recorrentes, (b) a apresentação de aspectos estruturais e caracterizações peculiares do gênero, levando em consideração os enunciados de cada dedicador.

3.3 Procedimentos de mensuração de dados

A organização dos enunciados examinados foi elaborada em tabelas catalográficas de caracterização. Assim, pôde ser feito o registro da fonte bibliográfica de cada dedicatória, bem como a transcrição na íntegra dos textos.

Posteriormente, constituiu-se o banco de dados, em formato de arquivo digital para que fosse possível fazer um levantamento das recorrências similares e díspares entre as dedicatórias, além de verificar formas de aplicar a teoria abordada no *corpus* escolhido.

É importante salientar que a dedicatória é considerada um gênero textual opcional nas dissertações de mestrado e nem sempre estará presente nesses hipergêneros. Como podemos comprovar na tabela as ocorrências das dedicatórias nas dissertações acadêmicas analisadas:

Quadro 13 – Dedicatórias nas dissertações de mestrado das áreas de Educação e Linguagem (Letras e Linguística)

ÁREA DE CONHECIMENTO	Nº DISSERTAÇÕES ANALISADAS	QUANTITATIVO DE DEDICATÓRIAS ENCONTRADAS	QUANTITATIVO DE DISSERTAÇÕES SEM DEDICATÓRIAS
Educação	24	16	8
Linguagem (Letras e Linguística)	44	30	14

Fonte: Elaborada pelo próprio autor.

Na área de Educação, das 24 dissertações analisadas, 16 (66%) continham dedicatórias e 8 (34%) não. Já na área de Linguagem (Letras e Linguística), das 44 dissertações analisadas, 30 (68%) apresentaram dedicatórias e 14 (32%) não.

Neste levantamento, constatou-se que independente do quantitativo de dissertações, nas duas áreas, levando em consideração o mesmo período, o percentual de uso da dedicatória é bem similar: média de 67% de utilização desse gênero textual. Reconhecemos que esse contexto acadêmico apresenta as mesmas situações retóricas habituais e percentuais semelhantes, independente da área de conhecimento.

3.4 Procedimentos de análise de dados

Após a delimitação do recorte da pesquisa, continuamos realizando a leitura da literatura existente e definimos autores, textos, construímos fichamentos das referências e elaboramos fichas catalográficas de identificação das dedicatórias selecionadas para o *corpus* de análise o que colaborou para definição das categorias de análise.

As próprias necessidades da comunidade comunicativa institucionalizada de produzir o gênero fazem com que a tipificação das dedicatórias se torna inevitável, em virtude dos seguintes fatores: a motivação pessoal de fazer a homenagem, a produção escrita do enunciado, à divulgação da dedicatória e o acesso dos homenageados aos textos determinam a constituição do gênero textual.

Kill (2013, p. 258) esclarece que “tipificações são reconhecimentos de similaridades definidas e compartilhadas; [...] são categorizações rotinizadas e socialmente disponíveis de estratégias e formas para o reconhecimento e para a ação dentro de situações familiares”. Isso faz com que os gêneros apresentem certos padrões e características a partir de situações retóricas específicas.

Bazerman (2007), ao conceber o gênero como uma ação retórica, esclarece os traços textuais existentes nos gêneros: “lê esses traços como partes de uma situação sociorretórica (intenções autorais, propósitos socialmente elaborados, exigências contextuais, recursos intertextuais) que se tornam visíveis no espaço do texto” (p. 157). Por isso, nessa abordagem a análise do contexto e os propósitos evocados da situação retórica são tão relevantes.

A análise das dedicatórias foi feita tendo como ponto de partida o referencial teórico apresentado neste estudo, a fim de identificar as características semelhantes e díspares entre essas dedicatórias. Todavia, verificamos, quando necessário, a alocação dedicatória dentro do hipergênero para diferenciar e/ou localizar outros gêneros de homenagem que podem se mesclar. Assim, foi possível constatar alguns casos de hibridização do gênero.

É importante salientar que o conteúdo das dedicatórias será analisado isoladamente, ou seja, sem o cotejo com a dissertação. Todavia, no que se refere a questão alocacional, será necessário levar em consideração a questão do hipergênero.

Para sistematizar o estudo, construímos quadros demonstrativos para apresentar os movimentos retóricos constitutivos do gênero que, conseqüentemente, evocou elementos léxico-gramaticais. Toda essa trajetória contribuiu para compreendermos a organização retórica da dedicatória, o que fortaleceu o enquadre conceitual do gênero e ampliou o uso da teoria dos ERG.

3.5 Categorias de análise

Definimos quatro categorias gerais de análise: (a) a estrutura retórica do gênero, (b) os tipos de dedicatários, (c) os modos de identificação e (d) a estrutura dos movimentos retóricos.

A primeira categoria, a estrutura retórica do gênero, apresenta os formatos típicos e hibridizados, levando em conta detalhes alocacionais que podem influenciar nessas categorizações. A segunda, os tipos de dedicatários, resultam dos vínculos entre dedicador e dedicatários podem agrupar-se em dois grupos – foro íntimo ou foro público, conforme o estado civil, a proximidade da relação familiar ou interesse do dedicador. Esses vínculos podem ser familiares, acadêmicos, religiosos, profissionais ou por similaridades de lutas e ideais.

Na terceira, que se refere aos modos de identificação, constatamos que os dedicadores podem ter três formas de identificação: (a) relacional (vínculo e forma de convivência com o dedicatário), (b) acional (o que os dedicatários fizeram pelos dedicadores ao longo de sua vida) e (d) representacional (figura representativa construída pelo dedicador – a representação de uma imagem do outro).

Temos, na quarta categoria, estrutura dos movimentos retóricos, uma síntese do padrão constitutivo elaborado a partir do corpus analisado, resultando num modelo estrutural dos movimentos retóricos mais recorrentes da dedicatória. Nesta categoria, podemos identificar também quais os elementos o dedicador usa para construir a identificação do dedicatário.

Além dessas categorias, quanto à forma para composição e análise das dedicatórias, levamos em consideração o ato performativo (performatividade) do enunciado performativo que a dedicatória constitui; a questão da referenciação, por meio da alusão à obra; e o ethos do dedicador (a imagem que constrói de si). Esses últimos elementos podem ser aplicados em diferentes dedicatórias, mas optamos por fazer demonstração entremeados as categorias gerais supracitadas.

CAPÍTULO 4 – ANÁLISE DE DEDICATÓRIAS: PROCESSOS DE CONSTITUIÇÃO E ORGANIZAÇÃO RETÓRICA

A constituição de um gênero é definida pelos membros de cada comunidade que são responsáveis por manter a integridade genérica ou determinar a inovação dos gêneros que circulam nela (BHATIA, 2001, p. 109).

No contexto acadêmico, por exemplo, a universidade constitui-se como espaço físico institucionalizado. Por isso, a utilização de informações especializadas dos usuários tem impacto significativo na análise do gênero.

Para analisar dedicatórias de dissertações acadêmicas, faz-se necessário conhecer o ambiente que promove a situação retórica que evoca a produção desses gêneros, pois o sistema de incorporação desses gêneros somente a própria comunidade possui autonomia e é capaz de administrar.

Neste estudo, a comunidade acadêmica investigada foi composta por dois campos disciplinares distintos: Educação e Linguagem. Entretanto, percebemos que, quando se trata de dedicatórias, não há muitas disparidades entre as duas áreas.

Na análise dos dados, as tipologias classificatórias, os processos de constituição e a identificação na organização retórica das dedicatórias serão apresentados, embasados nos movimentos retóricos encontrados no *corpus* analisado.

4.1 Análise das dedicatórias: quanto à estrutura retórica

Há elementos de constituição que caracterizam o gênero como, por exemplo: o título, a presença do termo inicial “dedico”, o conteúdo em si, a forma de despedida, a posição do enunciado na lauda e dentro do hipergênero.

Ressalta-se que essas unidades retóricas nem sempre são tão explícitas e puras como gêneros em si; às vezes, funciona como recursos de introdução a obra, fazendo parte da colônia de gêneros introdutórios (BEZERRA, 2006, p. 99). Diante disso, percebemos que quando a dedicatória não evoca certos elementos, pode desestabilizar o discurso, constituir um espaço comunicativo de transgressão ou ser confundida com outros gêneros.

A dedicatória pode ser confundida com outros gêneros como os agradecimentos e epígrafes. Isso ocorre quando há mesclagem dessas subunidades retóricas, resultando na hibridização de gêneros (BHATIA, 2001, p. 106).

Para demonstrar as possibilidades de construção das dedicatórias em comunidades acadêmicas, apresentamos estruturas retóricas presentes no *corpus* analisado, com suas devidas classificações.

4.1.1 Dedicatória Típica: estrutura prototípica mais comum

A dedicatória típica é aquela que já se prevê sua posição, estrutura, conteúdo e não apresenta novidades em seu processo de constituição como, por exemplo, o enunciado de Flávia Dayana Almeida Noronha, na dissertação intitulada “A educação para as relações étnico-raciais em escolas da rede municipal de educação de Goiânia”, defendida em 25 de agosto de 2014, na Faculdade de Educação. Vejamos:

Figura 2 - Dedicatória típica

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos professores que estão na batalha cotidiana da prática pedagógica, lutando e acreditando na possibilidade de uma transformação social.

Dedico, também, a quem acredita na capoeira enquanto uma prática de luta pela liberdade, contra a opressão, o preconceito, a discriminação e a violência vividos cotidianamente.

A todos/as, axé Angoleiros/as!

Fonte: NORONHA, 2014, p. 5.

Desde o título do enunciado já se pode identificar o gênero textual, ao usar a palavra DEDICATÓRIA no alinhamento centralizado, com todas as letras em maiúsculo. Em seguida, os dois primeiros parágrafos iniciam-se com o vocábulo “Dedico” típico das dedicatórias.

A expressão “Dedico este trabalho” é recorrente, porque temos uma dedicatória inserida na dissertação de mestrado, situada dentro do contexto acadêmico. Desse modo, já inserimos na dedicatória o discurso da academia. Posteriormente, no enunciado são citados os primeiros dedicatários: “professores e professoras” que constituem membros da comunidade comunicativa acadêmica.

Não podemos desconsiderar que, em geral, são profissionais docentes como pedagogos que cursam o mestrado na área da educação, por isso encontramos nos trabalhos científicos o discurso educacional.

É possível encontrar termos como prática pedagógica (conforme aplicado na dedicatória acima), bem como outros usos como: profissionais do ensino, educadores, alunos,

educação básica brasileira, Educação de Jovens e Adultos (EJA). Essas palavras, normalmente, são aplicadas em contexto educacionais. Expressões como essas compõem o que denominamos campo lexical, ou seja, o conjunto de palavras e expressões vinculadas a um mesmo campo semântico ou comunidade comunicativa.

Considerando esta dedicatória como subunidade retórica da dissertação, observa-se que ela está funcionando como elemento introdutório da temática abordada na pesquisa, pois o discurso inicial está relacionado às questões étnico-raciais. Esses instrumentos de afirmação e possibilidade de transgressão são evocados no enunciado.

Em engajamento de grupos de minorias, evoca como um discurso de resistência. O discurso de resistência instaura-se num enunciado que se refere à representação de um grupo de minoria que, por meio de suas lutas de classe, promove mudança social dentro e fora de diversos ambientes sociais, neste caso, o discurso étnico-racial. É possível levantar a hipótese de que a dissertação apresentará reivindicações e práticas simbólicas de luta por ideias da cultura afrodescendente.

No último parágrafo da dedicatória, a dedicadora, ao usar a expressão “Axé Angoleiros/as” na despedida, homenageia os dedicatários angoleiros/as. Esse grupo refere-se aos praticantes da capoeira de Angola. Nesse caso, temos a alusão à dissertação, ou seja, a menção ao conteúdo do texto acadêmico. Essa referência constitui-se como social porque caracteriza a capacidade de a dedicadora sentir-se afetivamente ligada aos angoleiros a ponto de homenageá-los.

Na dedicatória de Noronha (2014), ao homenagear o grupo angoleiro, busca-se evidenciar o papel cultural da capoeira com aspectos de identidade social e posicionamento político. O dedicador na constituição do enunciado revela sua identidade cultural como força transgressiva. Ressalta-se que há diferentes instâncias de legitimação de poder e a academia constitui uma delas, sendo capaz de consagrar sanções simbólicas. Conseqüentemente, o discurso de autoridade da pesquisadora em defesa ao grupo homenageado, dentro da academia, respaldada pela própria ação social (MILLER, 1984) da banca de aprovação, constituída por doutores, que reafirma o *status quo* do título acadêmico de Mestra a dedicadora.

4.1.2 Dedicatória hibridizada: confluência de gêneros textuais

Em cada comunidade comunicativa que a dedicatória está presente, percebe-se que esse gênero não circula isoladamente, pois muitas vezes estabelece vínculos dentro dos

agrupamentos. Por necessidade da comunidade comunicativa e do hipergênero, pode abranger em sua estruturação outros gêneros numa mesma situação recorrente, como é o caso da dissertação acadêmica.

Observamos que a dedicatória, os agradecimentos e a epígrafe são gêneros que constituem blocos retóricos pertencentes à seção retórica de homenagem, da colônia retórica pré-textual, podendo, possivelmente, apresentar-se de forma individualizada ou estarem juntos como gêneros hibridizados, ou seja, mesclados entre si.

Por isso, encontramos dedicatórias que mesclam outros gêneros, como epígrafes e agradecimentos, por serem também gêneros de uma mesma seção retórica e situarem dentro de um mesmo hipergênero assim podem aparecer separados ou mesclados. Quando há a mistura dessas subunidades retóricas, ocorre à hibridização de gênero. Nesses casos, a predominância de conteúdo e a alocação do(s) demais gênero(s) permitirá a categorização e o enquadramento classificatório.

É importante ressaltar que os gêneros podem apresentar versatilidade e nuances de inovação, resultando, muitas vezes, na constituição de um gênero hibridizado, por entremear em sua composição características ou a presença de outros gêneros. Nesses casos, em que medida o gênero dedicatória é visto como integro ou rompe sua integridade?

Em muitos casos, como na dedicatória analisada a seguir, o hipergênero e conteúdo do enunciado são capazes de determinar se a hibridização não descaracterizou totalmente o gênero, vinculado diretamente a alocação e aos gêneros antecessores e posteriores a dedicatória.

Observe a dedicatória de Eliane Garcia de Brito Edir (2014), presente na dissertação “Auxiliar de atividades educativas na educação infantil: constituição histórica, tensões de uma ocupação no âmbito da rede municipal de educação de Goiânia”, defendida em 28 de agosto de 2014, do Programa de Pós-Graduação em Educação (UFG).

Figura 3 – Dedicatória hibridizada

Dedicatória

“Que história pode ser criada sem lágrima,
sem canto, sem livro e sem reza?”
Mia Couto

A minha mãe Ana Luiza Garcia de Brito (In memoriam). Saudosa mãezinha, muito que você estivesse aqui para viver comigo esse momento. Foi com você que aprendi a ter fé, a acreditar na força de meus sonhos, no poder do meu trabalho e a não desistir diante das dificuldades. Com seu exemplo entendi a efemeridade da vida...

Ao meu pai Iron Joaquim de Brito (In memoriam) companheiro diário que tinha certeza de todas as minhas vitórias.

Ao Bruce e aos meus filhos: Maria Antônia, Izabella, Luciano e Anne e a minha neta Ana Clara. Por vocês me esforço continuamente a me tornar uma pessoa melhor.

A vocês:

“O que a memória ama fica eterno. Te amo
com a memória imperecível”
Adélia Prado

A todas as pessoas que trabalham como auxiliar de atividades educativas e como professoras na educação infantil na Secretaria Municipal de Goiânia com o sincero desejo de que esse estudo possa ajudá-las a compreender melhor o seu trabalho.

“Não entendo. Isso é tão vasto que ultrapassa qualquer entender. Entender é sempre limitado. Mas não entender pode não ter fronteiras. Sinto que sou muito mais completa quando não entendo. Não entender, do modo como falo, é um dom. não entender, mas não como um simples de espírito. O bom é ser inteligente e não entender. É uma bênção estranha, como ter loucura sem ser doida. É um desinteresse manso, é uma doçura de burrice. Só que de vez em quando vem a inquietação: quero entender um pouco. Não demais; mas pelo menos entender que não entendo.”

Clarisse Lispector

Fonte: EDIR, 2014, p. 5

Nessa dedicatória, a intertextualidade é manifestada, no momento em que outros textos estão explicitamente presentes no enunciado, apresentados por traços na superfície do texto, como as aspas, constituindo assim as denominadas as citações. Esses casos ocorrem nas citações diretas de Mia Couto, Adélia Prado e Clarice Lispector que promovem a intertextualidade no enunciado analisado, além de marcarem as vozes polifônicas.

A referenciação encontrada nesta dedicatória constitui-se como referência intelectual, pois a dedicadora faz alusão às escritoras literárias com as quais compartilha concepções e pensamentos, revelados por meio da menção de nomes e epígrafes.

Na primeira parte, há uma lauda exclusiva para epígrafe, com a citação direta de João Guimarães Rosa, o texto faz uma reflexão sobre a trajetória que percorremos ao longo da vida para chegarmos ao fim das conquistas.

Enquanto, na lauda subsequente, há os agradecimentos em que a autora também inicia com citação de Fernando Pessoa, prosseguindo seu texto com referências aos indivíduos que contribuíram durante a produção da sua dissertação. Essas características nos permitem afirmar que, por alocação e força do hipergênero, o texto supracitado, efetivamente, constitui-se como dedicatória.

Na dedicatória supracitada temos o processo intertextual, como pudemos constatar. Encontra-se nessa dedicatória a intertextualidade manifesta, denominada sequencial, em que diferentes textos se alternam em um texto; o que organiza a ordem de uso são as escolhas da dedicadora. Observe que a lógica de construção está no aspecto temático e na coerência que deseja estabelecer entre eles, independente da estrutura que possuam.

Na dissertação “Representações de alunos do fundamental II sobre a língua-cultura espanhola e seus falantes,” produzida por Jordana Avelino dos Reis (2014), defendida em 26 de junho de 2014, no Programa de Pós-Graduação em Letras (Estudos Linguísticos), da Universidade Federal de Goiás identifica-se a importância do intertexto quanto à motivação de concluir o trabalho acadêmico por parte da dedicadora.

Figura 4 – Dedicatória intertextual

<p>Ao João, meu primeiro e eterno aprendiz, com quem aprendi que a representação de ser professor(a) é, acima de tudo, doação. E à Teresa, que acreditou em mim quando todos diziam: “põe essa menina pra trabalhar, porque ela nunca vai ser aprovada em uma universidade pública”.</p>
--

Fonte: REIS, 2014, p. 6.

Neste enunciado, a intertextualidade é marcada pela materialidade linguística no dito “põe essa menina pra trabalhar, porque ela nunca vai ser aprovada em uma universidade pública.”

A autoria dessa construção não pode ser identificável, pois o vocábulo “todos” constitui-se como pronome indefinido; portanto é difícil saber quem está por trás desses todos.

O dito expresso acima marcou a dedicadora e a motivou a lutar para ingressar na universidade pública a que este trabalho está vinculado, soando com tom desafiador, o que fez com que a pesquisadora produzisse esse enunciado como prova de resistência e resiliência quanto à incredulidade daqueles que duvidaram de sua capacidade intelectual.

Nesse caso, a voz polifônica não foi explicitada, mas podemos deduzir que a dedicadora possa identificar a origem e autoria nesse intertexto.

4.1.3 Dedicatória determinada pelo hipergênero: enquadramento alocacional

Há enunciados no interior do hipergênero dissertação que podem ser considerados tanto dedicatória como agradecimentos, pois se esses gêneros estivessem sem os títulos ou não fosse possível analisar a alocação, seriam dificilmente identificáveis. Nesses casos, a categorização como dedicatória deve-se a alocação dentro do hipergênero, como ocorreu também na última dedicatória analisada no tópico anterior.

O próximo exemplo foi produzido por Flávia Leonel Falchi (2015), registrada na dissertação “A aplicabilidade de conceitos de palavra à língua *Noke Koĩ*, na comunidade comunicativa da área de Linguagem” (Estudos Linguísticos), da Universidade Federal de Goiás, defendida no dia 18 de dezembro de 2015.

Figura 5 – Dedicatória determinada pelo hipergênero (Linguagem)

*Aos meus irmãos,
Vanessa Leonel Falchi e Gabriel Falchi.*

Fonte: FALCHI, 2015, p. 6

Nesse enunciado as informações apresentadas são insuficientes para se afirmar que se trata de uma dedicatória, pois não apareceram pistas como: o título que nomeia o gênero e/ou a palavra dedico no início da sentença.

Nesse caso, o gênero dedicatória poderia ser determinado pelo fato do texto estar inserido no hipergênero dissertação, em virtude de sua alocação, pode-se concebê-lo como subunidade retórica. Assim, há enunciados posteriores que se encontram nas duas laudas sequenciais.

Na primeira, encontramos os Agradecimentos, explicitamente, mencionados e a segunda, a epígrafe. Neste caso, podemos constatar por força do hipergênero, ou seja, sua alocação, devido aos textos que sucedem, necessariamente, o próximo enunciado possa a ser classificado como o gênero textual dedicatória, se o conteúdo permitir.

Outro ponto a ser observado é que se trata dos dedicatários, com vínculo familiar; há menção de parentesco de primeiro grau (irmãos) e do sobrenome Falchi, o mesmo da dedicadora.

Para comprovar que esse fato ocorre, independentemente, da comunidade comunicativa, dentro do contexto acadêmico, observe-se a dedicatória de Hugo Alves Ricon, extraída da dissertação intitulada “A gestão democrática nas escolas de ensino fundamental da rede municipal de educação de Goiânia: desafios e possibilidades a partir da visão dos professores do conselho escolar”, defendida no dia 31 agosto de 2015, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás.

Figura 6 – Dedicatória determinada pelo hipergênero (Educação)

<p>Aos meus pais, Paulo Ricon e Dora Maria, meus grandes exemplos de vida.</p>
--

Fonte: RICON, 2015, p. 5

Observe que nesse enunciado tem-se a explicitação dos vínculos afetivos, identifica-se a questão do sobrenome do dedicador e do dedicatário serem os mesmos, bem como a motivação da homenagem. Desse modo, o processo de identificação do dedicatário configura-se como identificação representacional da figura materna e paterna. Todavia, esse enunciado poderia ser tanto um texto de dedicatória como de agradecimentos, podendo-se confundir.

Ao analisarmos a dissertação como hipergênero, vimos que a dedicatória se encontra na página seguinte aos agradecimentos, um enunciado com características semelhantes, mas com o título Agradecimentos. Portanto, em virtude da força do hipergênero, ou seja, da alocação, confirma-se que esse enunciado é uma dedicatória.

Diante disso, mesmo em comunidades comunicativas específicas no contexto acadêmico, os gêneros dedicatória e agradecimentos podem ser confundidos. Isso ocorre se análise for feita apenas com o gênero isolado, isto é, se concebermos a dedicatória apenas como unidade retórica independente e não como subunidade retórica de uma unidade retórica maior. Daí a importância do estudo do hipergênero nesta pesquisa.

4.2 Análise das dedicatórias: quanto a designação de dedicatário

Ao delimitar a comunidade linguística acadêmica no estudo de gêneros é possível identificar similaridades na constituição das dedicatórias no ambiente institucionalizado.

Na dedicatória, concebe-se como *dedicatário* a figura homenageada na dedicatória, pode ser uma, um grupo ou várias pessoas, entidade espiritual, instituições, objetos e animais domésticos, dentre outras.

A dissertação acadêmica, assim como qualquer trabalho intelectual científico exigido pela academia, exige muitos critérios de constituição formais de escrita. No entanto, em apenas em alguns gêneros, como a dedicatória, o autor tem total liberdade para homenagear quem quer que seja ou que tenha contribuído na sua trajetória de produção. Pode ocorrer também a autodedicação quando o dedicatário faz a homenagem a si mesmo.

Acreditamos que as homenagens no contexto acadêmico, normalmente, são direcionadas aos indivíduos pertencentes à comunidade acadêmica. Entretanto, é comum a referência a grupos familiares, amigos ou pessoas que, mesmo não estando vinculados a esses, o dedicatário precisa marcar de alguma forma o dedicador para que se tornasse relevante citá-lo(a) ou referendá-lo(a) na dedicatória.

Até o presente momento, observa-se que a dedicatória, quando está inserida na dissertação, apresenta em sua construção retórica a influência dos membros de instituições que o dedicador está inserido, seja de foro íntimo ou público.

Vejam os quais as relações e vínculos mais comuns entre dedicador e dedicatário no quadro a seguir:

Quadro 14 – Vínculos dos dedicatários encontrados nas dedicatórias

VÍNCULO	FORO ÍNTIMO	FORO PÚBLICO
Familiar ³	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Cônjuges / Companheira(o) ▪ Filhas(os) ▪ Animais de criação 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Pai ▪ Mãe ▪ Irmãs(ãos) ▪ Netas(os) ▪ Avós(ôs) ▪ Tias(os) ▪ Sobrinhas(os) ▪ Cunhados(as)
Academia	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Ex-professores que marcaram de forma pessoal ▪ Amigos próximos que acompanharam a pesquisa 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Orientadores(as) ▪ Professores avaliadores ▪ Colegas da turma
Religioso	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Deus Cristão 	-
Profissional	-	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Colegas de trabalho ▪ Alunos e ex-alunos
Similaridades de luta (por ideais)	-	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Pessoas vinculadas à comunidade de pesquisa ▪ Dedicatários generalizados, sem nomeação individual explícita

Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

Esses vínculos apresentados na tabela acima podem aparecer numa mesma dedicatória. Observe-se a dedicatória de Érica da Silva Oliveira, extraída da dissertação intitulada “(Auto)representações de professores de espanhol em Goiás: construindo identidades profissionais”, defendida em 13 de junho, de 2014, na Faculdade de Letras.

³ Apesar da instituição familiar, para muitos, ser em sua totalidade de foro íntimo, ressalta-se aqui, que pela forma como os dedicatários são descritos, o grupo familiar formado por cônjuges, companheiros e animais de criação revela uma convivência mais próxima e compõe a rotina diária dos dedicatários, por isso os indivíduos do grupo familiar são mais íntimos e os demais são mais referências de saber ou de incentivo. Por isso, optamos separá-los em dois: íntimo e público.

Figura 7 – As relações do dedicador e seus dedicatários

A todos aqueles que colaboraram para que esta pesquisa pudesse ser realizada e este trabalho pudesse ser concluído.

À minha orientadora, que “me abriu as portas” e, de maneira sempre tão sábia e competente, conduziu-me no caminho da pesquisa desde a graduação, primeiro na licenciatura, em seguida no bacharelado e agora no mestrado.

A todas as professoras e todos os professores que tive em minha vida, com especial atenção aos professores de Espanhol (Patrícia, Hêlia, Karla, Gladys, Sara, Antón, Cleidimar, Lucilene e Victória), pois foi devido ao trabalho inicial que realizaram que agora posso dar continuidade aos estudos como professora pesquisadora.

À minha família, que tão carinhosamente soube entender quando estive ausente para dedicar-me a este trabalho.

Aos meus pais Elza e Nadir, meu porto seguro, por tudo o que fizeram e fazem por mim.

Aos meus irmãos Elaine e Romério, pela torcida, pela amizade e por estarem sempre comigo. Aos meus sobrinhos Sarah e Diego, por alegrarem a minha vida e serem, para mim, motivo de orgulho.

Aos meus avós Maria e Belchior (in memoriam), que me ensinaram que a maior representação que devemos ter da vida é a de que ela é eterna.

Fonte: OLIVEIRA, 2014, p. 6

Estruturada em versos e estrofes, com espaçamento de 1,5 entrelinhas, diferentemente da maioria das dedicatórias, esse enunciado apresentou variação até na fonte escolhida *Monotype Corsiva*.

A dedicadora faz uma homenagem generalizada e ampla. Na segunda estrofe, composta por um quarteto, faz uma dedicação exclusiva à sua Orientadora. Enquanto, na terceira estrofe, estruturada em cinco versos, a homenagem é feita a todos os professores de Espanhol que colaboraram com sua formação, e ainda cita o primeiro nome desses profissionais.

Oliveira apresenta sua comunidade acadêmica específica da área de Linguagem, pois, das comunidades comunicativas analisadas, o estudo da língua espanhola envolve a linha de

Estudos Linguísticos. Isso antecipa o conteúdo da pesquisa realizada; assim funciona como recurso introdutório temático, já que a dedicadora pesquisa representações de professores desse idioma.

Por último, na última estrofe, composta por nove versos, a pesquisadora teve o cuidado de mencionar vínculos familiares em relação aos dedicatários: pais, irmãos, sobrinhos, avó e avô, embora este último seja homenagem póstuma, já que a expressão em latim “in memoriam” revela o falecimento do Sr. Belchior.

Nos tópicos subsequentes exemplificamos algumas das situações descritas no quadro 14, quanto à relação dedicador e dedicatário, bem como os modos de identificação dos atores sociais envolvidos.

4.2.1 Dedicatórias direcionadas a membros familiares

A família composta por indivíduos de quem se descende, relacionamento conjugal ou adoção que ligam os laços afetivos, constituindo a primeira comunidade comunicativa institucionalizada em que as pessoas são inseridas. Normalmente, esse grupo social influencia os dedicadores, porque no momento da produção da dissertação é a família que acompanha o processo.

É importante ressaltar que o grau de parentesco, muitas vezes, fica evidente porque os membros de uma família costumam compartilhar do mesmo sobrenome, herdado dos ascendentes diretos e isso fica explícito nas dedicatórias dessa categoria.

Vejamos a dedicatória de Débora Sousa Martins, da dissertação “A identidade no discurso pedagógico: o embate de vozes e lugares sociais”, defendida no dia 27 de maio de 2014, na Faculdade de Letras da UFG.

Figura 8 – Dedicatários da instituição familiar

Ao meu querido e eterno vovô, que tanto me deu forças a concluir esse trabalho, mesmo não mais em materialidade entre nós.

A Delma, minha irmã que mesmo de longe, sempre foi minha inspiração para tantos momentos.

Ao Adolfo, meu companheiro pela subjetividade.

Aos meus pais e minha amada vovó pelo amor e apoio incondicionais.

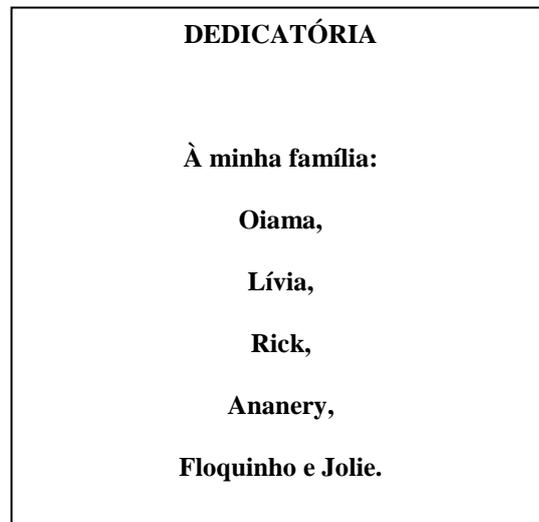
Fonte: MARTINS, 2014, p. 6

Nesta dedicatória, a dedicadora possui um vínculo familiar com cada um dos membros citados e que a figura individualizada foi significativa para que a motivasse a concluir a dissertação. Cada um(a) a seu modo é relacionado, acionado e representado. É interessante a forma sutil que descreve os entes ausentes; na verdade, trata-se do eufemismo de expressões como “mesmo não mais em materialidade entre nós”. A dedicadora refere-se ao “vovô” numa situação póstuma.

Há os vínculos por adoção que não se ligam apenas por aspecto consanguíneos, mas por institutos jurídicos da guarda, tutela e adoção. No caso de um animal de estimação, mesmo sem o amparo legal, o vínculo pode ser estabelecido, por uma situação excepcional.

Observe-se a seguir a dedicatória de Maria Cristina de Sylvio, coletada da dissertação “Ensinar e aprender nos anos iniciais do ensino fundamental: contribuições da teoria histórico-cultural e da teoria do ensino desenvolvimental”, defendida na Faculdade de Educação no dia 28 de agosto de 2015.

Figura 9 – Dedicatário com vínculo familiar afetivo por adoção



Fonte: SYLVIO, 2015, p. 5

Quanto ao aspecto estrutural, o enunciado está com espaçamento entrelinhas de 1,5 e com o texto com alinhamento centralizado; foi o único caso em que todo o enunciado estava registrado em negrito desde o título.

No enunciado, evidenciamos a relação familiar pela expressão “minha família” e se tem o primeiro termo pronome possessivo “minha” que indica o sentimento de pertença dos nomes citados pela dedicadora que compõem sua instituição familiar.

Entretanto, o que mais chama a atenção são os vocábulos Floquinho e Jolie que mais parecem nomes de animais domésticos. Culturalmente, no Brasil, os animais criados junto da família, pelo tamanho ou vínculo, recebem nomes ou são tratados no diminutivo, que expressa a forma carinhosa de tratamento. Assim, acredita-se que os dois últimos nomes fazem referência a animais.

Não podemos identificar qual a espécie de animal, mas por pressuposição, ou seja, por uma circunstância comum, pelo contexto e pelo aspecto cultural brasileiro, por meio da combinação das palavras utilizadas, pode-se inferir que sejam cachorrinhos; em especial, Floquinho parece ser um cachorro peludo.

Portanto, a pressuposição, nesse caso, ocorre quando se tem elementos anteriores ou de mesmo sentido que tornam a suposição plausível, desse modo, há o caso relacional por adoção de animal como membro da instituição familiar.

4.2.1.1 Dedicatória póstumas

A homenagem feita a pessoas já falecidas é muito recorrente na dedicatória. Essa referência feita a pessoas falecidas denomina-se dedicatória póstuma. A dedicatória póstuma é uma variação das dedicatórias (GENETTE, 2009. p. 121).

Essa forma de dedicação aplica-se em diferentes contextos; não seria diferente, encontrar exemplos dessa natureza no *corpus* selecionados. Todavia, veja-se a seguir três possibilidades de construção enunciativa póstuma, embora já tenha sido apresentado um exemplo anteriormente.

No primeiro caso, observe-se a dedicatória de Mário Pires de Moraes Junior, extraída da dissertação “Candomblé: discurso em transe”, defendida na Faculdade de Letras no dia 29 de maio de 2014. Nota-se que o impacto da morte da pessoa homenageada influenciou o dedicatório.

Figura 10 – Dedicatória póstuma: primeiro caso

Dedico esse trabalho à minha família: Mamãe Rosana, papai Mário, irmãs Valéria e Viviane.

Mas, dedico especialmente à minha tia Cidinha.

Tia, minhas mais remotas lembranças são acompanhando-te nos colégios em que a senhora lecionava, observando seu trabalho como professora. Penso que esses registros foram, de forma inconsciente, meu norte durante toda minha vida profissional.

Deus te levou muito cedo de nós, no meio desse processo de pós-graduação. A senhora sempre foi minha maior incentivadora. Sempre se orgulhou do seu sobrinho mestre, em breve, doutor. Sei que você queria estar sentada na primeira fileira na defesa desse trabalho, e, quando eu estiver olhando para essas cadeiras, saberei que em uma delas a senhora estará.

Esse trabalho é inteiramente seu. Minha maior admiradora, meu amor.

Saudade eterna.

Fonte: MORAES JUNIOR, 2014, p. 6

Essa dedicatória póstuma está carregada de memórias, com saudosismo e nostalgia significativos. O dedicador possui um sentimento muito forte em relação à figura da tia, a pessoa homenageada; trata-se de uma referência de saber, incentivo e apoio, na vida de Mário Júnior (2014).

A perda da “tia” ocorreu durante o processo de escrita de si. Em média, o mestrado possui dois anos de formação; tudo parece muito recente para o dedicador. A motivação ainda permanece, pois, o dedicador usa a expressão “em breve, doutor”. É interessante o modo sutil como retrata a ausência: “Deus te levou muito cedo de nós”. Estruturalmente, a dedicatória é organizada em prosa, com parágrafos definidos, um recurso muito comum nas dedicatórias institucionalizadas analisadas neste corpus.

O segundo caso de homenagem póstuma encontra-se na dissertação defendida em 26 de setembro de 2014, na Faculdade de Letras, intitulada “Impactos da avaliação diagnóstica nas aulas de língua portuguesa das escolas de Quirinópolis-Goiás”, de Rosângela do Nascimento Costa.

Figura 11 – Dedicatória póstuma: segundo caso

[...]
 À minha avó, que já não reside nesse plano, porém sempre
 foi inspiração de mulher lutadora e ciente de suas
 capacidades, uma mulher além de seu tempo,
 [...]

Fonte: COSTA, 2014, p. 6

A dedicadora faz uso de eufemismo para referir-se a avó como homenagem póstuma ao usar a expressão “que já não reside nesse plano”. Há eufemismo quando se suaviza ou se tenta minimizar o peso com palavra, locução ou expressão de forma mais agradável numa situação delicada, para tratá-la também de forma respeitosa.

O terceiro caso póstumo está na dedicatória extraída da dissertação “A confissão antropofágica de Flávio Carneiro”, escrita por Fernanda Ribeiro Marra, defendida em 6 de abril de 2015, na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, em Goiânia.

Figura 12 – Dedicatória póstuma: terceiro caso

Para meus amores, João e Adérito,
 e minha avó Dirce (*in memoriam*)

Fonte: MARRA, 2015, p. 6.

A expressão *in memoriam* é de origem latina, significa em memória ou em lembrança de uma pessoa falecida; é utilizada em dedicatórias, convites de casamento, obituários, epitáfios, placas comemorativas e outros gêneros textuais para identificar os indivíduos mortos. Nesse sentido, para Genette (2009, p. 121), “a dedicatória a título póstumo também permite mostrar a relação afetiva familiar,” como ocorreu com Marra (2015).

4.2.1.2 Dedicatória pré-natalística

O período que precede o nascimento é chamado de pré-natal. Neste estudo, a homenagem feita em dedicatória a uma criança antes do nascimento denomina-se dedicatória pré-natalística.

Vejamos o fragmento no exemplo da dedicatória de Luciana Barbosa Cândido Carniello, autora da dissertação “Políticas de Formação Continuada de Professores: um estudo de caso da rede municipal de ensino de Anápolis”, defendida dia 9 de julho de 2014, na Faculdade de Educação.

Figura 13 – Dedicatória pré-natalística

[...]

A João Carlos, que mesmo antes de nascer, muito já me ensinou.

[...]

Fonte: CARNIELLO, 2014, p. 6

Essa classificação se aplica a homenagens feitas a pessoas que ainda não vieram ao mundo, efetivamente. A impressão que se tem, além da expectativa da dedicadora, é o sentimento de mudança, pois quando relata que houve aprendizagem, algo já tenha mudado com a experiência da maternidade na vida de Carniello (2014). No recorte desta pesquisa foi o primeiro e único caso constatado.

4.2.2 Dedicatória direcionada a membros da comunidade de pesquisa

Nesse grupo temos colegas de turma, professores, orientadores, grupos de pesquisa, equipe administrativa do programa de pós-graduação, bem como alguns departamentos ou outras instituições que fornecem bolsas aos acadêmicos do mestrado.

Vejam as ocorrências encontradas.

4.2.2.1 Dedicatória a(os) orientadores(as)

Dentre os membros da comunidade de pesquisa acadêmica, a figura do(a) orientador(a) é determinante para o acesso, permanência e conclusão do mestrado. Este profissional representa a instituição, valida a existência do(a) orientando(a), possui a autoridade para aceitar e excluir a pessoa no programa de pós-graduação em que está inserido.

Durante a análise foi possível encontrar no Programa de Pós-Graduação em Educação apenas uma menção a orientadora. Em outros casos, a referência a orientadores aparece nos agradecimentos, mas nas dedicatórias analisadas não é uma prática comum do gênero, mas pode ocorrer. Constatamos este fato na dedicatória inserida no hipergênero “A literatura infantil e a prática formativa na pré-escola: dialogando com questões étnico-raciais e a educação da criança indígena”, escrita por Cleide Santos de Sousa, com defesa datada de 4 de setembro de 2014.

Figura 14 – Homenagem à orientadora da pesquisa (Educação)

Dedico este trabalho às minhas amadas filhas: Isadora e Vitória, à minha família pelo carinho e incentivo nessa caminhada e a minha orientadora por toda paciência e confiança transmitida.

Fonte: SOUSA, 2014, p. 6

Depois da homenagem aos membros da família, a dedicadora agradece pela relação de paciência e confiança da orientadora. Neste caso, vimos os graus de importância que hierarquizam as homenagens conforme os vínculos entre dedicadora e dedicatárias.

Na área de Concentração de Linguagem constatamos três casos de homenagem ao profissional, do gênero masculino, que faz orientação do trabalho acadêmico. O destaque foi para Orientador Professor Dr. Jamesson Buarque de Souza, que aparece em dois casos.

No primeiro, registrado no fragmento por Érica da Silva Oliveira, extraída da dissertação intitulada “(Auto)representações de professores de espanhol em Goiás: construindo identidades profissionais”, defendida em 13 de junho, de 2014, na Faculdade de Letras.

Figura 15 – Homenagem à Orientadora (Linguagem)

[...]

À minha orientadora, que “me abriu as portas” e, de maneira sempre tão sábia e competente, conduziu-me no caminho da pesquisa desde a graduação, primeiro na licenciatura, em seguida no bacharelado e agora no mestrado.

[...]

Fonte: OLIVEIRA, 2014, p. 6

Neste fragmento, a dedicadora faz homenagem a sua orientadora, por toda caminhada conjunta na academia, deixando explícito sua formação de licenciada, bacharel e mestra na área de Linguagem. Nesta dedicatória, pode-se mapear a trajetória acadêmica da dedicadora, visto que informou ao seu leitor sobre quem acompanhou sua formação.

Como a dedicatória está inserida no hipergênero é facilmente identificado na folha de rosto da dissertação o nome da Professora.

O segundo caso, de referência a figura do orientador está em “Lationomérica e a pertinência épica da poesia brasileira”, de Denise Freire Ventura, defendida em 26 de novembro de 2015, na Faculdade de Letras.

Figura 16 – Homenagem explícita ao Orientador (Linguagem)

Dedico este trabalho a minha família, ao meu esposo, colegas de estudo, amigos pessoais e também ao meu orientador Jamesson Buarque.

Fonte: VENTURA, 2015, p. 5

Novamente, encontra-se o nome citado e a função dentro da comunidade acadêmica do Orientador, juntamente com a lembrança dos demais colegas de estudo. Nesse aspecto, constatou-se que ambas as comunidades comunicativas específicas não deram tanta

visibilidade ao membro da comunidade de pesquisa que atua como orientador. Trata-se de uma referência pouco expressiva.

4.2.2.2 *Dedicatória aos professores e colegas: membros da comunidade comunicativa acadêmica específica*

Neste tópico, de forma mais abrangente, as homenagens são feitas a pessoas que fizeram a leitura e o acompanhamento da pesquisa. Trata-se de colegas ou professores da comunidade acadêmica específica; por serem da mesma área de conhecimento ou concentração dos dedicadores, suas contribuições são significativas para a pesquisa. Observe-se o fragmento da dedicatória de Luciana Barbosa Cândido Carniello, autora da dissertação “Políticas de Formação Continuada de Professores: um estudo de caso da rede municipal de ensino de Anápolis”, defendida dia 9 de julho de 2014, na Faculdade de Educação.

Figura 17 – Homenagem à professora incentivadora da pesquisa

<p>A Eliane Anderi, amiga incentivadora; mestre inspiradora; meu exemplo de integridade e sabedoria. Minha alfabetizadora em âmbito acadêmico.</p>
--

Fonte: CARNIELLO, 2014, p. 6.

Essa dedicatória traz a imagem representacional do outro, a imagem criada pelo dedicador, “meu exemplo de integridade e sabedoria”. Contudo, explicita o espaço de referência profissional “Minha alfabetizadora em âmbito acadêmico”, mantendo o distanciamento entre o destinatário público, em contrapartida com o privado. Posteriormente, detalharemos essa discussão.

Em “Confissão como estratégia de restrição na poética de Carlos Drummond de Andrade”, Larissa Cardoso Beltrão registrou na dedicatória inserida em sua dissertação defendida em 25 de fevereiro de 2015, no Programa de Pós-Graduação em Letras, a seguinte homenagem:

Figura 18 – Homenagem aos colegas de área de Concentração da pesquisa

[...]
 À Márcia Melo e Vanessa Gomes pela atenção
 dispensada na leitura deste trabalho.

Fonte: BELTRÃO, 2015, p. 6

Nesta dedicatória Beltrão faz uso de um teor de agradecimento às colegas pela leitura do trabalho, diante disso, evidenciamos o respeito ao saber de Márcia e Vanessa e, acreditamos que as contribuições tenham sido significativas para autora da pesquisa. Nos ambientes acadêmicos é comum, culturalmente, que os colegas de turmas compartilhem seus textos para apreciação.

Figura 19 – Homenagem aos colegas da turma do mestrado

Carinhosamente à Norivan Dutra, Kátia Braga,
 Cláudia Regina Bertoso V. Leite e José Carlos
 Moreira, companheiros desta caminhada, em
 reconhecimento pelo incentivo às demandas deste
 desafio.
 [...]

Fonte: BRAGA, 2014, p. 6

Na dissertação de Laudelina Braga, intitulada “Tensões da matemática como conhecimento: instrumentalização e formação do homem autônomo”, com defesa datada de 19 de agosto de 2014, identificam-se os colegas de turma do mestrado em Educação. O vínculo relacional com as dedicatórias foi omitido. Então temos uma representação acional de Márcia e Vanessa, ou seja, o relato do que elas fizeram pelo dedicador.

Neste enunciado encontramos certo tom de mistério na identificação dos dedicatários, porque o dedicador ora revela, ora omite informações. Uma das funções da dedicatória é a valorização implícita ou explícita da homenagem ou da obra em que está inserida. Ora deixa tudo às claras, ora deixa pistas para montarmos um quebra-cabeça. Esse jogo de esconde-esconde vai deixando pistas para que os leitores façam suas inferências ou busquem desvelar o que a dedicatória pode evocar.

Observamos os efeitos da convivência diária dos homenageados e das discussões. Nota-se amadurecimento do pesquisador e da pesquisa, pois quando são homenageados há uma carga semântica significativa de empatia e relevância com as contribuições recebidas.

Nessas três dedicatórias, direcionadas a membros da comunidade acadêmica específica, constatamos a importância de outros professores da área, além do Orientador, bem como dos colegas de turma na leitura e discussões durante a trajetória da pesquisa.

4.2.3 Dedicatórias dispersas: direcionadas a membros da comunidade pesquisada

Ao investigar dedicatórias no ambiente acadêmico que se constitui como institucionalizado, conseqüentemente, os membros da comunidade de pesquisa têm impacto significativo na pesquisa. Entretanto, há membros da comunidade de pesquisa que não fazem parte da comunidade acadêmica, embora possa ocorrer o contrário também.

Nesses casos, temos o engajamento social do pesquisador, sendo possível relacionar o título da dissertação acadêmica com a dedicatória. Portanto, vamos analisar três ocorrências, duas vinculadas à área de Educação e uma à área de Linguagem.

Veja-se esta dedicatória produzida por Maria Aldina Gomes da Silva Francisco, da dissertação “Formação continuada de professores na educação de adolescentes, jovens e adultos: uma experiência da Secretaria Municipal de Goiânia em 2013-2014”, defendida em 1º de julho de 2015.

Figura 20 – Dedicatória da comunidade pesquisada EJA

<p>DEDICATÓRIA Aos sujeitos da EJA que todos os dias precisam superar enormes dificuldades, mas jamais desistem da luta.</p>
--

Fonte: FRANCISCO, 2015, p. 5

Outro exemplo de dedicatória dessa categoria está na dissertação “As pesquisas em educação básica realizadas no PPGE/FE/UFG”, produzida por Marcia Cristina Silva e defendida em 26 de agosto de 2014. Nesse caso, assim como em outros que veremos a seguir, as dedicatórias possuem uma relação mais direta com o ambiente acadêmico e, conseqüentemente, com a área de conhecimento da dissertação acadêmica. Nesta, por exemplo, o enunciado evoca a questão da Educação de Jovens e Adultos (EJA), grupo pesquisado, geralmente, nas pesquisas dos programas pós-graduação voltados para a área da Educação.

Figura 21 – Dedicatória da comunidade pesquisada da Educação Básica

<p>[...] aos colegas da Educação Básica, que carregam em seus ombros o peso dos problemas da Educação Básica brasileira.</p>
--

Fonte: SILVA, 2014, p. 5

Observe-se, a partir de agora, o caso coletado na comunidade comunicativa específica da Área de Linguagem, extraído da dissertação “Português para surdos: uma vida de mão dupla”, com data de defesa em 22 de agosto de 2014, de Gláucia Xavier dos Santos Paiva. O destaque desta dedicatória está na escolha da dedicadora em reproduzir sua homenagem em ELiS, na lauda 3, e em língua portuguesa na página seguinte.

A Escrita da Língua de Sinais (ELiS), criada pela Professora Dr.^a Mariângela Estelita Barros, da Universidade Federal de Goiás, constitui-se a partir de um sistema de escrita que tem a sua base alfabética e linear, organizado a partir dos estudos de Willian Stokoe, na década de sessenta, sobre os parâmetros dos sinais (SILVA, 2014).

É importante ressaltar que Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) é o segundo idioma oficial do Brasil, conforme a Lei 10.436, de 24 de abril de 2002, em que se reconhece como meio legal de comunicação e expressão. Entretanto, por ser um sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, há também as limitações quanto ao registro de escrita, assim a ELiS foi apresentada como alternativa.

A ELiS “foi criada e experimentada na Libras, mas por ser de estrutura alfabética, ou seja, por representar os elementos menores desta língua, serve à escrita de qualquer língua de sinais.” (ESTELITA, 2010, p. 4). Todavia, não é considerada oficialmente aceita, embora já seja estudada na academia e isso não significa que a maioria dos alunos surdos brasileiros tenha acesso ou domínio sobre ela.

cinco parâmetros de formação dos sinais, a saber, configuração de mãos, orientação da palma, ponto de articulação, movimento e expressões não-manuais.” (BARROS, 2010, p. 3).

Salientamos que as escolhas da dedicadora não descaracterizaram a dedicatória, ou seja, o gênero textual em si, porque a estrutura, a homenagem, os termos comuns e alocação no hipergênero permanecem. O que difere é que se tem duas páginas com dedicatórias, a primeira, para surdos e a segunda para usuários da língua portuguesa.

Esse tipo de dedicatória desenvolveu-se em virtude da comunidade comunicativa específica de Linguagem, pois a abordagem teórica exigida para materializar linguisticamente o gênero requer conhecimento aprofundado tanto da LIBRAS como da ELiS. A área de concentração foi determinante e viabilizou a concepção do gênero em estudo.

4.3 Análise das dedicatórias: quanto aos modos de identificação

Neste estudo, a identificação constitui-se como modo ou efeito de afinidade com alguma coisa ou pessoa, gerada por empatia ou vínculo de convivência que o(a) dedicador(a) tem em relação as dedicatários, por esse motivo o(a) leva a produzir a homenagem.

a construção de identidades e de identificações relaciona-se ao significado identificacional, mas também está ligada aos processos de classificação, de elaboração de semelhanças e diferenças (significado representacional), e aos processos de construção, manutenção e subversão de papéis sociais e relações sociais (significado acional/relacional).(RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 59)

Neste estudo, concentramo-nos nos aspectos: *relacional*, *acional* e *representacional*. Ressaltamos que nas dedicatórias, geralmente, antes desses processos de identificação serem apresentados, revela-se os nomes dos indivíduos homenageados. Todavia, nem sempre esses modos de identificação serão encontrados de forma conjunta, pois muitas vezes podem aparecer isoladamente ou sem a nomeação, pois são as formas materializadas linguisticamente que manifestam esses processos enunciativos.

Vejamos o caso da dedicatória de Alessandra Campos Lima da Costa, inserida na dissertação “A sinalização de histórias em libras: aspectos linguísticos e extralinguísticos”, defendida no dia 29 de abril de 2015, na Faculdade de Letras.

Figura 23 – Dedicatória sem identificação relacional

Ao Davi e à Isadora, pelo quanto me incentivaram a continuar.

Nesta dedicatória, os nomes dos homenageados são apresentados, além do motivo gerador da homenagem. Entretanto, não é possível identificar o vínculo relacional dos dedicatários. Assim, compete ao leitor o desafio de supor esses vínculos, pois é a

prática de leitura que leva em conta as categorias de análise postas, pressupostos e subentendidos como partes de uma análise ampla de um texto, pois a leitura não se dá apenas no dito (no posto), mas, principalmente, também no que não está dito (nos implícitos), ativados pelos pressupostos e subentendidos, por meio de elementos linguísticos e pragmáticos. (DE FRANÇA, 2013, p. 62)

Há um caso de subentendido em que se pode supor ou entender aquilo que não está expresso, pois de acordo com Ducrot (1987, p. 20-21), “o subentendido reivindica a possibilidade de estar ausente do próprio enunciado e de somente aparecer quando um ouvinte, num momento posterior, refletir sobre o referido enunciado”.

Diante disso, nessa dedicatória, por estarem subentendidos, os dedicatários podem ser filhos, amigos, colegas ou irmãos, em virtude dos aspectos comuns encontrados nas figuras homenageadas em numa dedicatória, embora se seja difícil a identificação relacional nesse caso.

Nos tópicos a seguir, apresentamos detalhadamente esses modos de identificação dos dedicadores com os dedicatários, sendo: relacional, acional e representacional.

4.3.1 Modo de identificação relacional

O modo de identificação relacional está associado à identificação de atores sociais em discursos, pois “no significado identificacional, analisamos a construção de identidades e a identificação de atores sociais, isto é, a construção de modos particulares de identificação de atores sociais representados no texto.” (RAMALHO; RESENDE, 2011, p. 130).

Parafraseando Moita Lopes (2002), as identidades sociais são compostas, portanto, no campo de sua multiplicidade, do dinamismo, da fragmentação e da contradição, sendo ancoradas a partir de seus estudos contextualizados.

Observe-se na dissertação “Historiografia-linguística da Morfologia do Conto Maravilhoso de Vladimir Iakovlevich Propp”, produzida por Patrícia Verônica Moreira e defendida na Faculdade de Letras em 03/09/2014.

Figura 24 – Modo de identificação relacional

Para a minha avó Helena Moreira.

Fonte: MOREIRA, 2014, p. 6

Aqui, o uso do pronome “minha” indica o sentimento de posse, o termo “avó” o grau de parentesco e, posteriormente, o nome da dedicatária. Desse modo, a identificação relacional ocorre quando o vínculo é explicitado, nesse caso, o familiar, advindo da palavra avó e pelo uso do mesmo sobrenome da dedicadora e da dedicatária, comprovando o laço familiar, com ressalvas no detalhamento vincular, pois o grau de parentesco pode ser tanto do lado paterno como do materno.

A nomeação e o aparecimento dos dedicatários numa homenagem, normalmente, fazem com que esse ator social seja vinculado a uma realidade do dedicador, pautada nas relações estabelecidas entre eles: antes, durante ou depois da produção da dissertação.

4.3.2 *Modo de identificação acional*

A categoria de análise denominada modo de identificação acional envolve o aspecto pragmático da língua. Nesse caso, aquilo que os dedicatários realizam, usualmente por meio de ações de incentivo e apoio em relação a(o) dedicador(a) durante a produção da dissertação, denota uma situação retórica comum de homenagem; nos permite associar e definir os efeitos e consequências desses usos. Esse tipo de dedicatória será exemplificado a seguir com o fragmento da dedicatória de Gláucia Resende Marra Pereira, extraído da dissertação “A adequação do currículo para alunos surdos em escolas comuns de Goiás: entre o prescrito e o realizado”, defendida no dia 29 de agosto de 2014, desenvolvida na área de Educação.

Figura 25 – Modo de identificação acional

Ao Heleno, meu querido esposo e companheiro que esteve sempre ao meu lado me apoiando e incentivando [...]

Fonte: PEREIRA, 2014, p. 6

Em virtude da convivência diária entre dedicador(a) e dedicatário(a) é comum, as homenagens serem direcionadas a pessoas do convívio do(a) dedicador(a). Como neste caso

em que o homenageado é o esposo e foi companheiro, apoiando Pereira (2014) durante a produção da dissertação.

As ações de apoiar e incentivar o pesquisador estabelecem a questão da identificação acional em termos práticos, pelas atitudes. Isso pode ocorrer de diversas formas, por diferentes motivos e com dedicatários de qualquer comunidade comunicativa na qual o(a) dedicador(a) estiver inserido(a).

4.3.3 Modo de identificação representacional

O modo de identificação representacional envolve o aspecto de referência que os dedicatários são para os dedicadores. O dedicador constrói ou estabelece relação(ões) simbólica(s) da figura dos dedicatários em virtude do ambiente social no qual conviveram ou independentemente de estabelecerem alguma espécie de contato.

Muitas vezes, essa representação pauta-se num real/imaginário que nem o próprio dedicatário havia vislumbrado. Observe-se o fragmento a seguir da dedicatória escrita por Ondina Maria da Silva Macedo, extraída da dissertação “Gêneros discursivos em um assentamento rural: entrecruzamento de vozes”, defendida no dia 10 de abril de 2014, na Faculdade de Letras.

Figura 26 – Modo de identificação representacional

Ao meu esposo Waldemar, porto seguro nas horas difíceis, pelo apoio em todas as minhas decisões [...]

Fonte: MACEDO, 2014, p. 6

Nesta dedicatória, o esposo é visto como “porto seguro”, ou seja, para a dedicadora nos momentos de dificuldades, simbolicamente, Waldemar é a referência de segurança. Normalmente, as pessoas necessitam de uma referência de inspiração ou de, efetivamente, um exemplo para seguir. Nas dedicatórias estudadas, essas referências, geralmente, estão no seio familiar ou na imagem de professores ou ex-professores.

É importante ressaltar que, quando há essas manifestações, os dedicadores apresentam-se como pessoas vulneráveis, frágeis. Em alguns casos, nota-se certa humildade diante dos dedicatários.

Percebe-se, ainda, como prática social, que a dedicatória parece ser um desengano de consciência por parte do dedicador para justificar o peso da ausência familiar enquanto produzia sua dissertação. Nesses casos, a dedicatória também aparece como desabafo e, ao se referenciar determinados indivíduos, expondo seus vínculos, pode ser um modo de revelar a relação entre dedicador(a) e dedicatário(a).

Mediante essas exemplificações, constatou-se que os três modos de identificação estudados podem aparecer de forma isolada ou em conjunto numa mesma dedicatória, independentemente de nomeação dos dedicatários, além disso, não são identificados por parágrafos, mas por partes que compõem o enunciado.

Para fins didáticos, retomamos a dedicatória de Ondina Maria, agora na íntegra. Nela, vamos exemplificar a presença dos três modos de identificação do dedicador: relacional, acional e representacional na mesma dedicatória

Figura 27 – Modos de identificação

DEDICATÓRIA

Ao **meu esposo Waldemar**, *porto seguro nas horas difíceis*, pelo apoio em todas as minhas decisões e às **minhas filhas Lara e Laís**, que embora tão jovens, souberam compreender meus momentos de ausência.

Fonte: MACEDO, 2014, p. 6

Neste caso, os modos de identificação foram apresentados da seguinte maneira: **relacional** nas partes em negrito, o *acional* em itálico e o representacional sublinhado. O primeiro, revela o vínculo da dedicadora com as figuras homenageadas que, inclusive, foram nomeadas; o segundo, a ação refere-se as atitudes dos dedicatário em relação a dedicadora e; a terceira, a visão particular que a dedicadora tem de cada um dos homenageados.

O uso desses modos de identificação está disponível aos dedicadores, não há obrigatoriedade de estarem todos previstos no gênero, mas em muitos momentos percebemos que um modo evoca o outro e, fica a critério do(a) homenageador(a), a escolha explicitar ou ocultar essas identificações na dedicatória.

4.4 Organização retórica da dedicatória: estrutura dos movimentos retóricos

Em linhas gerais, as dedicatórias apresentam certa linearidade de organização composicional, estruturada em movimentos retóricos comum. Diante disso, as partes que formam o enunciado dedicatória não são delimitadas, muitas vezes, por parágrafos ou pontuação, mas pelo dito. Assim, são constituídos os movimentos retóricos que nos permitem identificar esse gênero.

Nesse caso, a subunidade constitui-se a dedicatória que, ao ser deslocada do hipergênero, é vista como unidade retórica.

Entretanto, o aspecto de alocação interfere efetivamente nessa análise, em virtude do objeto de estudo, por isso se analisou a dedicatória como subunidade retórica quando relacionada a aspectos de análise de dedicatório, integridade genérica ou hibridização de gênero.

Observamos que as dedicatórias apresentam certas estruturas quanto à estrutura retórica dos movimentos retóricos. Normalmente, são encontrados os seguintes elementos padrões:

Quadro 15 – Modelo estrutural dos movimentos retóricos na dedicatória

Movimento Retórico (MR)	Objetivo do MR	Forma de aplicação	Exemplo
1º MR	Identificar o(s) dedicatório(s)	Identificação: Determinante + Nomeação	A / Ao Paulo
2º MR	Estabelecer o vínculo relacional existente entre dedicador e dedicatório(s)	Modo de identificação Relacional	Meu esposo
3º MR	Descrever a ação retórica que justifica o vínculo	Modo de identificação Acional	Por ter me levado à universidade todas as vezes que necessitei
4º MR	Apresentar as impressões simbólicas do dedicador quanto ao(s) dedicatórios	Modo de identificação Representacional	Meu porto seguro

Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

A construção dos movimentos retóricos na dedicatória, a partir dos enunciados examinados, sugere inúmeras possibilidades, entretanto, os exemplos apresentados no quadro acima indicam, em linhas gerais, os movimentos prototípicos.

Há movimentos que aparecem em meio de epígrafes e, até mesmo, imagens criadas pelos dedicadores na feitura da dedicatória. Quanto às palavras usadas no gênero, são

diversificadas, pois as motivações das homenagens são inúmeras. Assim, as estratégias retóricas também variam para atender as necessidades da situação retórica.

Apesar de analisarmos dedicatórias no contexto acadêmico, em comunidades comunicativas distintas, há um leque de possibilidades de construções retóricas que os dedicatários podem usar, e a maioria não descaracteriza a integridade genérica da dedicatória, por manter os movimentos retóricos instaurados.

Com base nas análises realizadas, a hipótese levantada é de que a homenagem no contexto institucionalizado seja direcionada a membros dessa comunidade, pela especificidade do contexto sociorretórico institucionalizado, fazendo uso do padrão formal da gramática normativa da língua portuguesa. Isso se deve às normas (ABNT) e etc. estabelecidas no círculo intelectual a que o autor da dedicatória pertence.

Entretanto, o autor da dedicatória pode homenagear membros da família, amigos ou animais que não pertencem a este ambiente institucionalizado formal, mas que esteja no seu contexto informal de comunidades comunicativas a que esteja vinculado.

Outro aspecto interessante que ocorre com o gênero textual em estudo consiste na apresentação do dedicatário que possui certo padrão, por isso, quanto à construção da identificação do(s) dedicatário(s).

No processo de identificação da composição do gênero textual temos os seguintes itens:

Quadro 16 – Elementos de construção da identificação do dedicatário

Elementos Identificação do dedicatário	Exemplo	Descrição
1. Verbo de homenagem	Dedico	Geralmente usado na primeira pessoa do singular ou do plural.
2. Contração	À(s)	Crise da preposição a com o artigo definido feminino a. Para nomes destinados a palavras femininas, variando em singular ou plural, conforme a referência.
	Ao(s)	Combinação da preposição a com o artigo definido masculino o. Usado para referências de palavras masculinas, variando em singular ou plural.
3. Nomeação	Fulana, Beltrano	Nome próprio trata-se de um substantivo que distingue e identifica algo de forma específica, como uma pessoa ou instituição. Quando o nome próprio se refere a uma pessoa, é chamado de antropônimo;

	Professores	Nome comum (um substantivo que representa um grupo de pessoas), às vezes, usado com pronome indefinido (todos, todas)
4. Pronome possessivo	Minha(s)	Determina um substantivo (coisa ou pessoa) do gênero feminino que pertence à ou é parte de. Está relacionado com a primeira pessoa do singular (eu). Pode ser usado no singular ou plural, dependendo a quem se destina.
	Meu(s)	Determina um substantivo (coisa ou pessoa) relacionado à pessoa que fala, significando o sentido pertença a quem fala. Usado com referência a substantivos masculinos, seja no singular ou plural.
	Pai, mãe, avô, avó, irmã(o), esposo(a), amigo(s), professor(es) dentre outros.	Vínculo relacional que abrange desde o grau de parentesco a relações profissionais, seja em comunidades comunicativas formais como informais em diferentes contextos.

Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

Do ponto de vista da integridade genérica, há ocorrências simultâneas desses itens nas dedicatórias. Mesmo não sendo obrigatórios, são recorrentes, mantendo relativa estabilidade do gênero textual. Esses itens não ocorrem sempre na mesma sequência, mas é a partir da presença desses elementos que os movimentos retóricos são estabelecidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando decidimos pesquisar dedicatórias, para a maioria das pessoas que ouvimos, parecia ser um sonho impossível, mas, após muitas noites em claro, muitas hipóteses frustradas, leituras inesquecíveis e opiniões significativas, o sonho virou pesquisa e se transformou em realização.

O tipo de enfoque realizado na pesquisa revelou certa homogeneidade e estabilidade na composição da dedicatória, acreditamos que seja em virtude da situação retórica institucionalizada e pelas próprias escolhas dos dedicadores em elaborarem enunciados que fossem mais próximos do formato já existente.

A Análise de Gênero nos ensinou a investigar gêneros textuais utilizados no contexto acadêmico. Essa vertente teórica permitiu compreendermos a interação social dos membros das comunidades comunicativas estudadas, a partir da teoria de análise sociorretórica de gênero, na perspectiva de John Swales.

No eixo norteador deste estudo, buscamos identificar, nas dedicatórias institucionalizadas, como se dá o processo de constituição, distribuição e uso da dedicatória em comunidades comunicativas acadêmicas. As unidades retóricas selecionadas estão inseridas em dissertações acadêmicas de uma universidade pública goiana. Para isso, foram coletadas 68 dissertações de duas áreas de concentração: Educação e Linguagem (Letras e Linguística). Todavia, desse quantitativo foram encontradas 46 dedicatórias.

O período contemplado para a seleção das dissertações acadêmicas foi de janeiro de 2014 e dezembro de 2015. O recorte temporal foi fator determinante para seleção das dedicatórias, porque esses dois anos estavam mais próximos da realização do estudo, assim teríamos dados mais atualizados.

Constatamos que a elaboração de um texto parte da compreensão da situação retórica que motiva sua constituição, reconhecimento, uso e manutenção, estabelecidos por convenções dos membros do grupo. Isso ocorre em virtude da relação de convívio coletivo e das ações socialmente instauradas pelo grupo, pois elas vão formando o repertório dos gêneros que são utilizados e todos os membros da comunidade necessitam conhecê-los para manusear.

No que se refere à metodologia da pesquisa, esta investigação caracteriza-se como indutiva, pois partimos dos dados coletados para a teoria. Trata-se de uma pesquisa qualitativa do tipo exploratória. Para isso, selecionamos textos teóricos sobre os quatro eixos norteadores

do estudo: análise de gênero, estudos retóricos dos gêneros, contexto acadêmico e dedicatória. Nesse processo, definimos autores, textos, construímos fichamentos das referências e elaboramos fichas catalográficas de identificação das dedicatórias selecionadas para o *corpus* de análise o que colaborou para definição das categorias de análise.

A discussão partiu da tentativa de responder às seguintes questões norteadoras da pesquisa: Qual a organização retórica da dedicatória produzida por comunidades comunicativas distintas no contexto acadêmico? Quais os processos de identificação dos dedicadores em relação às pessoas homenageadas nas dedicatórias? Quais são as tipologias e categorias de análise da pesquisa, vinculadas à comunidade acadêmica?

Buscamos responder a esses questionamentos ao longo desta dissertação. Em síntese, sobre a primeira questão, descobrimos que a organização retórica evoca estruturas composicionais, mecanismos de hibridização, alocação específica e expressões típicas das comunidades comunicativas.

As outras questões de pesquisa foram sendo respondidas simultaneamente, quando definimos as quatro categorias gerais de análise: (a) a estrutura retórica do gênero, (b) os tipos de dedicatários, (c) os modos de identificação e (d) a estrutura dos movimentos retóricos.

Essas tipologias foram o ponto de partida para as análises e definiram o padrão de composição retórica da dedicatória, composto pela identificação do(s) dedicatário(s), o estabelecimento do vínculo relacional existente entre dedicador e dedicatário(s), a descrição da ação retórica que justifica o vínculo e a apresentação das impressões simbólicas do dedicador quanto ao(s) dedicatários.

Reconhecemos que as tipologias e categorias de análise da pesquisa estão vinculadas aos dedicatários, conteúdo das dedicatórias e às relações dos dedicadores com as pessoas homenageadas.

Segundo os resultados obtidos, constatamos que na dedicatória, há uma tríade de elementos de investigação composta pelo dedicador, dedicatário e leitor. O dedicador constitui a figura que homenageia, com o objetivo de honrar alguém ou algo que contribuiu no processo de produção do texto científico denominado dissertação acadêmica. É importante salientar que o dedicatário seria o indivíduo homenageado e o leitor é aquele que terá acesso ao gênero textual. No entanto, o dedicatário também tem a possibilidade de analisar o enunciado como leitor.

A dedicatória é considerada um texto opcional na dissertação acadêmica, embora se constitua como bloco retórico, pertencente à seção retórica de homenagem, situado na colônia retórica pré-textual. Descobrimos ainda que o padrão espacial de alocação na dissertação

acadêmica constitui-se da seguinte forma: o enunciado situa-se entre as páginas quatro e seis; portanto faz parte do grupo de gêneros pré-textuais do hipergênero; é alinhado à direita ou justificado com recuo de 4 cm, sem a utilização de recursos imagéticos, ou seja, composto somente parte verbal. Notamos que as ilustrações não estão presentes nas dedicatórias pesquisadas no ambiente institucionalizado.

Compreendemos que um gênero resulta de uma situação comunicativa específica. Para ele ser convencionalizado e reconhecido por seus usuários, deve apresentar determinadas formas de elaboração e o uso dentro de uma comunidade comunicativa. Apresentamos aqui não somente características encontradas no corpus, mas outras possibilidades de constituição das dedicatórias, a fim de colaborar caso outros formatos surjam em pesquisas posteriores.

Diferentemente do que pensávamos, os enunciados denominados dedicatórias têm sido estudadas ao longo da história, dentro e fora do ambiente acadêmico, partindo de pesquisadores como: Chartier (1995, 1999), Schawarcz (2002), Delmas (2008), Pinto (2011), Pereira De Nipoti (2011), Bezerra (2006, 2011) e Moraes (2014). Todavia, diante das dificuldades de realizar estudos sobre dedicatórias, alguns autores optaram falar de forma geral, sem pormenores. Nesses casos, a dedicatória constitui um gênero inserido em hipergêneros; outros optaram fazer o estudo, a partir de um período histórico ou de um autor específico.

Buscamos trazer a dedicatória, para o ambiente acadêmico, como um gênero textual, ancorado no embasamento teórico que facilite o processo de compreensão e, futuramente, de ensino e de aprendizagem desse gênero textual. Portanto, não tivemos a intenção de construir um manual ou definir regras rígidas de elaboração de dedicatórias, mas valorizar a investigação de um gênero que muitos utilizam sem levar em conta o impacto emocional de sua produção, além das reflexões que os leitores podem realizar por meio dos aspectos sociais que este enunciado pode evocar.

Neste estudo, almejamos contribuir com as pesquisas acadêmicas em Análise de Gêneros, na perspectiva da sociorretórica, do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias (PPGIELT) da Universidade Estadual de Goiás (UEG), visto que consistia em uma das lacunas do programa quando ingressamos nessa formação acadêmica. Desse modo, acreditamos que nossa contribuição científica foi significativa.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. A análise de textos na sala de aula: elementos e aplicações. **Língua e ensino: dimensões heterogêneas**, p. 13-20, 2000.
- ARAÚJO, Antônia Dilamar. Gêneros textuais acadêmicos: reflexões sobre metodologias de investigação. **Revista de Letras**, n. 26 - Vol. 1/2 - jan/dez. 2004.
- ASKEHAVE, Inger; SWALES, John M. Genre identification and communicative purpose: A problem and a possible solution. **Applied linguistics**, v. 22, n. 2, p. 195-212, 2001.
- ASSIS, Machado de. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Moderna, 1984. (Coleção Clássicos da Literatura Brasileira).
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR. 14724**: 2005. Informação e documentação. Trabalhos acadêmicos – Apresentação. Rio de Janeiro, 2005.
- BAKHTIN, Mikhail Mjkhailovitch (Volochinov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BAKHTIN, Mikhail Mjkhailovitch. **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra; Prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (Coleção Biblioteca Universal)
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. FIORIN, José Luiz. **Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade**. São Paulo: Edusp, 2003.
- BARROS, Mariângela Estelita. ELiS – Escrita das Línguas de Sinais: sua aprendizagem. Círculos de Estudos Linguísticos do Sul (CELSUL) Anais do IX Encontro do CELSUL. Universidade do Sul de Santa Catarina. Palhoça, SC, out. 2010.
- BAWARSHI, Anis S.; REIFF, Mary Jo. **Gênero: história, teoria, pesquisa, ensino**. São Paulo: Parábola, 2013.
- BAZERMAN, C. **Gênero, agência e escrita**. Judith Chambliss Hoffnagel, Angela Paiva Dionísio (Orgs.). Tradução e adaptação de J. C. Hoffnagel. 2. ed. São Paulo: Cortez, ([2006] 2011).
- BAZERMAN, Charles. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. Org. Charles Bazerman, Angela Paiva Dionísio, Judith Chambliss Hoffnagel. Tradução e adaptação Judith Chambliss Hoffnagel. Revisão Ana Regina Vieira et al. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- BAZERMAN, Charles. Systems of genres and the enactment of social intentions. **Genre and the new rhetoric**, v. 79101, 1994.
- BAZERMAN, Charles; MILLER, Carolyn R. Gêneros textuais. **Bate-papo Acadêmico. Recife: Núcleo de Investigações sobre Gêneros Textuais**, p. 67, 2011.

BEZERRA, Benedito G. Agrupamentos de gêneros: discutindo terminologias e conceitos. In: **CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN**. 2011. p. 602-610.

BEZERRA, Benedito Gomes. Colônia de gêneros: o conceito e seu potencial analítico. **IV SIGET**, 2007. p. 715-728.

BEZERRA, Benedito Gomes. Gêneros acadêmicos em cursos de especialização: conjunto ou colônia de gêneros?. **Rev. bras. linguist. apl.**, Belo Horizonte , v. 12, n. 3, p. 443-461, Sept. 2012

BEZERRA, Benedito Gomes. **Gêneros introdutórios em livros acadêmicos**. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Recife, 2006.

BEZERRA, Benedito Gomes. Letramentos acadêmicos na perspectiva dos gêneros textuais. **Fórum Linguístico**, v. 9, n. 4, 2013. p. 247-258.

BHATIA, V. K. *Analysing genre: language use in professional settings*. London: Longman, 1993.

BHATIA, Vijay K. Análise de gêneros hoje. Tradução de Benedito Gomes Bezerra. **Revista de Letras**, vol. 1/2 jan/dez, n. 23, 2001. p. 102-115.

BHATIA, Vijay K. Integrating products, processes, purposes and participants in professional writing. In: **Writing: Texts, processes and practices**, 1999. p. 21-39.

BHATIA, Vijay Kumar. 1993. **Analyzing genre: Language use in professional settings**. Routledge, 2014.

BHATIA, Vijay. Applied genre analysis: a multi-perspective model. Ibérica: **Revista de La Asociación Europea de Lenguas para fines específicos (AELFE)**, n. 4, 2002. p. 3-19.

BHATIA, Vijay. **Worlds of written discourse: A genre-based view**. A&C Black, 2004

BIASI-RODRIGUES, B.; ARAÚJO, J. C.; SOUSA, C. S. T. Análise de gêneros na abordagem de Swales: princípios teóricos e metodológicos. In: **Gêneros textuais e comunidades discursivas: um diálogo com John Swales**. Belo Horizonte: Autêntica, p. 17-32, 2009.

BIASI-RODRIGUES, Bernadete. **A diversidade de gêneros textuais no ensino: um novo modismo?** Perspectiva, Florianópolis, v. 20, n. 1, 2002. p. 49-64.

BIASI-RODRIGUES, B.; HEMAIS, B.; ARAÚJO, J. C. Análise de gêneros na abordagem de Swales: princípios teóricos e metodológicos. In: _____ (Org.). **Gêneros textuais e comunidades discursivas: um diálogo com John Swales**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 17-32. (Leitura, Escrita e Oralidade).

Bíblia de Estudo Palavras-Chaves: Hebraico e Grego. Trad. Almeida revista e corrigida, 4. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2011. Sociedade Bíblica do Brasil.

BONINI, Adair. A relação entre prática social e gênero textual: Questão de pesquisa e ensino. **Veredas** (UFJF), v. 11, n. 2, 2007. p. 58-77.

BONINI, Adair. Mídia/suporte e hipergênero: os gêneros textuais e suas relações. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 11, n. 3, 2011.p. 679-704.

BRONCKART, Jean-Paul. (1997). **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo**. Tradução de Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. São Paulo, EDUC, 2003b.

BRAGA, Laudelina. Tensões da matemática como conhecimento: instrumentalização e formação do homem autônomo. 2014.

CARNEIRO, Moaci Alves. **LDB Fácil: leitura crítico-compreensiva: artigo a artigo**. Petrópolis: Vozes, 1998.

CARNIELLO, Luciana Barbosa Candido. Políticas de formação continuada de professores: um estudo de caso da rede municipal de ensino de Anápolis. 2014.

CARVALHO, Gisele de. Gênero como ação social em Miller e Bazerman: o conceito, uma sugestão metodológica e um exemplo de aplicação. *In*: MEURER, José Luiz; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Desiree (Org.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola, 2005. p. 130-151.

CASTRO, Yeda Pessoa de. Influência das línguas africanas no português brasileiro. Disponível em: www.smec.salvador.ba.gov.br/documentos/linguas

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Tradução Reginaldo de Moraes. São Paulo: Ed. da UNESP, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.

CHARTIER, Roger. **Forms and meanings: Texts, performances, and audiences from codex to computer**. University of Pennsylvania Press, 1995.

COELHO, Paulo Coelho. **Onze minutos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

Confissão como estratégia de restrição na poética de Carlos Drummond de Andrade, Beltrão 2015

COORDENAÇÃO, DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR (CAPES). **Tabela de Áreas do Conhecimento**, 2016. Disponível em: http://www.capes.gov.br/images/stories/download/avaliacao/TabelaAreasConhecimento_042009.pdf. Acesso em: 12 jul. 2016.

COSTA, Alessandra Campos Lima de. A sinalização de histórias em libras: aspectos linguísticos e extralinguísticos. 2015.

COSTA, Rosângela do Nascimento. Impactos da avaliação diagnóstica nas aulas de língua portuguesa das escolas de Quirinópolis-Goiás. 2014.

DA ROCHA, José Geraldo; PUGGIAN, Cleonice. Influências terminológicas da cultura iorubá na língua portuguesa. 2011.

DE FRANÇA, José Marcos. Os implícitos no ensino da leitura: pressupostos e subentendidos. **Interdisciplinar-Revista de Estudos em Língua e Literatura**. Ano VII, V.16, jul-dez de 2012 - ISSN 1980-8879 | p. 61-75

DE GOMES, Angela Castro; DE CASTRO GOMES, Angela Maria. **Escrita de si, escrita da história**. FGV Editora, 2004.

DELMAS, Ana Carolina Galante. **Do mais fiel e humilde vassalo**: uma análise das dedicatórias impressas no Brasil joanino. Rio de Janeiro. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2008 [dissertação].

DEVITT, A. J. Intertextuality in tax accounting. *In*: BAZERMAN, C.; PARADIS, J. (Eds.). **Textual dynamics of the professions**. Madison: University of Wisconsin Press, 1991. p. 336-357.

DUCROT, Oswald. Pressupostos e subentendidos: a hipótese de uma semântica linguística. *In*: _____. O dizer e o dito. 2. ed. Revisão técnica da tradução de Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes Editores, 1987. p. 13-30.

EDIR, Eliane Garcia de Brito. Auxiliar de atividades educativas na educação infantil: constituição histórica e tensões de uma ocupação no âmbito da rede municipal de educação de Goiânia. 2014.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Izabel Magalhães, coordenadora da tradução, revisão técnica e prefácio. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001.

FALCHI, Flávia Leonell. A aplicabilidade de conceitos de palavra à língua Noke Koï. 2015.

FLOREK, Cristiane Salete. **Uma análise crítica de gênero de resumos acadêmicos gráficos**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Artes e Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, RS, 2015.

FLICK, U. Qualidade na Pesquisa Qualitativa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

Fonte: VENTURA, 2015, p. 5 denise freire ventura lationoméria e a pertinência épica da poesia.

FRANCISCO, Maria Aldina Gomes da Silva. Formação continuada de professores na educação de adolescentes, jovens e adultos: uma experiência da secretaria municipal de educação de Goiânia em 2013-2014. 2015.

GENETTE, Gérard. **Paratextos editoriais**. Tradução Álvaro Faleiros. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

GENETTE, Gérard. *Seuils*. Paris: Seuil, 1987.

GREIMAS, A. J. Dicionário de semiótica. A. J. Greimas e J. Courtés. São Paulo: Contexto 2008.

KILL, Melaine. Glossário. In: BAWARSHI, Anis S.; REIFF, Mary Jo. **Gênero: história, teoria, pesquisa, ensino**. São Paulo: Parábola, 2013. p. 251-258.

KRESS, Gunther. **Linguistic Processes in Sociocultural Practices**. Oxford: OUP, 1989.

LEA, Mary R.; STREET, Brian V. **Student writing in higher education: An academic literacies approach**. Studies in higher education, v. 23, n. 2, 1998. p. 157-172.

LIMA, Sostenes Cezar de. **Hipergênero: agrupamento ordenado de gêneros na constituição de um macroenunciado**. Tese (doutorado), Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2013.

MACEDO, Ondina Maria da Silva. **Gêneros discursivos em um assentamento rural: entrecruzamento de vozes**. 2014.

MARCUSHI, Luiz Antônio. Apresentação. In: BAZERMAN, Charles. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. Charles Bazerman, Angela Paiva Dionísio, Judith Chambliss Hoffnagel (Orgs.). Tradução e adaptação Judith Chambliss Hoffnagel. Revisão Ana Regina Vieira et al. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006. p. 9-13.

MARRA, Fernanda Ribeiro. **A confissão antropofágica de Flávio Carneiro**. 2015.

MARTINS, Aulus. **As margens do texto nas margens do cânone: paratexto, texto e contexto em Luanda e Mayombé**. Revista Ipotesi. Juiz de Fora, v. 14, n. 2, 2010. p. 169-177.

MARTINS, Débora Sousa. **A identidade no discurso pedagógico: o embate de vozes e lugares sociais**. 2014.

MARTINS, Mário Ribeiro. **Estudos Literários de autores Goianos**. Anápolis: FICA – Federação das Instituições Culturais de Anápolis, 1995.

MEURER, José Luiz; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Desiree (Org.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola, 2005.

MILLER, C. R. Genre as social action. **Quarterly Journal of Speech**, vol. 70, 1984. p. 151-176.

MORAES JUNIOR, Mario Pires de. **Candomblé-discurso em transe**, 2014.

MORAES, Renata Ribeiro de. **“Para João Antônio, pela força aos novos e à literatura”**: dedicatórias como elementos constituintes de um projeto literário. Tese (Doutorado) Faculdade de Ciências e Letras de Assis da Universidade Estadual Paulista. Área de conhecimento: Literatura e vida social, 2014.

MOREIRA, Patricia Veronica. Historiografia-linguística da Morfologia do conto maravilhoso de Vladimir Iakovlevich Propp. 2014.

MOTTA-ROTH, Désirée et al. Letramentos acadêmicos em comunidades de prática: culturas disciplinares. **Letras**, n. 52, p. 111, 2016.

NORONHA, Flávia Dayana Almeida. A educação para as relações étnico-raciais em escolas da rede municipal de educação de Goiânia. 2014.

OLIVEIRA, Érica da Silva. (Auto) representações de professores de espanhol em Goiás: construindo identidades profissionais. 2014.

PEREIRA, Glaucia Resende Marra. A adequação do currículo para alunos surdos em escolas comuns de Goiás: entre o prescrito e o realizado. 2014.

PEREIRA, Hélio Soares. **Horizonte vem esconder-se...** Esteio Ltda. Taguatinga, 1982.

PINTO, Luciana Cristina; DE NIPOTI, Cláudio. **O livro como dádiva:** as dedicatórias manuscritas nos livros do Centro Cultural Euclides da Cunha. Ponta Grossa, 1950-1960. **Métis: história & cultura**, v. 7, n. 13, 2011.

PAIVA, Gláucia Xavier dos Santos **Português para surdos:** uma via de mão dupla. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras, 2014.

QUEIROZ, Christie. **Elétrico, neurótico e sem juízo.** [s/d.]

RAMALHO, Viviane; RESENDE, Viviane de Melo. Análise de discurso (para a) crítica: o texto como material de pesquisa. Campinas-SP: Pontes Editores, 2011. Coleção Linguagem e Sociedade. Vol. 1.

RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. **Análise de discurso crítica.** São Paulo: Contexto, 2006.

RAMIRES, V. Gêneros textuais e relações de poder na comunidade acadêmica. **Veredas Online**, Juiz de Fora, n. 1, p. 66-79, 2007.

REIS, Jordana Avelino dos. Representações de alunos do fundamental II sobre a língua-cultura espanhola e seus falantes. 2014.

RINCON, Hugo Alves. A gestão democrática nas escolas de ensino fundamental da rede municipal de educação de Goiânia: desafios e possibilidades a partir da visão dos professores do conselho escolar. 2015.

RUSSELL, David R. et al. **Exploring notions of genre in academic literacies and writing across the curriculum:** approaches across countries and contexts. 2009.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **A longa viagem da biblioteca dos reis.** São Paulo: Cia. das Letras, 2002.

SILVA, Marcia Cristina. As pesquisas em educação básica realizadas no PPGE/FE/UFG. 2014.

SILVEIRA, Maria Inez Matoso. **Análise de gênero textual**: concepção sócio-retórica. Maceió: EDUFAL, 2005.

SOUSA, Cleide Santos de. A literatura infantil e a prática formativa na pré-escola: dialogando com questões étnico-raciais e a educação da criança indígena. 2014.

SWALES, John M. **Research genres**: exploration and applications. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

SWALES, John M. **Genre analysis**: English in academic and research settings. Cambridge University Press, 1990.

SWALES, John M. **Other floors, other voices**: A textography of a small university building. Routledge Mahwah: NJ: Lawrence, Erlbaum, [1998], 2013.

SWALES, John M.; FEAK, Christine B. (1994). **Academic writing for graduate students**: Essential tasks and skills. Ann Arbor, MI: University of Michigan Press, 2004.

SYLVIO, Mara Cristina. Ensinar e aprender nos anos iniciais do ensino fundamental: contribuições da teoria histórico-cultural e da teoria do ensino desenvolvimental. 2015.

TRUJILLO, Albeiro Mejia; TRUJILLO, Maria Francisca Ferreira. A concepção de gênero na lingüística textual: contribuições da escola norte-americana. **Revista Intertexto**, v. 3, n. 01, 2011. p. 61-84.